

JOSEPH MITHOFF

O SEGREDO DE JOE GOULD

**NO SEGREDO
DE UM BOÊMIO
CULTO,
EXCÊNTRICO
E POBRE,
A REVELAÇÃO DE
UMA NOVA YORK
DESCONHECIDA.
UMA OBRA-PRIMA
DO JORNALISMO
LITERÁRIO**

JORNALISMO  LITERÁRIO
COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

JOSEPH MITCHELL

O segredo de Joe Gould

Tradução
Hildegard Feist

Posfácio
João Moreira Salles

JORNALISMO LITERÁRIO

COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Nota do autor

1. O Professor Gaivota
2. O segredo de Joe Gould

Posfácio

O homem que escutava — João Moreira Salles

Nota do autor

Este livro consiste de duas visões de um mesmo homem, uma alma perdida chamada Joe Gould. Ambas são perfis feitos para a revista *The New Yorker*. O primeiro, “O Professor Gaivota”, escrito em 1942, foi publicado na edição de 12 de dezembro de 1942. Vinte e dois anos depois escrevi o segundo, “O segredo de Joe Gould”, que saiu nas edições de 19 e 26 de setembro de 1964.

*Para minhas irmãs, Elizabeth
Mitchell Woodward, Linda Mitchell
Lamm e Laura Mitchell Braswell,
com amor*

1. O Professor Gaivota

Joe Gould é um homenzinho alegre e macilento, conhecido em todas as lanchonetes, tabernas e botecos imundos do Greenwich Village há um quarto de século. Às vezes ele se gaba de ser o último dos boêmios. “Os outros todos caíram fora”, explica. “Uns estão na cova, outros no hospício e alguns no ramo publicitário.” Sua vida não é nada fácil; três flagelos o atormentam: falta de teto, fome e ressaca. Gould dorme nos bancos das estações do metrô, no chão do apartamento dos amigos e nos albergues da Bowery, onde o pernoite custa 25 centavos. De vez em quando se arrasta até o Harlem e por quinze centavos dorme num dos estabelecimentos conhecidos como “Anexos do Céu”, administrados por seguidores de Father Divine, o evangelista negro. Tem 1,62 metro de altura e dificilmente pesa mais que 45 quilos. Pouco tempo atrás comentou com um amigo que não faz uma refeição decente desde junho de 1936, quando foi de carona até Cambridge e participou de um banquete da classe de Harvard de 1911, à qual pertence. “Nos Estados Unidos, sou a maior autoridade em privação”, garante. “Vivo de ar, auto-estima, guimba de cigarro, café de caubói, sanduíche de ovo frito e ketchup.” E esclarece que café de caubói é café preto, forte, sem açúcar. “Há muito tempo perdi o prazer do bom café”, diz ele. “Prefiro o tipo que, se você sempre toma, fica com as mãos trêmulas e o branco dos olhos amarelo.” Ao comer um sanduíche, habitualmente despeja no prato um ou dois vidros de ketchup e come tudo, às colheradas. Os empregados do Jefferson Diner, na Village Square, escondem o ketchup assim que Gould põe o pé na porta. “Eu nem gosto muito desse troço, mas tenho o costume de engolir tudo que me aparece”, diz ele. “É o único grude grátis que eu conheço.”

Gould é ianque. Sua família se estabeleceu na Nova Inglaterra em 1635, e ele tem parentesco com muitas outras famílias antigas da região, como os Lawrence, os Clark e os Storer. “Nada em mim é acidental”, declarou certa vez. “Vou lhe contar o que foi necessário para fazer de mim o que sou hoje: velho sangue ianque, absoluta aversão a propriedades, quatro anos de Harvard e 25 anos de mata-bicho e gororoba carcomendo as entranhas.” Ele diz que destoa do resto da humanidade porque não quer ser proprietário de nada. “Se o senhor Chrysler tentasse me dar de presente o Chrysler Building, eu poderia quebrar o pescoço ao fugir dele”, assegura. “Eu não seria dono desse prédio; o prédio é que seria meu dono. Lá em Massachusetts me chamariam de velho ianque rabugento. Aqui me chamam de boêmio. É trocar seis por meia dúzia.” Gould tem a voz fanhosa e o sotaque de Harvard. O pessoal que trabalha nos bares do Village se refere a ele como Professor, Gaivota, Professor Gaivota, Mangusto, Professor Mangusto, Garoto do Bellevue. Ele veste roupas usadas que ganha dos amigos. O capote, o terno, a camisa e até os sapatos invariavelmente são grandes demais, porém ele os usa com uma espécie de garbo desolado. “Olhe só para mim”, costuma dizer. “A única coisa que me serve direitinho é a gravata.” Nos dias mais terríveis do inverno, procura proteger-se do frio colocando algumas folhas de jornal entre a camisa e a camiseta. “Sou esnobe: só uso o *Times*”, diz ele. Para cobrir a cabeça gosta de peças incomuns — gorro de esquiador, boina, boné de marinheiro. Numa noite de verão apareceu numa festa com um terno de anarruga, camisa pólo, faixa escarlate, sandálias e boné de marinheiro — tudo doado. Tem uma piteira preta e comprida e em boa parte do tempo fuma guimbas que cata nas calçadas.

A boemia deixou Gould velho demais. Ultimamente adquiriu o hábito de pedir a pessoas que acabou de conhecer que adivinhem sua idade. Os palpites vão de 65 a 75; ele tem 53. Mas não se aborrece com isso; ao contrário, acha que é uma prova de sua superioridade. “Vivo mais num ano que os comuns mortais em dez”, vangloria-se. Não tem nem um dente na

boca e quando fala seu maxilar inferior oscila de um lado para o outro. É careca, mas tem uma cabeleira longa e crespa na parte de trás da cabeça e uma barba densa, cor de canela. Usa uns óculos grandes demais, que estão sempre tortos e escorregando até a ponta do nariz. Nem sempre os usa na rua e, sem eles, tem o olhar desvairado de um velho estudioso que estropiou a vista lendo letras miúdas. Até mesmo no Village muita gente se volta para olhá-lo. Gould anda curvado, a passo rápido, resmungando consigo mesmo, inclinando a cabeça para a frente e para o lado. Em geral, carrega embaixo do braço esquerdo um portfólio bojudo e ensebado, de papelão pardo, e balança o braço direito agressivamente. Ao passar depressa, parece que está se esquivando de um inimigo imaginário. O artista Don Freeman, seu amigo, captou um momento desses num desenho que intitulou “Joe Gould versus os Elementos”. Inquieto e independente como um gato vira-lata, Gould dá longas caminhadas pela cidade e de quando em quando desaparece do Village por semanas, deixando os amigos perplexos: eles nunca conseguiram imaginar seu paradeiro. Ao voltar, sempre parecendo muito contente consigo mesmo, tece comentários enigmáticos, ri e se fecha. “Fui dar um giro pelo cais com uma velha condessa”, disse ele ao retornar de sua escapada mais recente. “Passamos três semanas estudando as gaivotas.”

Gould raramente se separa de seu portfólio. Quando está comendo, deixa-o no colo; nos albergues em que dorme, guarda-o embaixo do travesseiro. Em geral a pasta contém um calhamaço de manuscritos, anotações, cartas, recortes e exemplares de revistas obscuras, um tinteiro, um dicionário, um saco de papel com tocos de cigarro, outro com migalhas de pão, e um terceiro com umas balas duras, redondas e baratas, de sabor frutado e ácido. “Combato o cansaço com essas balas”, explica. As migalhas de pão são para os pombos: como muitos outros excêntricos, ele gosta de alimentá-los, e se afeiçãoou a um bando que estabeleceu seu quartel-general no alto e em torno da estátua de Garibaldi, na Washington Square. Esses pombos conhecem Gould. Quando o vêem sentar-se no pedestal da estátua, empoleiram-se em sua cabeça e em seus ombros, esperando que ele tire da pasta o saco de migalhas. Ele deu nome a alguns. “Venha cá, Boss Tweed”,

diz ele. “Hoje de manhã uma senhora que estava lá na Stewart’s deixou um resto de torrada de trigo integral e quando ela saiu — pimba! — peguei a sobra especialmente para você. Olá, Peitudo. Olá, Pançudo. Olá, Lady Astor. Olá, São João Batista. Olá, Polly Adler. Olá, Fiorello, seu bode velho, como vai?”

Embora se esforce para dar a impressão de que é um vagabundo filósofo, Gould tem trabalhado muito durante sua carreira de boêmio. Todos os dias, mesmo quando está com uma ressaca das bravas, ou com tanta fome que se sente fraco e desanimado, passa ao menos duas horas trabalhando num livro sem forma e misterioso que chama de “Uma história oral de nossa época”. Começou a escrevê-lo 26 anos atrás e está longe de concluí-lo. A preocupação com essa obra parece ser o motivo principal de seu estilo de vida; um emprego fixo, qualquer que fosse, atrapalharia suas reflexões, diz ele. Dependendo do tempo, Gould escreve nas praças, nas soleiras das portas, nos saguões dos hotéis baratos, nas lanchonetes, nos bancos das plataformas da ferrovia elevada, nos trens do metrô e nas bibliotecas públicas. Quando está inspirado, escreve até cansar, e ele se inspira em ocasiões peculiares. Conta que uma noite ficou seis ou sete horas sentado num bar da Terceira Avenida, escutando a história de uma velha húngara bêbada, que já tinha sido cafetina e traficante de drogas e agora era cozinheira de um hospital municipal. Três dias depois, estava dormindo num catre do Hotel Defender, na Bowery, 300, e por volta das quatro da madrugada acordou com o apito dos rebocadores no East River; não conseguiu mais pregar os olhos, pois se sentiu no estado de espírito perfeito para escrever a biografia da velha cozinheira e incorporá-la a sua história. Gould tem uma memória extraordinária; quando se impressiona com uma conversa, ainda que seja longa e absurda, consegue retê-la na lembrança por muitos dias, praticamente palavra por palavra. Estava gripado, mas levantou-se, vestiu-se à luz de um letreiro vermelho que indicava a saída e, caminhando na ponta dos pés para não acordar os homens que dormiam nos outros catres, desceu para o saguão.

Ali escreveu das 4h15 ao meio-dia. Então saiu, tomou um café num boteco da Bowery e foi à biblioteca pública, onde trabalhou com afinco na sala de genealogia — um de seus refúgios nos dias chuvosos —, da qual ele diz gostar mais que da sala de leitura principal, porque é mais escura. Quando a sala de genealogia fechou, às seis da tarde, passou para a sala de leitura principal e lá ficou, raramente desviando os olhos do trabalho, até a biblioteca fechar, às dez da noite. Então comeu dois sanduíches de ovo e engoliu um balde de ketchup numa lanchonete da Times Square. Como não tinha 25 centavos para pernoitar num albergue e estava absorto demais em seus pensamentos para ir até o Village procurar abrigo, tomou o metrô em West Side e viajou o resto da noite, escrevendo sem parar, enquanto o trem completava três viagens de ida e volta entre a estação New Lots Avenue, no Brooklyn, e a Van Cortlandt Park, no Bronx, que é um dos trajetos mais longos do sistema metroviário. Manteve o portfólio no colo e usou-o como escrivantina. Gould tem a resistência dos obcecados. Quando ficava sonolento demais para se concentrar, sacudia a cabeça vigorosamente e jogava uma bala na boca. As pessoas o encaravam, e um bêbado o interrompeu para lhe perguntar o que tanto escrevia. Gould sabe se livrar de bêbados intrometidos. Apontando para a orelha esquerda, falou: “O quê? O que é? Sou surdo como uma porta. Não escuto uma palavra”. O bêbado perdeu todo o interesse por ele. “Estava amanhecendo quando descii do metrô”, conta. “Eu tossia e espirrava, meus olhos doíam, os joelhos tremiam, eu estava com uma fome de lobo e tinha exatamente oito centavos no bolso. Nada disso me importava. Minha história tinha crescido, com onze mil palavras novinhas em folha, e naquele momento apostado que não havia em Nova York um presidente de empresa tão feliz quanto eu.”

Gould tem medo de morrer antes de concluir a primeira versão da História Oral, que já é onze vezes maior que a Bíblia. Calcula que os originais contenha 9 milhões de palavras, todas escritas por extenso. Trata-se, talvez, da obra inédita mais longa que existe: a História Oral e as notas

ocupam 270 cadernos de linguagem, desses que as crianças usam na escola, todos rasgados, imundos, manchados de café, gordura e cerveja. Gould usa uma caneta-tinteiro e enche os dois lados de cada folha, sem deixar margens em parte alguma; tem péssima caligrafia, e centenas de milhares de palavras são legíveis só para ele mesmo. Nenhum editor se interessou pelo trabalho. Gould já levou braçadas da História Oral a catorze editoras. “A metade falou que era uma obra obscena e ofensiva e me mandou tirá-la dali o mais depressa possível”, conta. “A outra metade reclamou que não conseguia ler minha letra.” Experiências dessa natureza não desanimam Gould; continua dizendo para si mesmo que escreve para a posteridade. No bolso interno do paletó sempre leva um envelope encardido, contendo um testamento em que lega dois terços do manuscrito à Biblioteca de Harvard e o terço restante à Smithsonian Institution. “Depois que eu morrer, os acadêmicos vão começar a folhear minha obra”, gosta de repetir. “Imagine só a surpresa deles. ‘Puxa, esse cara foi o historiador mais brilhante do século’, dirão. Hão de reconhecer meu valor. Não digo que toda a História Oral seja de primeira classe, mas uma parte dela terá vida tão longa quanto a da língua inglesa.” Os cadernos de linguagem ficavam espalhados pelo Village, em casa de amigos, socados nos armários, embaixo das camas, atrás dos livros nas estantes. No inverno de 1942, ao saber que o Metropolitan Museum transferira seus quadros mais preciosos para um depósito à prova de bombas, situado em algum lugar fora da cidade, e que resolvera mantê-los lá até a guerra terminar, Gould entrou em pânico. Reuniu correndo todos os cadernos, embrulhou-os em dois pedaços de encerado e confiou-os a uma conhecida que tem uma granja perto de Huntington, em Long Island. A casa da granja tem um porão de pedra.

Gould só registra na História Oral o que viu ou ouviu. Pelo menos a metade da obra consiste em conversas transcritas literalmente ou resumidas; daí o título. “O que as pessoas dizem é história”, afirma Gould. “O que nós pensávamos que era história — reis e rainhas, tratados, invenções, grandes batalhas, decapitações, César, Napoleão, Pôncio Pilatos, Colombo, William Jennings Bryan** — é só história formal e, em grande parte, falsa. Vou

registrar a história informal de gente em mangas de camisa — o que o povo tem a declarar sobre seus empregos, amores, comidas, pileques, problemas, tristezas — ou hei de morrer tentando.” A História Oral é uma vasta miscelânea, um amontoado de diz-que-diz-que, um repositório de tagarelice, uma coletânea de disparates, conversas moles, mexericos, embromações, baboseiras, despautérios — fruto de mais de 20 mil conversas, segundo a estimativa de Gould. Contém as biografias irremediavelmente incoerentes de centenas de desocupados, relatos das viagens de marujos que ele encontrou nos bares da South Street, descrições pavorosas de experiências vividas em hospitais e clínicas (“Você já passou por uma operação ou uma doença dolorosa?” é uma das primeiras perguntas que Gould, com a caneta-tinteiro e o caderno de linguagem em punho, faz para alguém que acabou de conhecer), resumos de inumeráveis arengas na Union Square e no Columbus Circle, depoimentos de convertidos registrados durante pregações de rua do Exército de Salvação e as confusas opiniões de muitos oráculos de praça e sábios de botequim. Durante um tempo Gould freqüentou os restaurantes 24 horas baratos dos arredores do Hospital Bellevue, escutando e transcrevendo fielmente as conversas de internos cansados, enfermeiras, atendentes, motoristas de ambulância, alunos da escola de embalsamamento, funcionários do necrotério. Em dia de parada, percorre a Quinta Avenida de um lado ao outro, tomando notas sem parar. Escreve com grande franqueza, chegando a um elevado percentual de obscenidade. Quase todos os dias acrescenta alguma coisa ao capítulo intitulado “Exemplos da chamada história suja de nossa época”. Em outro capítulo reuniu muitos versos e observações que encontrou rabiscados nas paredes dos banheiros do metrô. Ele acredita que esses rabiscos são historicamente tão verdadeiros quanto a estratégia do general Robert E. Lee. Dedicou centenas de milhares de palavras ao comportamento dos bêbados e às aventuras sexuais de vários profissionais moradores do Village na década de 1920. Descreve centenas de festas regadas a gim realizadas no bairro, incluindo mexericos sobre os convidados e relatos fiéis de suas discussões sobre assuntos como reencarnação, controle

da natalidade, amor livre, psicanálise, Ciência Cristã, swedenborgianismo, vegetarianismo, alcoolismo e diversos ismos políticos e artísticos. “Cobri amplamente o que se pode chamar de o submundo intelectual de minha época”, diz Gould. Sua cobertura inclui descrições detalhadas da vida noturna em muitos bares e restaurantes do Village, alguns dos quais não existem mais, como o Little Quakeress, o Original Julius, o Troubadour Tavern, o Samovar, a Hubert’s Cafeteria, o Sam Swartz’s TNT e o Eli Greifer’s Last Outpost of Bohemia Tea Shoppe.

Gould é notívago e descreve coisas terríveis que tem visto nas ruas escuras de Nova York — coisas como os bandos de ratazanas cinzentas que, antes do amanhecer, circulam tranquilamente por algumas calçadas do East Side e do Harlem. “Às vezes acho que não são ratos, e sim as almas penadas dos donos dos cortiços”, diz ele. Grande parte da História Oral tem forma de diário. Gould sofre de memória perfeita e de vez em quando resolve anotar em minúcias tudo que fez de relativa importância num determinado período do passado recente, que pode ser um dia, uma semana ou um mês. Às vezes escreve um capítulo em que monotonamente amaldiçoa alguém ou uma instituição. Volta e meia divaga sobre temas como a pulga de albergue, o espaguete, o zíper como sinal da decadência da civilização, a dentadura postiça, a insanidade, o sistema de júri, o remorso, a comida de lanchonete e o efeito castrador da máquina de escrever sobre a literatura. “William Shakespeare não ficava martelando um maldito troço nojento de 95 dólares, e Joe Gould também não fica”, escreveu.

A História Oral é quase tão digressiva quanto *Tristram Shandy*. No capítulo intitulado “Os homens bons estão morrendo como moscas”, Gould começa a escrever a biografia de Benny “Aposta” Altschuler, dono de um restaurante barato e apostador em cavalos de corrida que espetou a mão num furador de gelo enferrujado e morreu de tétano; alguns parágrafos depois pula para a história que um marinheiro lhe contou sobre um grupo de leprosos que bebia, dançava e cantava numa praia de Port-of-Spain, em Trinidad; daí passa para o caso do protesto realizado em 1915 diante de um

cinema de Boston contra a exibição de *O nascimento de uma nação*, ocasião em que deu um pontapé num policial; então passa para a descrição de uma visita que fez ao hospício de Central Islip, no decorrer da qual uma mulher o apontou e gritou: “É ele! Ladrão! Ladrão! Foi ele que arrancou meus gerânios e roubou a mula e a carroça da mamãe”; daí passa para o relato de um velho bêbado vagabundo que uma noite estava sentado numa soleira da Great Jones Street e vislumbrou e sentiu as chamas negro-azuladas do inferno e mais tarde, na mesma noite, viu sereias brincando no East River, bem ao norte do Fulton Fish Market; em seguida passa à explicação dada por um padre da Old St. Patrick’s Cathedral, que fica na Mott Street, na parte mais antiga de Little Italy, sobre o porquê de tantas italianas se vestirem sempre de preto (“Estão de luto perpétuo por Nosso Senhor”); e finalmente retoma a biografia de Benny “Apostá”, o dono do restaurante barato que morreu de tétano.

Poucas das centenas de pessoas que conhecem Gould leram algum trecho da História Oral, e a maioria acredita que se trata de pura maluquice. Quem tenta ler a obra geralmente empaca depois de dois capítulos e desiste. Gould afirma que pode contar nos dedos de uma das mãos ou de um dos pés aqueles que leram o bastante para formular uma opinião. Um desses leitores é o poeta e crítico Horace Gregory. “Considero Gould uma espécie de Samuel Pepys da Bowery”, diz ele. “Li vinte e tantos cadernos, e a maior parte tem a qualidade de uma competente redação escolar, mas algumas coisas foram escritas com a clara e maravilhosa veracidade de uma criança e aqui e ali há lampejos do obstinado espírito ianque. Se alguém se desse ao trabalho de separar o que é bom do que não presta, como os editores fizeram com milhões de palavras de Thomas Wolfe, talvez se descobrisse que Gould efetivamente escreveu uma obra-prima.” Outro leitor é o poeta e. e. cummings, amigo íntimo de Gould. cummings escreveu um poema sobre ele, o de número 261 de suas *Poesias reunidas*, que contém a seguinte definição da História:

[...] *um mito é tão bom quanto um sorriso mas a abre aspas história oral fecha aspas do pequeno joe gould poderia (nota dos editores) intitular-se a jornada de um espectro ou afinal à tona da água quando a bem dizer afundado ou uma amoral como-que-de-sobrevivente moralidade graças a inumeráveis tipos-de-morte*

Durante a década de 1920 Gould freqüentou a redação da *Dial*, a revista mais intelectualizada da época, atualmente extinta. Em abril de 1929, a *Dial* finalmente publicou um de seus ensaios mais curtos, “Civilização”, em que ele zomba da compra e venda de ações — “uma brincadeira de solteironas ranhetas” —, tacha arranha-céus e navios a vapor de “bricabraque” e opina que “o carro é desnecessário”. “Se toda a pervertida engenhosidade dedicada à fabricação de carros tivesse sido empenhada no aprimoramento das raças eqüinas, a humanidade estaria em melhor situação”, escreveu ele. O ensaio teve um efeito curioso sobre a literatura americana. Meses depois de sua publicação, um exemplar da *Dial* de abril apareceu num sebo de Fresno, Califórnia, e foi comprado por dez centavos por William Saroyan, que tinha então vinte anos e estava desesperado por se tornar escritor. O ensaio de Gould o impressionou e influenciou profundamente. “Libertou-me da preocupação com a forma”, diz ele. Doze anos mais tarde, no inverno de 1941, Saroyan viu no apartamento de Don Freeman, no Columbus Circle, uns retratos de Gould que o artista desenhara para a *Don Freeman’s Newsstand*, revista trimestral que continha cenas e personagens bizarras de Nova York e era publicada pela Associação dos Artistas Americanos. O escritor se empolgou e falou a Freeman de sua dívida para com Gould. “Quem é ele, afinal?”, perguntou. “Há anos que estou tentando descobrir. Ler aquelas poucas páginas na *Dial* foi como estar indo na direção errada, esbarrar no cara certo e nunca mais encontrá-lo.” Freeman lhe falou da História Oral. Saroyan sentou-se e redigiu um comentário para acompanhar os retratos de Gould na *Newsstand*. “Até hoje não li mais nada de Joe Gould”, escreveu, entre outras coisas. “No entanto, ele continua sendo para mim um dos poucos autores americanos autênticos e originais. Ele era fácil e despojado, e quase tudo o que se escrevia no país

era difícil e empolado. Nada tinha a ver com nada; tudo era burilado demais; tudo era miserável; tudo era meio doentio; tudo era literário; e não se conseguia dizer nada com simplicidade. Toda a literatura americana tentava se encaixar numa forma ou noutra, e nenhum escritor, exceto Joe Gould, demonstrava imaginação suficiente para compreender que, quando o ruim chegou ao pior, não havia mais necessidade de forma nenhuma. Não era preciso colocar o que se tinha a dizer num poema, num ensaio, num conto, numa novela. Bastava dizer.” Pouco depois da publicação dessa edição da *Newsstand*, alguém parou Gould na rua Oito e lhe mostrou o elogio de Saroyan. Gould deu de ombros. Andara bebendo, perdera a dentadura e no momento não estava interessado em assuntos literários. Depois de pensar melhor, porém, resolveu visitar Saroyan e pedir ajuda para conseguir uma dentadura. Descobriu que o escritor morava no Hampshire House, no Central Park Sul. Quando entrou no prédio, o porteiro o seguiu e lhe perguntou o que desejava. Gould respondeu que ia visitar William Saroyan. “O senhor conhece o senhor Saroyan?”, o porteiro quis saber. “Não, mas tudo bem”, Gould respondeu. “Ele é meu discípulo.” O porteiro perguntou: “Como assim, discípulo?”. “Como assim que ele é meu discípulo literário”, Gould esclareceu. “Quero pedir que compre uma dentadura para mim.” “Dentadura?”, perguntou o porteiro. “Como assim, dentadura?” “Dente comercial”, Gould explicou. “Dente postiço.” “Venha por aqui”, disse o porteiro, segurando-o pelo braço e conduzindo-o até a rua. Mais tarde Freeman providenciou um encontro, e então os dois passaram várias noites juntos nos bares. “Saroyan vivia dizendo que queria saber tudo sobre a História Oral, mas nunca tive a chance de lhe contar”, lembra Gould. “Só ele falava. Eu não conseguia abrir a boca.”

Desde que se entende por gente, Gould está perplexo com a própria personalidade. Incluiu na História Oral diversos ensaios autobiográficos e informa que todos são tentativas de explicar-se para si mesmo. Em “Por que não consigo me ajustar à civilização tal como é, ou Faça, não faça, faça, não

faça, um texto e tanto”, chegou à conclusão de que sua timidez é responsável por tudo. “Sou introvertido e extrovertido ao mesmo tempo”, escreveu, “uma mistura conflitante de recluso e leiloeiro da Sexta Avenida. Um pé diz faça, o outro diz não faça. Um pé diz cala a boca, o outro me manda berrar como um bezerro. Sou horrivelmente tímido, mas procuro evitar que as pessoas saibam disso. Elas iriam se aproveitar de mim.” Gould mantém sua timidez bem escondida. Só a demonstra quando está completamente sóbrio. Então é calado, desconfiado e retraído, mas com algumas cervejas ou uma dose de gim solta a língua e assume uma expressão marota. Tem uma extraordinária sensibilidade ao álcool. “Numa noite quente, basta caminhar dez minutos para lá e para cá na frente de um boteco, respirando fundo, e já fico bêbado”, afirma.

Embora precise de poucas doses, obtê-las, às vezes, exige um grande esforço. Na maior parte das noites ronda pelos bares e botecos do oeste do Village, à espreita de turistas curiosos dos quais possa arrancar cervejas, sanduíches e algum dinheiro. Se não encontra ninguém acessível nos bares tumultuosos da Sheridan Square, vai para a Sexta Avenida e ruma para o norte, até o Jericho Tavern, o Village Square Bar & Grill, o Belmar, o Goody's e o Rochambeau. Ele estabeleceu uma rotina. Só entra em lugar lotado. Então corre para a cabine telefônica e, fingindo que procura um número na lista, avalia a clientela. Se vê algum “freguês” em potencial, aproxima-se e diz: “Permita-me que me apresente. Sou Joseph Ferdinand Gould, formado em Harvard, *magna cum difficultate*, classe de 1911, e presidente da Sorte e Azar S. A. Em troca de uma bebida, posso recitar um poema, pronunciar uma palestra, discutir um tema ou tirar os sapatos e imitar uma gaivota. Prefiro gim, mas também aceito cerveja”. Gould não é, de forma alguma, um vagabundo. Acredita que a diversão que proporciona vale o que consegue filar. Não bajula ninguém e nunca agradece. Se o afastam polidamente, dá de ombros e vai embora. No entanto, se o freguês faz algum comentário do tipo “Fora daqui, vagabundo”, volta-se para o ofensor e, sem se importar com seu tamanho, passa-lhe uma descompostura

chula numa voz esganiçada e fanhosa. E não mede as palavras. Quando se enfurece, perde o medo. Larga o portfólio, cerra os punhos e desafia homens que poderiam matá-lo com um único golpe. Se não encontra ouvintes em sua andança pela Sexta, dirige-se para o oeste, para a Onze, e ruma para o Village Vanguard, em um porão da Sétima Avenida Sul. Antigo boteco imundo, onde se reuniam candidatos a artista, o Vanguard é atualmente um nightclub de sucesso. Gould conhece o proprietário, um homem chamado Max Gordon, há muitos anos e, em geral, se dá relativamente bem com ele. Sempre deixa o Vanguard para o fim. Tem confiança nele e o mantém de reserva. Mas o local lhe desagradava desde quando começou a prosperar. Ele desce a escada e diz: “Olá, Max, seu porco capitalista. Quero uma comidinha e uma cerveja. Se não conseguir, vou fazer um escarcéu na pista de dança”. “Vai falar com o cozinheiro”, Gordon responde. Gould entra na cozinha, come o que o cozinheiro lhe der, toma algumas cervejas, enche um saco de migalhas de pão e vai embora.

Apesar da timidez, Gould adora festas. No Village há muitas pessoas que dão grandes festas com certa frequência. Entre elas estão um velho médico rico e idiossincrático, uma solteirona velha e rica, um cenógrafo famoso, uma dupla teatral também famosa e numerosos pintores, escultores, escritores e editores. Ao saber que uma dessas pessoas está dando uma festa, Gould geralmente comparece, e em geral permitem que ele fique. A princípio fica num canto, quieto, tenso, duro como uma tábua, fumando um cigarro após outro. Mais cedo ou mais tarde, porém, impelido por uma ou duas doses e pelo desespero dos tímidos, começa a se exhibir. Escolhe a mulher mais bonita, aproxima-se, cumprimenta-a com uma reverência e beija-lhe a mão. Conta-lhe histórias infames sobre si mesmo. Torna-se exuberante; de repente, sem motivo nenhum, ri de prazer, pula e bate os calcanhares. “Quem é a favor de um espetáculo solo, diga ‘sim’, por favor!”, grita. Ao menor estímulo, despe-se da cintura para cima e executa uma dança que diz ter aprendido numa reserva Chippewa em Dakota do Norte e que chama de Sapateado Joseph Ferdinand Gould. Enquanto dança, batendo palmas e sapateando, canta uma velha canção do Exército de Salvação, “Há

moscas em mim, há moscas em você, mas não há moscas em Jesus”. Depois imita uma gaivota. Tira os sapatos e as meias e se põe a saltar pelo salão, totalmente desengonçado, sacudindo os braços como se fossem asas e emitindo um grasnido agudo a cada salto. Na infância, teve várias gaivotas de estimação e ainda passa muitos domingos num molhe de pesca da Sheepshead Bay observando-as; gaba-se de conhecer tão bem seus grasnidos que é capaz de traduzir poesia para sua linguagem. “Traduzi vários poemas de Henry Wadsworth Longfellow para o gaiivotês”, afirma.

A cada festa que vai, Gould inevitavelmente sobe numa cadeira ou numa mesa e pronuncia palestras baseadas em trechos da História Oral. Mesmo sendo breves, essas palestras recebem títulos longos, como “Bêbado como um gambá, ou Como medi a cabeça de mil e quinhentos índios a zero grau” e “O terrível hábito do tomate, ou Cuidado! Cuidado! Abaixo o dr. Gallup!”. Ele é cético em relação a estatísticas. Em sua última palestra, utilizando estatísticas que diz ter encontrado na seção de finanças dos jornais, prova que “a ingestão de tomates por engenheiros ferroviários foi responsável por cinquenta e três por cento dos acidentes com trens que ocorreram nos Estados Unidos nos últimos sete anos”. Quando chega a uma festa, as pessoas que nunca o viram geralmente se afastam. Antes do fim da noite, contudo, algumas delas quase sempre já lhe dedicaram uma espécie de respeito perplexo; levam-no para um canto, fazem-lhe perguntas e tentam definir o que há de errado com ele. Gould se diverte com isso. Certa vez uma jovem lhe contou: “Quando você apareceu e beijou minha mão, eu falei para mim mesma: ‘Que velho simpático!’. Um minuto depois, olhei em torno, e você estava pulando, sem camisa, imitando um índio selvagem. Fiquei chocada. Por que você tem de ser tão exibicionista?”. Gould respondeu: “Madame, o boêmio tem o dever de se exhibir. Se minha informalidade a leva a pensar que sou um bêbado bobo, ou que meu lugar é no Bellevue, atenha-se firmemente a essa convicção, atenha-se firmemente, atenha-se firmemente, e mostre sua ignorância”.

Gould nasceu em Norwood, um subúrbio de Boston, Massachusetts. Pertence a uma família de médicos. Seu avô, Joseph Ferdinand Gould, cujo nome ele herdou, lecionava na Escola de Medicina de Harvard e tinha consultório em Boston. Seu pai, Clarke Storer Gould, era clínico geral em Norwood. Serviu no Corpo Médico do Exército como capitão e morreu de septicemia num bivaque em Ohio, durante a Primeira Guerra Mundial. A família era abastada, mas, quando Gould já estava crescendo, seu pai investiu impensadamente em ações de uma empresa que negociava terras no Alasca. Gould diz que foi para Harvard só porque era costume da família. “Eu não queria ir”, escreveu num de seus ensaios autobiográficos. “Pretendia ficar em casa, na varanda dos fundos, sentado na cadeira de balanço, pensando.” Ele diz que foi um estudante medíocre. Entre seus colegas de classe figuravam o poeta Conrad Aiken, o dramaturgo e ator Howard Lindsay, o cartunista Gluyas Williams e o ex-presidente da Bolsa de Valores nova-iorquina Richard F. Whitney. Seus melhores amigos eram três estudantes estrangeiros — um chinês, um siamês e um albanês.

Sua mãe sempre achou que ele seria médico, mas, quando se bacharelou, Gould disse a ela que considerava encerrada sua educação formal. Ela lhe perguntou o que pretendia fazer. “Pretendo perambular e refletir”, respondeu ele. Nos três anos seguintes, passou a maior parte do tempo perambulando e refletindo no rancho de um tio, no Canadá. Em 1913, num restaurante albanês de Boston chamado Scanderbeg, de cujo café gostava, conheceu Theofan S. Noli, arquiemandrita da Igreja Ortodoxa albanesa, que despertou seu interesse pela política dos Bálcãs. Em fevereiro de 1914, Gould surpreendeu a família ao anunciar que pretendia dedicar o resto da vida a coletar fundos para libertar a Albânia. Fundou, em Boston, uma organização chamada Amigos da Independência Albanesa, inscreveu uns vinte e poucos membros pagantes e se pôs a telegrafar e a telefonar para perplexos editores de jornais de Boston e de Nova York, tentando convencê-los a publicar longos tratados, escritos por Noli, sobre a situação da Albânia. Uns oito meses depois, estava sentado no Scanderbeg, tomando café e escutando um grupo de operários albaneses discutir, em sua língua, sobre a

política dos Bálcãs, quando chegou à repentina conclusão de que estava prestes a sofrer um colapso nervoso. “Comecei a me contorcer incontrolavelmente e a ver tudo dobrado”, conta. A partir de então seu interesse pela Albânia arrefeceu.

Após mais um período de perambulação e reflexão, Gould resolveu estudar eugenia. Ele não se lembra exatamente como isso aconteceu. De qualquer modo, passou o verão de 1915 no Eugenics Record Office, em Cold Spring Harbor, Long Island, fazendo um curso sobre trabalho de campo na área da eugenia. Essa organização, mantida pela Carnegie Institution, dedicava-se na época a estudar famílias de deficientes hereditários, indigentes e indivíduos problemáticos em várias comunidades altamente endógamas. Essa gente era prosaica demais para Gould; decidiu especializar-se em índios. Naquele inverno, partiu para a Dakota do Norte e mediu a cabeça de mil Chippewas da reserva Turtle Mountain e de quinhentos Mandans da reserva Fort Berthold. Atualmente, quando lhe perguntam por que tomou nota dessas medidas, muda de assunto, explicando que se trata de “profundo segredo científico”. Ele foi feliz em Dakota do Norte. “Foi a fase mais gratificante de minha vida”, assegura. “Sou bom cavaleiro, e não é porque sou eu quem diz, e gosto de dançar e de berrar, e parece que os índios apreciavam minha companhia. Tive medo de que me achassem maluco quando pedi permissão para medir a cabeça deles, mas não se incomodaram. Parece que se divertiram. Os índios são os únicos aristocratas verdadeiros que conheci. Deviam governar o país, e nós devíamos ficar nas reservas.” Depois de sete meses nessa vida, Gould ficou sem dinheiro. Voltou para Massachusetts e tentou inutilmente angariar fundos para uma nova expedição medidora de cabeças. “Nesse momento crítico de minha vida, resolvi me dedicar à literatura”, conta. Foi para Nova York e arrumou um emprego de assistente de repórter policial no *Evening Mail*. Certa manhã do verão de 1917, depois de trabalhar como repórter por um ano, estava tomando sol (e tentando superar uma ressaca) nos fundos da chefatura de polícia, quando lhe ocorreu a idéia da História Oral. Imediatamente

abandonou o emprego e começou a escrever. Num momento de exaltação declarou: “Desde essa manhã fatídica, a História Oral tem sido minha corda e minha força, minha cama e minha comida, minha esposa e minha puta, minha ferida e o sal em cima dela, meu uísque e minha aspirina, minha rocha e minha salvação. É a única coisa que tem algum valor para mim. O resto é lixo”.

Gould diz que raramente tem mais de um dólar no bolso e não se importa com isso. “Em geral, desprezo o dinheiro”, afirma. No entanto muita gente do Village acredita que ele é rico e vive da renda de uma propriedade que herdou na Nova Inglaterra. “Só um velho milionário poderia andar por aí tão esfarrapado”, um barman lhe disse recentemente. “Você é um desses caras que morrem na rua, e, quando a polícia vai ver, encontra os bolsos deles cheios de talões de cheque. Aposto que, se você quisesse, poderia entrar no West Side Savings Bank neste exato momento e sacar vinte mil dólares.” Após a morte de sua mãe, em 1939, Gould realmente herdou algum dinheiro. Amigos íntimos dizem que foi menos de mil dólares, que ele gastou em menos de um mês, pagando bebida em todo o Village para gente que nunca tinha visto. “Ele parecia infeliz com dinheiro no bolso”, conta Gordon, o proprietário do Vanguard. “Quando gastou tudo, parecia que tinha tirado um peso das costas.” Enquanto esbanjava sua herança, Gould fez uma coisa que lhe proporcionou enorme satisfação. Comprou um rádio grande e reluzente, foi até a Sexta Avenida e o despedaçou a pontapés. Não gostava de rádios. “Cinco minutos da falação idiota que sai desses aparelhos são suficientes para revirar o estômago de um bode”, diz ele.

Na década de 1920 e no começo dos anos 30 Gould interrompia eventualmente seu trabalho na História Oral a fim de posar para os alunos da Liga dos Estudantes de Arte e fazer crítica de livros para jornais e revistas. Ele diz que houve períodos em que levou uma vida confortável com o dinheiro que ganhava dessa forma. Burton Rascoe, editor de literatura do velho *New York Herald Tribune*, deu-lhe bastante trabalho. Em A

Bookman's Daybook, um diário que registra acontecimentos do mundo literário nova-iorquino nos anos 20, Rascoe relata uma experiência com Gould. “Uma vez lhe encomendei a resenha de um pequeno livro sobre os índios americanos”, escreveu, “e ele me entregou material suficiente para encher três edições completas do *Tribune* de domingo. Eu o respeito muito, porque, ao contrário da maioria dos críticos, ele nunca me pressionou para saber por que não publiquei um texto dele. Ele expressava sua opinião, que era considerável, sobre o livro, o autor e o tema, e para ele o assunto se encerrava ali.” Gould diz que abandonou esse tipo de trabalho por achar indigno competir com máquinas. “O *Times* de domingo e o *Herald Tribune* de domingo têm máquinas que fazem resenhas de livros”, explica. “É só pôr um livro numa dessas máquinas e acionar umas alavancas que a crítica sai pronta.” Nos últimos anos, Gould tem vivido com menos de cinco dólares por semana. Ele tem alguns amigos, como o escritor e editor Malcolm Cowley, o fotógrafo e documentarista Aaron Siskind, o poeta e. e. cummings e o proprietário do nightclub, Gordon, que lhe dão regulamente pequenas quantias de dinheiro. Independentemente do que pensam sobre a História Oral, todas essas pessoas respeitam muito a pertinácia de Gould.

Gould não tem em alta conta a maioria dos escritores, poetas, pintores e escultores do Village e costuma dizer o que pensa. Por causa de sua franqueza nunca foi aceito em nenhuma organização artística, literária, cultural nem em “ismos” de qualquer natureza. Durante dez anos tentou ingressar no Círculo de Poesia Raven, que todo verão realiza a exposição de poesia na Washington Square e é a organização mais poderosa do gênero no Village, mas sempre foi recusado. Francis Lambert McCrudden, funcionário aposentado da Companhia Telefônica de Nova York, comanda o Raven. Durante muitos anos, ele recolheu moedas dos telefones públicos para a companhia telefônica. Autodidata e muito idealista, tem como tema favorito a dignidade do trabalho e sua obra mais importante é o poema autobiográfico “O catador de níqueis”. “Deixamos o senhor Gould assistir a

nossas leituras e gostaríamos de admiti-lo, mas não podemos”, declarou certa vez. “Ele não leva a poesia a sério. Servimos vinho em nossas leituras, e é só por isso que ele comparece. Às vezes insiste em ler poemas bobos de sua autoria, e é irritante. Em nossa Noite de Poesia Religiosa, pediu licença para recitar um poema que escrevera intitulado ‘Minha religião’. Eu lhe disse para ir em frente, e ele recitou o seguinte:

*'No inverno sou budista,
E no verão sou nudista'.*

“E em nossa Noite de Poesia da Natureza ele implorou para declamar uns versos de seu poema ‘A gaivota’. Dei-lhe permissão, e ele saltou da cadeira e começou a sacudir os braços, a pular e a gritar: ‘Scriiic! Scriiic! Scriiic!’. Foi desconcertante. Somos poetas sérios e não aprovamos esse tipo de comportamento.” No verão de 1942, Gould protestou diante da exposição do Raven, pendurada na cerca de uma quadra de tênis da Washington Square Sul. Numa das mãos segurava seu portfólio e na outra um cartaz em que escrevera: “JOSEPH FERDINAND GOULD, EXÍMIO POETA DE POETVILLE, REFUGIADO DOS RAVENS. POETAS DO MUNDO, INFLAMEM-SE! VOCÊS NÃO TÊM NADA A PERDER, ALÉM DO MIOLO!”. Ao pavonear-se de um lado para o outro, de quando em quando dava um salto e perguntava aos transeuntes: “Quer saber o que Joe Gould pensa do mundo e de tudo que existe nele? Scriiic! Scriiic! Scriiic!”

(1964)

* William Jennings Bryan (1860-1925): líder do Partido Democrata, exerceu grande influência na política americana entre o final do século XIX e o começo do século XX. (N. E.)

2. O segredo de Joe Gould

Joe Gould era um homenzinho esquisito, paupérrimo, desempregado crônico, que chegou à cidade em 1916 e aos trancos e barrancos conseguiu sobreviver por mais de 35 anos. Pertencia a uma das famílias mais antigas da Nova Inglaterra (“Os Gould já eram os Gould quando os Cabot e os Lowell eram marisqueiros”, costumava dizer), nasceu e se criou numa cidade próxima de Boston, onde seu pai era um cidadão ilustre, estudou em Harvard, como seu pai e seu avô, mas afirmava que, até chegar a Nova York, sempre se sentiu deslocado. “Em minha cidade natal, nunca me senti à vontade”, escreveu certa vez. “Eu destoava. Nem em minha própria casa eu me sentia em casa. Em Nova York, principalmente no Greenwich Village, entre os maníacos, os desajustados, os que têm só um pulmão, os que já foram alguma coisa na vida, os que poderiam ter sido, os que gostariam de ser, os que nunca serão e os que só Deus sabe, sempre me senti à vontade.”

Gould parecia um vagabundo e vivia como um vagabundo. Usava roupas doadas e dormia em albergues ou nos quartos mais baratos dos hotéis baratos. Às vezes dormia na soleira das portas. Passava a maior parte do tempo nas tabernas, nas lanchonetes e nos botecos do Village, ou vagando pelas ruas, ou procurando amigos e conhecidos em toda a cidade, ou sentado nas bibliotecas públicas, rabiscando em cadernos escolares de linguagem. Geralmente andava imundo. Com freqüência, passava dias sem lavar o rosto e as mãos, e raramente vestia uma camisa lavada ou um terno limpo. Como norma, usava uma roupa continuamente, até ganhar outra; então jogava fora a antiga. Cortava o cabelo esporadicamente (“Páscoa sim, Páscoa não”, dizia) e para isso ia a uma escola de barbeiros da Bowery. Sofria de um tipo de conjuntivite crônica, altamente contagiosa, conhecida como olho vermelho. Tinha uma voz desagradavelmente fanhosa. Às vezes

roubava. Em geral, roubava livros de livrarias e os vendia aos sebos, porém, se estava muito apertado, roubava dos amigos. (Numa noite terrivelmente fria bateu na porta de um escultor que era quase tão pobre quanto ele e obteve permissão para passar a noite no chão, enrolado como uma múmia em folhas e folhas de jornal e nos panos usados para cobrir as estátuas; na manhã seguinte se levantou cedo, roubou umas ferramentas do escultor e as penhorou.) Ademais, era disparatado, arrogante, intrometido, mexeriqueiro, caçoísta, sarcástico e grosseiro. Contudo, durante anos, sucessivamente, muitos homens e mulheres lhe deram roupas velhas e pequenas quantias de dinheiro, pagaram-lhe refeições, bebida e alojamento, convidaram-no para festas e para fins de semana no campo, ajudaram-no a obter coisas como óculos e dentadura ou se interessaram por ele de alguma outra forma — uns porque simplesmente o achavam divertido, outros porque tinham pena dele, ou porque o viam com um olhar sentimental como uma relíquia do Village de sua juventude, ou porque gostavam de menosprezá-lo, ou por motivos que provavelmente nem eles mesmos sabiam ao certo, ou porque acreditavam que um livro que ele andara escrevendo durante muitos anos poderia, talvez, revelar-se um bom livro, até mesmo um grande livro, e queriam incentivá-lo a prosseguir nesse trabalho.

Gould chamava o livro de “Uma história oral”, às vezes acrescentando “de nosso tempo”. Da maneira como a descrevia, a História Oral se compunha de coisas que escutara, considerara significativas e anotara, literal ou resumidamente — tudo, desde uma observação que ouvia na rua até uma conversa de horas numa sala cheia de gente —, e de ensaios que comentavam essas coisas. Algumas têm um significado óbvio e nada mais, dizia, e algumas têm no mínimo outro significado e às vezes vários outros significados ocultos por trás de seu significado evidente — e com freqüência a pessoa que fala não se dá conta disso. Era o segundo tipo de conversa que ele estava coligindo para a História Oral. Gould se declarava convencido de que tais conversas poderiam esconder em si uma grande significação histórica. Poderiam conter presságios, afirmava — presságios de cataclismos,

como palavras escritas na parede muito antes da queda do reino* —, e ele gostava de citar um dístico de “Augúrios da inocência”, de William Blake:

*O grito da meretriz, de rua em rua,
Tecerá a mortalha da Velha Inglaterra.*

Tudo dependia, dizia ele, da maneira como se interpretava a conversa; nem todos tinham a capacidade de interpretá-la. “Sim, você está certo”, respondeu certa ocasião a um detrator da História Oral. “São apenas coisas que ouvi as pessoas dizerem, mas pode ser que eu tenha uma capacidade peculiar — talvez possa compreender o significado do que as pessoas dizem, talvez saiba ler seu sentido oculto. *Você* talvez escute uma conversa entre dois velhos num bar ou entre duas velhas num banco de jardim e a considere uma baboseira da pior espécie, e *eu* talvez escute a mesma conversa e perceba nela um profundo significado histórico.”

“No futuro pode ser que as pessoas leiam a História Oral de Gould para ver o que fizemos de errado”, disse em outra ocasião, “da mesma forma que lemos *Declínio e queda*, de Gibbon, para ver o que os romanos fizeram de errado.”

Gould contava às pessoas que encontrava nos botecos do Village que a História Oral já tinha milhões e milhões de palavras e era, sem dúvida alguma, a obra literária inédita mais longa que havia, porém estava longe de concluída. Dizia que não esperava publicá-la em vida, sendo os editores o que eram, cegos como toupeiras, e às vezes vasculhava os bolsos, tirava um testamento que fizera, referente à obra, e o lia em voz alta. “Após meu falecimento, tão logo seja conveniente para todos os envolvidos”, especificou, “meus cadernos manuscritos serão recolhidos nos vários e diversos locais em que estão guardados, serão postos na balança e pesados, e dois terços deles, por peso, serão doados à Harvard Library e o terço restante será doado à biblioteca da Smithsonian Institution.”

Gould quase sempre escrevia em cadernos de linguagem — do tipo que as crianças usam na escola: com pauta, lombada costurada, capa mole e tabuada impressa na capa de trás. Geralmente, ao encher um caderno,

deixava-o com a primeira pessoa conhecida e confiável que encontrava em suas andanças — o caixa de um restaurante, o dono de um bar, o recepcionista de um hotel ou de um albergue — e pedia-lhe que o guardasse. Depois, a intervalos de poucos meses, ia de um lugar a outro e recolhia todos os cadernos que acumulara. A quem demonstrava curiosidade com relação a isso explicava que estava estocando os cadernos na casa de um velho amigo, no apartamento de um velho amigo ou no ateliê de um velho amigo. Dificilmente identificava algum desses velhos amigos pelo nome, porém às vezes fornecia uma rápida e vaga descrição de um deles — “um colega meu que mora em Connecticut e tem um sótão espaçoso”, ou “uma conhecida minha que mora sozinha num apartamento dúplex”, ou “um escultor que eu conheço que tem ateliê num depósito reformado”. Quando se referia à História Oral, sempre ressaltava a extensão e o volume. Mantinha as pessoas atualizadas no tocante à extensão. Numa noite de junho de 1942, por exemplo, informou a um conhecido que no momento a História Oral tinha “aproximadamente nove milhões duzentas e cinquenta e cinco mil palavras, ou”, acrescentou, erguendo a cabeça com orgulho, “cerca de doze vezes a extensão da Bíblia”.

Em 1952, Gould sofreu um colapso na rua e foi levado para o Hospital Columbus. O Columbus o transferiu para o Bellevue, e o Bellevue o mandou para o Pilgrim State, em West Brentwood, Long Island. Foi no Pilgrim que ele morreu de arteriosclerose e senilidade, em 1957; tinha 68 anos de idade. Logo após o enterro, seus amigos do Village começaram a procurar o manuscrito da História Oral. Depois de vários dias, encontraram três coisas que ele havia escrito — um poema, o fragmento de um ensaio e uma carta pedindo dinheiro. No mês seguinte, acharam mais algumas cartas do mesmo teor. Procuraram e perguntaram a numerosas pessoas que Gould poderia ter encarregado de guardar alguns cadernos e visitaram todos os lugares em que ele vivera ou freqüentara que conseguiram lembrar ou averiguar, porém não tiveram sucesso. Nenhum caderno foi encontrado, nem então, nem depois.

Em 1942, por motivos que explicarei mais adiante, eu me envolvi com a vida de Gould e me mantive em contato com ele durante seus dez últimos anos na cidade. Ao longo desses anos, passei muitas horas escutando-o. Escutei-o quando estava sóbrio e o escutei quando estava bêbado. Escutei-o quando estava deprimido e manso — quando, como ele dizia, se sentia tão por baixo que precisava ficar na ponta dos pés para alcançar o fundo — e o escutei quando estava possuído por uma exaltação incoerente. Escutei-o tanto que consegui chegar a algumas conclusões e entender, ao menos em parte, o que ele falava quando estava muito bêbado ou muito exaltado ou ambas as coisas ao mesmo tempo, e pouco a pouco, sem ter essa intenção, aprendi a seu respeito coisas que talvez não fosse de sua vontade que eu soubesse, ou que, por outro lado, como ele tinha uma mente sinuosa e gostava de complicações, talvez fosse de sua vontade que eu soubesse — nunca vou ter certeza. De qualquer modo, estou certo de que sei por que nunca se encontrou o manuscrito da História Oral.

Quando Gould morreu, decidi guardar isso e as outras coisas que inadvertidamente descobri sobre ele — na época achei que seria desleal agir de outra forma; o que passou, passou —, mas depois cheguei à conclusão de que minha decisão não fazia sentido e que eu devia contar o que sei, e é o que vou fazer.

Antes de prosseguir, no entanto, sinto-me na obrigação de explicar como cheguei a essa conclusão.

Há alguns meses, eu estava tentando arrumar um pouco mais de espaço em minha sala e encontrei uns papéis referentes a Gould que enchiam a metade de uma gaveta do arquivo: anotações de conversas que tivera com ele, cartas dele e de outras pessoas sobre ele, revistas que traziam artigos e poemas escritos por ele, recortes de jornal que falavam dele, retratos e fotos dele, e assim por diante. Eu havia perdido grande parte de meu interesse por Gould muito antes de sua entrada no Pilgrim State — com a idade, seus defeitos se intensificaram e até mesmo as pessoas que mais o estimavam e continuavam a vê-lo o temiam —, porém, quando me pus a examinar as pastas, tentando decidir o que deveria guardar e o que deveria jogar fora,

meu interesse por ele reavivou-se. Encontrei 29 cartas, bilhetes e postais enviados por ele. De início, dei apenas uma olhadela, mas acabei por relê-las com atenção. Uma carta em especial me interessou. Datava de 12, 17 ou 19 (impossível decifrar) de fevereiro de 1946; a letra de Gould, que sempre fora difícil de ler, tornara-se tremida.

“Ontem à noite encontrei no Minetta Tavern um jovem pintor que conheço e sua esposa”, ele escreveu, “e me disseram que recentemente foram a uma festa no apartamento de uma pintora chamada Alice Neel, uma velha amiga minha, e que ela lhes mostrou um retrato meu que havia feito anos atrás. Perguntei-lhes o que acharam. A mulher do jovem pintor foi a primeira a se manifestar. ‘É um dos quadros mais chocantes que já vi’, disse ela. E o marido concordou plenamente. ‘Assino embaixo’, ele falou. Fiquei muito contente, sobretudo com a reação do rapaz, pois ele é um abstracionista de sucesso, está na linha de frente da vanguarda e só se impressiona com quadros totalmente sem sentido e concluídos em meia hora. Eu posei para esse retrato em 1933, ou seja, há treze anos, e o fato de ainda o acharem chocante depõe a seu favor. Depõe a favor de sua possibilidade de ter a única qualidade comum a todos os grandes quadros: a capacidade de perdurar. Talvez eu já lhe tenha escrito ou falado sobre esse retrato, não sei. Se o fiz, peça-lhe paciência; estou perdendo a memória. Nos ateliês desta cidade há muitos quadros que o pessoal do mundo da arte conhece bem, mas que não podem ser expostos nas galerias ou nos museus porque provavelmente seriam considerados obscenos e acarretariam problemas para a galeria ou o museu, e esse é um deles. Centenas de pessoas o viram ao longo dos anos, inclusive muitos pintores que expressaram admiração por ele, e tenho um pressentimento de que um dia desses, da maneira como as pessoas estão se acostumando com o que se chama de obsceno, acabará sendo pendurado no Whitney ou no Metropolitan. Alice Neel vem de uma cidadezinha próxima a Filadélfia e estudou na Escola de Desenho para Mulheres, na Filadélfia. Morava no Village, mas faz tempo que se mudou para um bairro chique. É respeitadíssima por muitos pintores de sua idade e de sua geração, embora não seja muito conhecida do público

em geral. Tem obras em coleções importantes, mas esse quadro é, talvez, seu melhor trabalho. Uma espécie de obra-prima clandestina. Eu gostaria que você o visse. Gostaria de saber sua opinião. Alice não o mostra a qualquer um, naturalmente, mas vou lhe dar seu telefone, e, se você lhe disser que quer vê-lo, tenho certeza de que ela o mostrará...”

No dia em que recebi essa carta, lembrei, tentei várias vezes falar com a senhorita Neel, mas não consegui; arqueei a carta e, como Gould nunca mais tocou no assunto, esqueci-o completamente. No dia em que reli a carta, agindo por impulso, liguei para a senhorita Neel, ela atendeu o telefone e disse que, claro, eu podia ver o retrato de Gould e me deu o endereço de seu ateliê. Tratava-se de um edifício num bairro de negros e porto-riquenhos do Upper East Side e a senhorita Neel revelou-se uma mulher imponente de cinqüenta e poucos anos, loira, bonita, de voz suave. O ateliê ocupava todo o terceiro andar do prédio. Uma estante de duas prateleiras, encostada numa das paredes, estava cheia de telas apoiadas nas laterais. O retrato de Gould, disse ela, estava na prateleira de cima. Ela precisou subir numa cadeira e remover vários quadros para pegá-lo. Ao tirá-los, segurou-os para que eu os visse e teceu sobre eles comentários tão impensados que me pareceram enigmáticos. Uma tela focalizava um velho deitado num caixão. “Meu pai”, explicou. “Chefe de seção do departamento *per diem*.” “Desculpe”, falei, perguntando-me o que seria um departamento *per diem*, mas na verdade não querendo saber, “o departamento *per diem* do quê?” “*Eu é que peço desculpa*”, disse ela. “Da Estrada de Ferro Pensilvânia, na Filadélfia.” Outra tela apresentava um jovem porto-riquenho sentado numa cama de hospital e contemplando o vazio com olhos arregalados. “Tuberculoso”, disse ela. “Estava à beira da morte, mas não morreu. Curou-se e se tornou viciado em codeína.” Outro quadro mostrava uma mulher em trabalho de parto. E então surgiu o retrato de um homem baixinho, barbudo, magro, desengonçado, de ombros caídos, inteiramente nu, exceto pelos óculos: era o retrato de Gould. Tratava-se de um quadro relativamente grande, e a impressão era de que Gould estava quase em tamanho natural. O fundo era

vago; ele parecia estar sentado num banco de madeira de uma sauna, esperando pelo vapor. As mãos ossudas repousavam nos joelhos ossudos, e as costelas estavam bem visíveis. Ele tinha uma genitália no lugar certo, outra no lugar do umbigo e uma terceira brotava do banco de madeira. Do ponto de vista anatômico, a pintura era fantasiosa e grotesca, mas não particularmente chocante; a não ser pelo excesso de órgãos sexuais, tratava-se de um estudo preciso e sóbrio de um homem subnutrido de meia-idade. O que tinha de chocante era a expressão no rosto de Gould. Às vezes, num dos lugares do Village que costumava freqüentar ou numa festa, Gould se tornava tão cheio de si que se levantava abruptamente e se punha a correr pela sala, prestando reverência a mulheres de todas as idades e todos os tamanhos e todos os graus de acessibilidade e implorando-lhes que dançassem com ele e até mesmo tentando abraçá-las e beijá-las. Depois de algum tempo, rejeitado por unanimidade, cansava-se disso. Então passava a imitar o vôo da gaivota. Saltava, pulava e dava guinadas, erguendo e baixando os braços e grasnando como uma gaivota. “Scriiic!”, gritava. “Eu sou uma gaivota.” Continuava com isso até pararem de olhar para ele e retomarem as conversas. Então, para chamar novamente a atenção, tirava o paletó e a camisa, jogava-os no chão e executava uma dança barulhenta, batendo palmas, esmurrando o peito e sapateando. “Silêncio!”, berrava. “Estou dançando. É uma dança sagrada. Uma dança indígena. É a dança da lua cheia dos Chippewa.” Seus olhos brilhavam, a queixada pendia-lhe como a mandíbula de um cachorro no auge do verão, ele ofegava como um cachorro e seu rosto adquiria uma expressão maliciosa, alegre, de um abandono piegas, meio satânica, meio boba. A senhorita Neel captara essa expressão. “Joe Gould se orgulhava muito deste quadro e sempre vinha contemplá-lo”, disse. Ela estudou o rosto de Gould com carinho e com prazer e também com o que me pareceu um certo desconforto. “Chamo-o de ‘Joe Gould’, mas provavelmente deveria chamá-lo de ‘Retrato de um exibicionista’”, comentou. E instantes depois acrescentou: “Não quero dizer que Joe era exibicionista. Tenho certeza de que não era — tecnicamente. No entanto, para ser bem franca, observando-o nas festas, anos atrás, eu tinha a

impressão de que dentro dele havia um velho exibicionista trancafiado, louco para sair, como uma aranha presa numa garrafa. Dentro dele, bem no fundo. Um exibicionista velho e medonho — do tipo que se vê à noite no metrô. E ele não sabia disso necessariamente. Por isso o pintei assim”. De repente percebi que, em minha cabeça, eu havia substituído o verdadeiro Joe Gould — ou pelo menos o Joe Gould que conheci — por um Joe Gould depurado, um Joe Gould póstumo. Esquecendo o desonroso ou transformando pouco a pouco o desonroso em honroso, como se tende a fazer quando se pensa nos mortos, eu o tinha respeitabilizado, por assim dizer. Agora, olhando para o rosto desavergonhado do retrato, eu lhe devolvi suas proporções e concluí que, se pudesse opinar sobre o assunto, de um modo ou de outro, o verdadeiro Joe Gould não ficaria nem um pouco aborrecido se eu contasse qualquer coisa que tivesse descoberto a seu respeito. Muito pelo contrário.

A primeira vez que vi Joe Gould foi no inverno de 1932. Na época eu era repórter de um jornal, encarregado principalmente do noticiário policial. De quando em quando cobria um caso no Tribunal das Mulheres, que se situava então na Jefferson Market Courthouse, na Sexta Avenida com a rua Dez, no Greenwich Village. No quarteirão seguinte havia um restaurante grego, chamado Athens, freqüentado por funcionários do tribunal ou por pessoas que tinham assuntos a tratar ali. Em geral, esses clientes se sentavam a uma mesa comprida, que ficava na parte da frente, diante do caixa, e o proprietário, Harry Panagakos, às vezes lhes fazia companhia. Uma tarde, durante um recesso do tribunal, eu estava sentado a essa mesa, tomando café com Panagakos, um fiscal de sursis, um fiador e dois detetives da delegacia de costumes, quando um curioso homenzinho entrou no restaurante. Tinha por volta de 1,62 ou 1,64 de altura e era bastante magro; não devia pesar mais que uns quarenta quilos. Estava com a cabeça descoberta e empinada para o lado, como um pardal. Tinha cabelos compridos e uma barba densa. Traços de sujeira na testa indicavam que a

havia coçado com dedos imundos. Ele usava um capote vários tamanhos maior, quase roçando o chão. Trazia as mãos juntas, para aquecê-las — fazia muito frio —, e as mangas do capote as cobriam, formando uma espécie de regalo. Apesar da barba, o homem tinha algo de infantil e de perdido, com aquele capote grande demais, a cabeça descoberta e o rosto sujo: um menino que subira ao sótão com outras crianças para experimentar roupas de adulto, se cansara da brincadeira e caíra fora. Ele ficou parado por alguns instantes, tentando se situar, e depois se aproximou de Panagakos e falou: “Você me arruma alguma coisa para comer agora, Harry? Não posso esperar até a noite”. A princípio, Panagakos se mostrou incomodado, mas logo deu de ombros, disse-lhe que se sentasse lá no fundo e acrescentou que dali a pouco iria até a cozinha pedir ao cozinheiro que preparasse alguma coisa para ele. Parecendo muito aliviado, o homem se pôs a caminhar apressadamente pelo corredor existente entre as duas filas de mesas. Para ser exato, ele correu. “Quem é esse cara, santo Deus?”, perguntou um dos detetives. Panagakos respondeu que era um dos boêmios do Village. Explicou que os boêmios estavam morrendo de fome — em Nova York, o inverno de 1932 foi o pior inverno da Depressão —, e que costumava dar de comer a alguns deles. Disse que os garçons separavam bifés, costeletas e outras sobras deixadas pelos clientes, embrulhavam as porções em papel parafinado, colocavam os pacotes em sacos de papel e os guardavam para os boêmios. Contou que tudo que lhes pedia era que só fossem buscar a comida pouco antes da meia-noite, hora de fechar; assim não enervariam os fregueses com seu entra-e-sai. Disse que ia dar uma sopa e um sanduíche para o que acabara de chegar, porém ia adverti-lo para nunca mais aparecer tão cedo. O detetive perguntou se o homenzinho era poeta ou pintor. “Não sei como você o chamaria”, Panagakos respondeu. “O nome dele é Joe Gould, e dizem que está escrevendo o livro mais comprido da história do mundo.”

Lá pelo final da década de 1930, deixei o jornal e fui trabalhar na revista *The New Yorker*. Mais ou menos na mesma época, me mudei para o Village

e passei a ver Gould freqüentemente. Via-o de relance, entrando ou saindo de algum bar da Sexta Avenida — o Jericho Tavern, o Village Square Bar & Grill, o Belmar, o Goody's, o Rochambeau. Via-o sentado a uma mesa, rabiscando, na biblioteca pública da Jackson Square; via-o enchendo sua caneta-tinteiro na agência dos Correios da rua Dez; via-o sentado entre as jovens mães e os velhos alcoólatras no pequeno jardim da Sheridan Square — um lugar em forma de caixão, sujo de fuligem, cheio de pombos, coberto de migalhas, forrado de jornais, espremido entre alfenas. Nessa época eu trabalhava muito à noite e ao voltar para casa, lá pelas duas ou três da madrugada, às vezes o via na Sexta Avenida ou numa travessa, andando curvado, devagar, parecendo sem rumo; quase sempre estava sozinho, quase sempre carregava um portfólio bojudo de papelão pardo, e eventualmente resmungava consigo mesmo. Para mim era uma figura antiga, enigmática, espectral; um homem banido. Nunca olhei para ele sem pensar no Velho Marinheiro, no Judeu Errante, no Holandês Voador, num velho calado, chamado Jackson do Pântano, que morava sozinho num barraco à beira de um pântano próximo da pequena cidade rural onde nasci, no Sul, e que à noite vagava a esmo pelas estradas do campo, ou então num daqueles homens que me intrigavam quando eu lia a Bíblia, na infância, e que, por causa de transgressões que me pareciam misteriosas, haviam sido “banidos”.

Certa manhã, no verão de 1942, eu estava sentado em minha sala, na *New Yorker*, e pensei em Gould — eu o tinha visto na rua na noite anterior —, e ocorreu-me que talvez ele fosse um bom tema para um perfil. De acordo com umas anotações que fiz na época — eu anotava praticamente tudo que se relacionava com Gould e encontrei essas notas na gaveta do arquivo, junto com o resto das lembranças dele —, isso aconteceu na manhã de 10 de junho de 1942, uma quarta-feira. Como estava livre para começar um trabalho novo, expus minha idéia a um dos editores. Lembro-me de lhe ter dito que Gould era um exemplo perfeito do tipo de excêntrico comum em Nova York, o notívago solitário, e que era esse traço dele que mais me interessava — esse traço e a História Oral —, não sua boemia; eu havia

entrevistado vários boêmios do Greenwich Village e os achara surpreendentemente enfadonhos. O editor me disse para ir em frente e experimentar.

Eu estava com medo de encontrar dificuldade para convencer Gould a falar sobre si mesmo — na verdade eu não sabia quase nada a seu respeito e tinha a impressão de que ele era austero e arredo — e decidi que seria melhor conversar com algumas pessoas que o conheciam, ainda que de vista, para tentar descobrir a melhor maneira de abordá-lo. Por volta das onze, saí do escritório e fui para o Village, entrei em vários locais da Sexta Avenida, mencionei o nome de Gould e falei com barmen e garçons e com moradores antigos que eles me indicaram entre seus fregueses. No meio da tarde, como sempre fazia quando me afastava da redação, liguei para a telefonista da editora e perguntei se tinha recados para mim, e ela imediatamente me transferiu para a recepcionista, que me informou que um homem estava a minha espera havia mais ou menos uma hora. “Vou passá-lo para você”, disse ela. “Alô, aqui é Joe Gould”, disse o homem. “Ouvi dizer que você queria falar comigo, e por isso vim até aqui, mas acontece que eu devia ir até a Clínica de Olhos e Ouvidos, na Segunda Avenida com a rua Treze, e pegar uma receita para um problema que estou tendo no olho, e, se for um tipo de receita, não custa nada, mas, se for outro tipo, pode custar uns dois dólares, e acabo de descobrir que não tenho dinheiro comigo, e está ficando tarde, e eu me pergunto se você poderia pedir para a recepcionista me emprestar dois dólares e pagar a ela quando voltar, e podemos nos encontrar a qualquer hora que você marcar e conversar, e então eu lhe devolvo o dinheiro.” A recepcionista entrou na linha e disse que lhe emprestaria o dinheiro, e depois Gould pegou novamente o fone, e combinamos nos encontrar às nove e meia da manhã no Jefferson, um restaurante barato da Sexta Avenida, no Village. Ele sugeriu a hora e o local.

Ao voltar para a redação, paguei à recepcionista seus dois dólares. “Era um homenzinho terrivelmente sujo e terrivelmente xereta”, ela me contou, “e fiquei contente por me livrar dele.” “O que foi que ele xeretou?”, perguntei. “Bom, para começar, ele queria saber quanto eu ganho.” “E depois”,

prosseguiu, entregando-me uma folha de papel dobrada, “quando estava saindo, me deu este bilhete e me falou para ler só quando ele entrasse no elevador.” “Você tem ombros lindos, minha querida, e eu gostaria de beijá-los”, dizia o bilhete. “Deixou um para você também”, ela me informou, entregando-me mais uma folha de papel dobrada. “Pensando bem, nove e meia é um pouco cedo para mim”, dizia o segundo bilhete. “Vamos deixar para as onze.”

O Jefferson — não existe mais — era um daqueles restaurantes grandes, espaçosos, com jukebox. Ficava no lado oeste da Sexta Avenida, na junção com a avenida Greenwich, a Village Square e a rua Oito, que é o coração do Village. Nunca fechava, nem de dia, nem à noite, e era um popular ponto de encontro. Tinha um balcão comprido, com uma fila de bancos capengas, e uma fileira de mesas. Quando cheguei, às onze, deparei com Gould sentado no primeiro banco do balcão, olhando para a porta e segurando no colo seu velho portfólio de papelão ensebado; sua aparência estava pior do que nunca. Usava um terno de anarruga, amarfanhado e sujo, uma camisa Brooks Brothers suja, com o colarinho puído, e tênis sujos. Seu rosto estava cinza-esverdeado, e o lado direito da boca se mexia involuntariamente. Os olhos estavam vermelhos. Gould era careca no alto da cabeça, mas na parte de trás e nos lados seus cabelos se espetavam em todas as direções possíveis. A barba era desgrenhada, e, junto à boca, manchada de amarelo pela fumaça do cigarro. Os óculos, frouxos e tortos, haviam escorregado, chegando quase à ponta do nariz. Quando entrei, ele ergueu um pouco a cabeça e olhou para mim, e seu rosto estava atento e em guarda, porém tão cansado, tão distante, tão pensativo que parecia quase impassível. Ele olhou para mim como se não estivesse me enxergando. Já encontrei essa expressão enganosamente vazia no rosto de velhos disformes, expostos como curiosidades nos circos e nos parques de diversões, e na cara de velhos macacos do zoológico nas tardes de domingo.

Aproximei-me e me apresentei, e Gould imediatamente se empertigou. “Soube que você pretende escrever a meu respeito”, ele falou com uma voz jovial e fanhosa, “e eu o cumprimento no início de uma grande empreitada.”

Depois pareceu hesitar e perder a confiança em si mesmo. “Não dormi quase nada essa noite”, explicou. “Não fui para casa. Quer dizer, não fui para o albergue onde tenho ficado ultimamente. Dormi no átrio da igreja de São José até que abriram as portas para a primeira missa, e então entrei e fiquei sentado num banco até uns minutos atrás.” A São José, na Sexta Avenida com a Washington Place, é a principal igreja católica do Village e uma das mais antigas da cidade; tem duas grandes colunas destacadas no átrio, e é atrás delas, ao abrigo da rua, que gerações de infortunados têm dormido. “Morri e fui enterrado e fui para o inferno duas ou três vezes hoje de manhã, sentado naquele banco”, Gould continuou. “Para ser franco, estou de ressaca, quebrado, com uma fome canina e gostaria muito que você me pagasse o desjejum.”

“Claro que eu pago”, respondi.

“Ovos fritos e torradas!”, ele ordenou ao balconista. “E me traga um café agora mesmo e outro com os ovos. Café preto. E pelando de quente.” Ele desceu do banco. “Se vai comer alguma coisa”, disse-me, “peça logo e vamos para uma mesa. A garçonete leva lá.”

Fomos para a mesa e a garçonete trouxe o café de Gould. Servido numa caneca branca e grossa, estilo taberna, o café estava tão quente que fumegava. Mesmo assim, Gould inclinou a caneca ligeiramente em sua direção, sem levantá-la da mesa, debruçou-se e se pôs a tomar o café em pequenos goles cautelosos e rápidos, como um passarinho, entremeando-os de gemidos que indicavam prazer ou alívio, e quase de imediato seu rosto recuperou a cor, seus olhos se tornaram mais brilhantes e o movimento involuntário da boca desapareceu. Eu nunca tinha visto um café provocar em alguém uma reação tão instantânea e visível; provavelmente um conhaque não teria feito mais por ele, nem uma dose de cocaína, nem uma tenda de oxigênio, nem uma transfusão de sangue. Gould tomou a caneca inteira dessa forma e depois se aprumou, pendeu a cabeça para um lado e olhou para mim.

“Você deve estar intrigado comigo”, falou. O tom de sua voz era condescendente; havia recuperado parte de sua autoconfiança. “Se assim é, o sentimento é mútuo, pois também estou intrigado comigo desde menino. Parece que fui trocado pelas fadas quando nasci, ou que sou uma regressão, uma mutação qualquer numa respeitabilíssima e antiga família da Nova Inglaterra. Vou lhe fornecer alguns dados biográficos. Meu nome completo é Joseph Ferdinand Gould, o mesmo de meu avô, que era médico. Durante a Guerra Civil, ele foi cirurgião do Quarto Regimento, o dos Voluntários de Massachusetts, e mais tarde se destacou como obstetra em Boston e lecionou na Faculdade de Medicina de Harvard. Os Gould, ou meu ramo da família, estão na Nova Inglaterra desde a década de 1630 e lutaram em todas as guerras que ocorreram neste país, inclusive na King Philip’s War e na Pequot War.*[2] Temos laços de parentesco com muitas famílias antigas da Nova Inglaterra, como os Lawrence, os Clarke e os Storer. Minha avó paterna era descendente direta de John Lawrence, que chegou da Inglaterra no *Arbella*, em 1630, e foi o primeiro Lawrence deste país, e os antepassados dela remontavam a um cavaleiro chamado Robert Lawrence, que viveu no século XII. Ela costumava dizer que a linhagem dos Lawrence, ou essa linhagem em particular, era uma das mais antigas claramente identificáveis não só da Nova Inglaterra, como também da Inglaterra, e que nunca devíamos nos esquecer disso.”

De repente, Gould começou a se coçar. Sem nenhum acanhamento. Coçou a nuca e depois enfiou a mão por baixo da camisa e coçou o peito e as costelas.

“Era para eu ter nascido em Boston”, prosseguiu, “mas não nasci. Meu pai, que se chamava Clarke Storer Gould, também era médico. Era bostoniano, porém o convenceram a clinicar em Norwood, Massachusetts, e para lá ele se mudou com minha mãe poucos meses antes de eu nascer. Norwood é uma velha cidade ianque, relativamente grande, situada uns vinte e quatro quilômetros a sudoeste de Boston. É basicamente residencial, mas tem algumas gráficas, alguns curtumes, uma fábrica de tinta e uma

fábrica de cola. Eu nasci em 12 de setembro de 1889, ao meio-dia em ponto, num apartamento que ficava em cima do açougue de Jim Hartshorn. Em Norwood, por falar nisso, pronunciam ‘Jim Hatson’. Mais ou menos um ano depois, meu pai construiu um casarão na Washington Street, a rua principal de Norwood. Washington Street, quatro-oito-seis. A casa tinha três andares e vinte e um cômodos, com frontões, águas-furtadas, sacadas ornamentais e piso de parquet, e era uma das atrações da cidade. No hall de entrada havia um espelho de dois metros e quarenta de altura, decorado com querubins dourados. Ao redor das lareiras havia belos ladrilhos de terracota. Nos patamares das escadas havia janelas em forma de losango, com vidraças vermelhas, verdes, púrpura e âmbar.

“Como eu falei, meu avô e meu pai eram médicos, e, ao crescer, percebi claramente que meu pai esperava que eu seguisse seus passos, assim como ele havia seguido os passos do pai *dele*. Nunca disse isso, mas para mim e para todo mundo estava claríssimo que era isso que ele queria. Eu amava meu pai e desejava sua aprovação, mas, desde pequeno, ao desmaiar por ver sangue quando a cozinheira torcia o pescoço de uma galinha, sabia que ia desapontá-lo, porque não suportava a idéia de ser médico; guardei segredo disso, mas era a última coisa no mundo que eu queria ser. Não que eu tivesse outro projeto em mente. A verdade é que eu não me saía bem em nada — nem em casa, nem na escola, nem nas brincadeiras. Para começo de conversa, eu era baixinho; era um tampinha, um nanico, um metro-e-meio, um meio-quilo. Quando resolviam me dar um apelido, escolhiam Tico. Eu também era o que meu pai chamava de criança catarrenta — vivia com o nariz escorrendo. Quando devia estar prestando atenção em alguma coisa, eu geralmente estava ocupado em assoar o nariz. Para completar, eu não tinha jeito para praticamente nada. Não faz muito tempo, procurando um termo no dicionário, encontrei uma palavra que resume meu modo de ser naquela época e, aliás, meu modo de ser hoje: ‘ambissinistro’, canhoto das duas mãos. Meu pai não sabia o que fazer comigo, e às vezes eu o surpreendia olhando para mim com uma expressão pensativa.”

Gould se levantou, tirou seus óculos tortos e lançou olhares desesperados para o balconista, que evidentemente decidira cuidar de seu pedido só depois de atender a freguesia inteira, inclusive algumas pessoas que haviam chegado depois de nós, e ignorou ostensivamente seus chamados.

“De qualquer modo”, Gould continuou, resignado, sentando-se de novo, “quando eu estava com uns treze anos, aconteceram duas coisas que me mostraram com clareza meu lugar no mundo. Na escola a gente marchava muito em fila dupla. Marchávamos dois a dois para ir às reuniões, marchávamos dois a dois para sair para o recreio. Eu nunca conseguia acertar o passo, e por isso me puseram no fim da fila, sozinho. Um dia, fiquei de castigo, depois das aulas, e o professor me deixou ir até a biblioteca pegar um livro para ler; eu estava lá, sozinho, agachado diante de uma prateleira, no fundo da sala, tentando me decidir entre dois livros, quando o diretor da escola entrou com o professor de matemática. Eles largaram uns livros em cima da mesa e ficaram parados por alguns instantes, conversando sobre uma coisa e outra, e de repente ouvi o diretor perguntar: ‘Você reparou no menino do Gould hoje?’. O professor de matemática disse alguma coisa que não escutei bem, e então o diretor comentou: ‘Aquele bastardinho intragável não consegue acertar o passo nem consigo mesmo’. O professor de matemática riu e falou mais outra coisa que também não entendi, e os dois foram embora.

“Ora, acontece que meu pai fazia parte do conselho educacional, se interessava muito pela escola e mantinha contato freqüente com o diretor. Os dois eram de fato grandes amigos; o diretor e a mulher costumavam jantar em nossa casa, e meus pais costumavam jantar na casa deles. Por isso, fiquei profundamente chocado com o comentário do diretor. Ouvi-lo me chamar de bastardinho intragável doeu, porém o que mais me magoou foi o desrespeito para com meu pai. ‘O menino do Gould’! Isso incluía meu pai. Se ele tivesse dito só ‘Joseph Gould’ não teria sido tão ruim. O comentário se limitaria a mim. Achei que o diretor tinha ofendido meu pai. Achei que o havia traído. No mínimo caçoara dele pelas costas. Estranhamente isso fez

com que eu me sentisse mais próximo de meu pai do que nunca e fez com que eu sentisse pena dele — fez com que eu quisesse compensá-lo. Assim, naquela noite, depois do jantar, entrei na sala de visitas, onde meu pai estava lendo, e lhe disse: ‘Pai, andei pensando sobre o que eu gostaria de ser e decidi que quero estudar medicina e ser cirurgião’. Pensei que o agradaria em dobro, dizendo que queria ser cirurgião. ‘Era só o que faltava’, meu pai falou. ‘Se você fosse cirurgião e operasse do jeito como faz tudo, quando acabasse de costurar um paciente haveria de ter embaralhado de tal modo as entranhas dele que o deixaria com o coração pendurado de ponta-cabeça, o fígado virado para trás, os intestinos enrolados nos pulmões e a bexiga pegada na traquéia, e o obrigaria a andar com as mãos, a respirar pelo traseiro e a urinar pela orelha esquerda.’”

Gould suspirou, e uma expressão de imensa tristeza lhe passou pelo rosto. “Durante muito tempo fiquei magoado com meu pai por causa disso”, disse ele. “Ao longo dos anos esse comentário de vez em quando me vinha à memória e me cortava o coração. E então, uma noite, anos e anos mais tarde, muito depois que saí de casa e muito depois que meu pai morreu, eu estava caminhando pela rua, aqui em Nova York, e pensei nisso, e deve ter sido a primeira vez que pensei nisso objetivamente, pois de repente caí na gargalhada.”

Nesse instante a garçonete colocou diante de Gould um prato de ovos fritos com torradas e mais uma caneca de café. Assim que ela virou as costas, Gould pegou um vidro de ketchup que estava pela metade e esvaziou-o no prato, despejando seu conteúdo em torno dos ovos. Depois correu até a mesa vizinha e pegou outro vidro, que tinha, talvez, um terço de ketchup, e também o esvaziou no prato, cobrindo completamente os ovos e as torradas. “Eu nem gosto muito desse troço, mas tenho o costume de comer tudo que me aparece”, disse. “Esse é o único grude grátis que eu conheço.” E começou a comer, primeiro com o garfo, mas logo o trocou por uma colher. “Às vezes entro num lugar e peço uma xícara de chá”, disse em tom confidencial, “tomo, pago e peço uma xícara de água quente. O balconista pensa que vou fazer mais uma xícara de chá com o mesmo saquinho e não se importa: tudo

bem. Mas aí despejo um pouco de ketchup na água quente e obtenho uma ótima xícara de caldo de tomate grátis. Experimente.” Gould terminou de comer seu desjejum, e a garçonete se aproximou para retirar o prato. Ao ver os vidros de ketchup vazios, ela o repreendeu: “Devia ter vergonha na cara e não fazer uma coisa dessas”. “Quando estou com fome, não tenho vergonha nenhuma”, Gould replicou. “De qualquer modo, não fui eu.” E me apontou com a cabeça. “Foi ele. Ele entornou os dois vidros; bebeu tudo. Você precisava ter escutado. Glub, glub, glub! Foi muito constrangedor, realmente. Além do mais — e isto é uma coisa que parece que vocês não conseguem enfiar na cabeça —, eu não sou uma pessoa comum. Sou Joe Gould — sou Joe Gould, o poeta; sou Joe Gould, o historiador; sou Joe Gould, o selvagem dançarino Chippewa; e sou Joe Gould, a maior autoridade mundial na língua das gaivotas. O simples fato de eu vir aqui é uma honra para vocês, mas, em vez de me agradecer, vocês me chateiam com bobagens como ketchup.” A garçonete não achou graça nenhuma em seu discurso. Era uma mulher corpulenta, irritada, ofegante, que tinha quase o dobro do tamanho de Gould. “Que diabo você pensa que é, seu rato?”, ela falou. “Um dia desses pego você por essa sua barba, Joe Gould, e o ponho daqui para fora.” “Experimente”, disse ele, com sua voz tornando-se surpreendentemente intimidadora, “e vamos os dois rolar pelo chão.” Gould tirou do bolso do paletó um punhado de pontas de cigarro e as colocou sobre a mesa. Uma chuva de farelos de tabaco caiu em seu colo, no chão e na mesa, e temi que o bate-boca recomeçasse. Enquanto a garçonete o observava com nojo, ele examinou as pontas, escolheu uma e a encaixou numa longa piteira preta. Sem dar atenção à grandalhona, acendeu a guimba com um gesto arquielegante, chaplinesco, e a garçonete se afastou.

“Bem”, disse ele, “para voltar à história de minha vida por mais uns minutos, terminei o colégio em Norwood e fui para Harvard. Em 1911 me formei, e passei os anos seguintes debatendo comigo mesmo sobre o que haveria de fazer. Em 1915, tinha quase perdido a esperança de chegar a alguma conclusão sobre esse assunto, quando me interessei, não sei como, por eugenia. Na verdade, me interessei de tal modo que pedi um dinheiro

emprestado à minha mãe e fui até o Escritório de Registros Eugênicos, em Cold Spring Harbor, Long Island, e fiz um curso de verão sobre métodos de trabalho de campo nessa área. Depois resolvi pôr em prática o que tinha aprendido e pedi mais um dinheiro emprestado à minha mãe e fui medir a cabeça dos índios em Dakota do Norte. Em janeiro e fevereiro de 1916, medi a cabeça de quinhentos Mandan, na reserva de Fort Berthold, e em março e abril medi a cabeça de mil Chippewa na reserva de Turtle Mountain, e aí o dinheiro acabou. Escrevi para minha mãe, pedindo mais, e ela me mandou uma passagem de trem e um telegrama, dizendo-me que voltasse para casa imediatamente, o que fiz, e então minha mãe me contou que ela e meu pai estavam em dificuldades financeiras tão grandes que tiveram de vender a casa e agora pagavam aluguel ao novo proprietário. Parece que anos antes meu pai havia investido o dinheiro dele e o que a família lhe deixara em ações de uma empresa criada para comprar e explorar uma vasta área do Alasca. Em outras palavras, esperto como era, ele comprara ações de uma mina de ouro. E, enquanto eu estava em Dakota do Norte, ele e minha mãe descobriram, sem sombra de dúvida, que as ações não valiam nada.

“Bom, eu não vi como poderia ajudá-los, e tinha realmente gostado de medir cabeças, então fui para Boston, procurei vários parentes e tentei levantar dinheiro para uma nova expedição às reservas indígenas, mas não tive sucesso. Nessa encruzilhada de minha vida, meu pai se encarregou de me arranjar um emprego. Ele tinha um amigo em Boston, um tal senhor Pickett, que era advogado de um espólio que incluía várias casas em Norwood. Essas casas eram alugadas por semana a pessoas que trabalhavam nos curtumes e na fábrica de cola, e o senhor Pickett me ofereceu a função de cobrar os aluguéis. Meu pai estava farto do que chamava de meu vai-não-vai, e eu sabia que ou aceitava esse emprego, ou deixava Norwood. Meus sentimentos com relação a Norwood eram tremendamente confusos. Eu nunca me senti à vontade lá, mas havia algumas coisas de que eu gostava ou tinha gostado um dia. Como caminhar na beira de um riozinho que serpenteia pelas bordas leste e sul da cidade, o Neponset. Como perambular por um cemitério antigo da Nova Inglaterra, coberto de mato, abandonado,

que ficava atrás de nossa casa, na Washington Street. O mato chegava à cintura, e dava para se esconder no meio dele. Dava para se esconder e refletir sobre as filas e filas de esqueletos deitados de costas embaixo do chão. E eu gostava de alguns prédios velhos do centro, das velhas lojas de madeira. E gostava do cheiro dos curtumes, principalmente nas manhãs úmidas. Era um cheiro de almíscar, de vinagre, de estrada de ferro. Uma mistura de cheiros de couro cru de carneiro, do ácido tânico que usavam nas tinas de curtir, de fumaça de carvão — uma mistura característica da cidade. E eu gostava de muitas pessoas — que tinham um não-sei-quê de velho ianque que me agradava —, mas, quando cresci, percebi, pouco a pouco, que me viam como uma espécie de bobo da corte. Descobri que até mesmo alguns dos velhos sérios que eu mais admirava e respeitava faziam piadinhas a meu respeito e riam de mim. Nunca me encaixei naquele mundo. Assim, pouco a pouco, com o passar dos anos acabei odiando Norwood. Acabei odiando-a de todo o coração, com toda a minha alma. Se desejo matasse, havia dias em que eu teria matado todos os homens, todas as mulheres, todas as crianças de Norwood, inclusive minha mãe e meu pai. De modo que falei para meu pai que eu não podia aceitar a oferta do senhor Pickett. ‘Resolvi ir para Nova York e me dedicar à literatura’, anunciei. ‘Neste caso, filho, sua alma, sua palma’, disse meu pai. Dias depois deixei Norwood. Parti de coração leve, mesmo sabendo, no fundo, que nunca mais haveria de voltar, a não ser, talvez, no Natal, nas férias de verão ou em ocasiões como enterros — o enterro de meu pai, o enterro de minha mãe, meu próprio enterro. Mas não estava muito longe quando comecei a ter uma reação que me surpreendeu. No trem, a caminho de Nova York, senti tanta saudade de Norwood que precisei me controlar para não descer e voltar atrás. Mesmo hoje ainda sofro, às vezes, com saudade de Norwood. Um cheiro azedo, como o de um porão onde um velho italiano esteja fabricando vinho, lá no setor italiano do Village, me lembra os curtumes e desperta a saudade. Essa é uma das piores coisas que descobri sobre as emoções humanas e como elas podem ser muito traiçoeiras — o fato de que é possível odiar um lugar de todo o coração e com toda a alma e ainda sentir saudade. Sem falar que é

possível odiar uma pessoa de todo o coração e com toda a alma e ainda suspirar por ela.

“Vim para Nova York com a intenção de arrumar trabalho como crítico teatral, pois pensei que assim teria tempo livre para escrever romances, peças, poemas, canções, ensaios e algum texto científico sobre eugenia, e por fim consegui um emprego no *Evening Mail*, uma função meio de garoto de recados, meio de assistente de repórter policial. Um dia de manhã, no verão de 1917, eu estava sentado na escada da chefatura de polícia, tomando sol e me recuperando de uma ressaca. Pouco tempo antes eu tinha visto num sebo um livrinho de contos de William Carleton, o grande escritor irlandês do mundo camponês, que fora publicado em Londres, na década de 1880, e tinha uma introdução de William Butler Yeats, e uma frase desse prefácio me ficou na cabeça: ‘A história de uma nação não está nos parlamentos e nos campos de batalha, mas no que as pessoas dizem umas às outras em dias de feira e em dias de festa, e na maneira como trabalham a terra, como discutem, como fazem romaria.’ De repente me ocorreu a idéia da História Oral: eu passaria o resto da vida percorrendo a cidade e ouvindo as pessoas — bisbilhotando, se necessário — e anotando tudo que me parecesse revelador, por mais enfadonho, idiota, vulgar ou obsceno que os outros pudessem achar. Visualizei a coisa inteira — conversas compridas e chatas, conversas curtas e animadas, conversas brilhantes e conversas bobas, xingamentos, frases batidas, comentários grosseiros, pedaços de discussões, resmungos de bêbados e malucos, súplicas de mendigos e vagabundos, propostas de prostitutas, discursos de camelôs e mascates, sermões de pregadores de rua, gritos na noite, boatos fantásticos, clamores do coração. No mesmo instante percebi que não podia continuar naquele emprego, porque me tomaria um tempo que eu devia dedicar à História Oral, e resolvi nunca mais aceitar nenhum emprego fixo, a não ser que fosse absolutamente obrigado para não morrer de fome, mas eu reduziria minhas necessidades ao mínimo essencial e contaria com os amigos e os benfeitores para me ajudar. A idéia da História Oral me ocorreu lá pelas dez e meia. Às quinze

para as onze, mais ou menos, eu me levantei, peguei um telefone e larguei o emprego.”

A voz de Gould vibrava de emoção.

“Desde essa manhã fatídica”, ele prosseguiu, apurando os ombros, dilatando as narinas e erguendo o queixo, como num desafio heróico, “a História Oral tem sido minha corda e minha força, minha cama e minha comida, minha esposa e minha puta, minha ferida e o sal em cima dela, meu uísque e minha aspirina, minha rocha e minha salvação. É a única coisa que tem algum valor para mim. O resto é lixo.”

Era óbvio que se tratava de um discurso pronto, que ele havia decorado e pronunciado muitas vezes ao longo dos anos e que gostava de repetir, e aquilo me causou um obscuro mal-estar.

“Agora mesmo, quando você disse para a garçonete que é uma autoridade na língua das gaivotas, você falou sério?”, perguntei, mudando de assunto.

Seu rosto se iluminou. “Quando eu era menino”, ele contou, “passava o verão com minha mãe numa cidadezinha praiana da Nova Escócia, chamada Clementsport, e todo verão um velho pegava uma gaivota para mim, e às vezes eu tinha a impressão de que minha gaivota falava comigo, ou tentava falar. Mais tarde, quando fui para Harvard, passei muitas tardes de sábado sentado no cais T de Boston, escutando as gaivotas com toda a atenção, até que consegui entendê-las e pouco a pouco aprendi a língua das gaivotas. Entendo melhor do que falo, mas falo muito melhor do que você possa imaginar. Na verdade, traduzi para o gaiotês muitos poemas americanos famosos. Escute com atenção!”

Ele jogou a cabeça para trás e se pôs a gritar, piar, coaxar, miar, grasnar, grugrulejar, cacarejar e crocitar, pontuando ocasionalmente esses ruídos com perdigotos. Havia algo de monótono e sonoro nessa algazarra que a tornava remotamente familiar.

“Não reconhece?”, Gould berrou, empolgado. “É *Hiawatha*! Da parte que se intitula ‘A infância de Hiawatha’. Escute! Vou traduzir de novo para o

original:

*Na praia de Gitche Gumee,
Junto ao grande mar brilhante,
Erguia-se a cabana de Nokomis,
A filha da lua, Nokomis.
Atrás dela erguia-se escura a floresta,
Erguam-se os pinheiros negros e sombrios,
Erguam-se os abetos com seus cones...*

Gould soltou uma risadinha; animara-se no momento em que se pusera a falar de gaivotas. “Henry Wadsworth Longfellow se traduz perfeitamente em gaivotês”, disse ele. “Para falar a verdade, acho que, no conjunto, soa melhor em gaivotês do que em inglês. E agora, com sua amável permissão”, continuou, levantando-se para deixar o reservado, com uma expressão marota a desenhar-se no rosto, “vou passar para o corredor e lhe apresentar minha interpretação de uma gaivota faminta voando em círculos sobre um cais onde estão descarregando peixe.” Pelo canto do olho eu percebera que o balconista nos observava. Então ele ordenou a Gould: “Sente-se”. Gould girou sobre si mesmo e olhou para o balconista, e pensei que fosse replicar asperamente, como fizera com a garçonete. Ele me surpreendeu. Sentou-se, manso e obediente, sem abrir a boca. Então pegou seu portfólio, colocou-o embaixo do braço, como se estivesse se preparando para ir embora, debruçou-se sobre a mesa e me disse em voz baixa: “Sabe aquele dinheiro que lhe pedi emprestado ontem para a receita do olho? Bom, eu estava indo para a Clínica de Olhos e Ouvidos, mas no caminho aconteceu uma coisa, e, quando cheguei lá, a clínica estava fechada, e hoje estou pior do que ontem no que concerne a dinheiro, e a clínica fecha mais cedo na quinta e na quarta, e me pergunto se você poderia me emprestar dois, três, quatro, talvez cinco dólares para eu poder pegar a receita e começar a usar o remédio. Podemos continuar nossa conversa uma outra hora”.

“Claro”, respondi.

“Você não se importa?”

“Não. Só que eu tinha a esperança de poder ver e talvez até ler alguma coisa da História Oral.”

“Isso se arranja facilmente”, disse Gould.

Pôs o portfólio no colo, abriu-o, vasculhou-o, tirou dois cadernos de linguagem e os depositou sobre a mesa. “Vai encontrar um capítulo da História Oral em cada um deles”, informou. “Terminei de escrevê-los anteontem à noite. Ainda preciso dar uma burilada, mas você não vai ter problema para ler.” E continuou remexendo na pasta com as duas mãos. “Nos anos 20 e 30, umas revistinhas publicaram alguns trechos da História Oral”, contou, “e tenho aqui uns exemplares, em algum canto.” Ele retirou da parte mais funda do portfólio um pequeno saco de papel enrolado, preso com um elástico, e fitou-o inquisitivo. “Que diabo é isto?”, perguntou, desenrolando o saco e espiando em seu interior. “Ah, é verdade”, disse. “Pontas de cigarro.” Guardou o saco novamente, com todo o cuidado. “Às vezes, quando chove ou neva, é bom ter umas guimbas de reserva”, comentou. Depois tirou quatro revistas, uma por uma, e as empilhou sobre a mesa. Todas tinham os cantos dobrados e apresentavam manchas de gordura e de café.

“Esta é a *Exile*, a velha revista de Ezra Pound”, Gould explicou, folheando a que estava em cima da pilha. “Teve exatamente quatro números, e este é o segundo — outono de 1927 — e traz um capítulo da História Oral. Devo agradecer a e. e. cummings por isso. Ele é um dos amigos mais antigos que tenho em Nova York. Nós dois viemos de um meio da Nova Inglaterra muito semelhante e nos cruzamos em Harvard — meu último ano foi o primeiro dele —, mas o conheci no Village. Lá por 1923, 1924 ou 1925, cummings falou a Pound sobre mim e a História Oral, e então Pound me escreveu, e nos correspondemos durante anos. Pound ficou muito entusiasmado com meu projeto da História. Ele publicou esta pequena amostra na *Exile* e mais tarde, em seu livro *Polite Essays*, depois de mencionar William Carlos Williams como um grande e negligenciado escritor americano, referiu-se a mim como ‘a ainda menos aceita e mais

incompreendida noqueira nativa que é o senhor Joseph Gould'. E esta aqui é a *Broom* de agosto-novembro de 1923. Tem um capítulo da História — o capítulo CCCLXVIII. Na época eu numerava os capítulos com algarismos romanos. E esta é a *Pagany* de abril-junho de 1931. Traz uns trechinhos da História.

“E aqui está a maior glória de minha vida até agora — a *Dial* de abril de 1929. Tem dois ensaios extraídos da História Oral. Marianne Moore, a poeta, era editora da *Dial* e trabalhava aqui no Village — na rua Treze, a leste da Sétima Avenida. A redação ficava numa daquelas casas antigas — tijolo vermelho, três andares, uma escada íngreme na entrada, um ailanto inclinado na frente — que sempre caracterizaram o Village para mim. Eu ia lá uma vez por semana, mais ou menos, e passava a manhã inteira, às vezes a tarde inteira, na ante-sala, lendo exemplares antigos, e, sempre que conseguia cavar uma entrevista com Marianne Moore, tentava convencê-la da importância literária da História Oral, e finalmente ela publicou estes dois pequenos ensaios. Tudo o mais que fiz pode desaparecer, mas ainda serei imortal só por causa destes ensaios. A *Dial* foi a maior revista literária deste país. Publicou muitas obras-primas e quase-obras-primas, além de muitas curiosidades e monstruosidades, e, enquanto se falar e se escrever a língua inglesa, haverá volumes encadernados da *Dial* sendo utilizados nas principais bibliotecas do mundo. *The Waste Land* saiu aqui. *The Hollow Men* também. Eliot fez a crítica de *Ulisses* para a *Dial*. Duas grandes novelas de Thomas Mann saíram nesta revista — *Morte em Veneza* e *Desordem e dor precoce*. *Hugh Selwyn Mauberley*, de Pound, foi publicado na *Dial*, assim como *The Brooklyn Bridge*, de Hart Crane, e *I'm a Fool*, de Sherwood Anderson. Joseph Conrad escreveu para a *Dial*, assim como Joyce, Yeats, Proust, Cummings, Gertrude Stein, Virginia Woolf, Pirandello, George Moore, Spengler, Schnitzler, Santayana, Gorki, Hamsun, Stefan Zweig, Djuna Barnes, Ford Madox Ford, Miguel de Unamuno, H. D. e Katherine Mansfield e centenas de outros. Nos séculos vindouros, as pessoas vão folhear os volumes encadernados, procurando textos desses escritores, e de

vez em quando uma delas certamente há de ver meus dois pequenos ensaios e ficará curiosa e os lerá (Deus sabe que não são muito longos), e isso é o mais próximo da imortalidade que muitos de meus contemporâneos poderão chegar — best-sellers, entrevistas na rádio, os pequenos detalhes insossos de suas vidinhas insossas em *Who's Who*, fotos de suas caras vazias nas seções de crítica literária, seis ou sete divórcios, e por aí afora. Dê uma olhada nas outras coisas desta edição. Um poema de Hart Crane. Um ensaio de Logan Pearsall Smith. Fotos de um nu de Maillol. Uma carta de Paris de Paul Morand. Um artigo sobre teatro de Padraic Colum. Uma crítica literária de Bertrand Russell.”

Gould empurrou as revistas e os cadernos em minha direção. “Leve e leia”, disse.

Lá fora, na calçada, combinamos nos encontrar novamente no sábado à noite. “Mas não no restaurante”, Gould advertiu. “Sempre me dei bem com os balconistas e as garçonetes. Eles brincavam comigo, e eu brincava com eles. Mas parece que viraram a cara para mim.” Seu rosto assumiu uma expressão de profunda preocupação, um ar aflito, e por alguns instantes ficou em silêncio, pensativo. Depois encolheu os ombros, como se com isso tirasse o assunto da cabeça, mas evidentemente o assunto não se deixou tirar, pois em seguida ele o retomou. “Nos últimos anos muita gente tem virado a cara para mim”, falou. “Homens e mulheres de todo o Village, que antes eram bons amigos meus, agora me odeiam e me detestam e me desprezam. Com certeza você vai esbarrar em alguns deles, e provavelmente vão lhe dar muitos motivos para se sentir dessa forma, e acho que devo me antecipar e lhe contar a verdadeira razão. Quer saber?”

Respondi que sim.

“A verdadeira razão é um poema que escrevi”, ele contou.

Caminhávamos vagorosamente pela Sexta Avenida.

“No começo dos anos 30, por causa da Depressão”, Gould continuou, “muita gente do Village passou a se interessar pelo marxismo e se tornou radical. De repente, a maioria dos poetas daqui viraram poetas do

proletariado, e a maioria dos romancistas viraram romancistas do proletariado, e a maioria dos pintores viraram pintores do proletariado. Conheço uma mulher que é casada com um médico rico, coleciona obras de arte e tem uma filha que dança balé, e um dia a encontrei por acaso, e ela me informou, com muito orgulho, que agora sua filha era uma bailarina do proletariado. O problema é que, quanto mais radicais, mais sabichonas essas pessoas se tornavam. E mais cheias de empáfia. Sentavam-se nos mesmos lugares do Village que freqüentavam quando eram apenas boêmios comuns e falavam tanto quanto antes, só que agora não falavam sobre arte, sexo ou bebida, e sim sobre a revolução iminente e o materialismo dialético e a ditadura do proletariado e o que Lenin quis dizer com isso e o que Trotski quis dizer com aquilo, e agiam como se alguma de suas conclusões a respeito desses assuntos pudesse ter um grande efeito sobre o futuro do mundo inteiro. Em outras palavras, perderam completamente o senso de humor. A maneira como falavam do proletariado dava a impressão de que eram filhos e filhas de operários, mas na verdade muitos deles, um número surpreendente mesmo, pertenciam a famílias da classe média ou da classe alta, famílias abastadas ou até bem ricas. Com o passar do tempo, comecei a me sentir um estranho entre eles. Não era tanto a política desse pessoal que me aborrecia, já que todo tipo de política me aborrece demais; era a arrogância com que falavam de política. Assim como tudo o mais, era a maneira como diziam 'nós'. Em vez de 'eu acho isso', 'eu acho aquilo', era sempre 'nós achamos isso', 'nós achamos aquilo'. Eu não conseguia me acostumar com esse 'nós'. Comecei a me sentir intimidado com aquilo. Uma vez, tentando brincar e desanuviar o ambiente, eu disse a um deles que pertencia a um partido que tinha um único membro e que se chamava Partido Joe Gould. O sujeito respondeu que, sempre que eu fazia esse tipo de comentário e brincava com assuntos sérios, eu mostrava minha verdadeira face. 'Conhecemos bem você e gente como você', ele falou. 'Quando banca o palhaço, você está tentando esconder que é um reacionário. Para ser franco, classificaríamos você como um parasita, um parasita reacionário. E quanto à

História Oral, tudo que você está fazendo, em nossa opinião, é coletar o lixo verbal da burguesia.’

“Naquela época, uma das novidades do Village, no verão, era o café na calçada do Hotel Brevoort, na Quinta Avenida com a rua Oito. Tinha só umas duas fileiras de mesas atrás de uma sebe formada pelas plantas de uma série de caixas de madeira pintadas de branco, mas achavam-no muito europeu e muito chique. Por algum motivo, esse café era um grande ponto de encontro dos radicais do Village. Uma tarde, no verão de 1935, eu estava passando por lá, sem um tostão no bolso e com fome — não com minha fominha de costume, e sim com uma fome tão danada que sentia tontura, não enxergava direito, tinha irritação nas gengivas, uma tremenda enxaqueca e uma dor surda na boca do estômago —, e muitos deles estavam sentados, tomando os melhores martínis que o dinheiro pode comprar e se regalando com boa comida francesa e discutindo solenemente um assunto qualquer, sem dúvida relacionado com a revolução iminente, quando me veio à cabeça um poema. Chamei-o de ‘As barricadas’. Naquela noite, numa festa no Village, eu me levantei e disse que queria recitar um poema proletário e recitei esse poema. Não era grande coisa — para falar a verdade, era uma porcaria —, mas uma coisa surpreendente aconteceu. Algumas pessoas acharam meio engraçado e riram um pouquinho, o que era tudo que eu esperava e queria, mas diversos radicais do Village e seus simpatizantes, inclusive o sujeito que me rotulou de parasita reacionário, estavam presentes e ficaram chocados. A princípio, pensei que estavam brincando comigo, mas não: ficaram chocados mesmo — olharam para mim do jeito que as pessoas profundamente religiosas olham para quem cometeu um tremendo sacrilégio — e, quando se recuperaram do choque, ficaram furiosos. Ficaram tão furiosos e tão histéricos que saí da festa, que era lá no lado leste do Village, e me pus a caminhar para o lado oeste. Na rua Nove, perto da University Place, espiei pela janela de um restaurante chamado Aunt Clemmy’s e vi, sentado a uma mesa, um grupo misto de moradores do Village, alguns dos quais eu conhecia vagamente, e resolvi testar ‘As barricadas’ com eles. Entrei e recitei o poema, e aconteceu a mesma coisa —

uns riram polidamente e outros ficaram possessos. Então fui para um autêntico restaurante antigo do Village, o Alice McCollister's, na rua Oito — o tipo de lugar que tem copos de água vermelhos —, e recitei 'As barricadas' para a freguesia, e a coisa se repetiu. Depois fui para a Sheridan Square e entrei na Stewart's, uma lanchonete que, na época, era o ponto de encontro mais popular da boemia do Village, e outra vez foi a mesma coisa. Eu estava perplexo com a reação fanática que o poema provocava em algumas pessoas. Elas praticamente espumavam de raiva. Ao mesmo tempo eu estava encantado. A partir disso passei muitas noites vagando pelo Village em busca de oportunidades para recitar 'As barricadas'. Logo arranjei um modo de tornar o poema ainda mais incendiário. Em vez de recitá-lo, eu o cantarolava, fingindo uma tremenda empolgação. Cantarolava com uma voz exaltada, a voz de um revolucionário inflamado, e brandia o punho no final de cada verso. Em alguns lugares do Village, tarde da noite, bastava eu anunciar que ia recitar um poema proletário para metade do pessoal se levantar de um pulo e tentar me impedir e a outra metade se levantar de um pulo e me incentivar.

“Eu vou a todas as festas que posso, aqui no Village. Vou para comer e beber de graça e para coletar material para a História Oral. Sou convidado para algumas, de outras ouço falar e apareço por lá. Um sábado à noite, poucos meses depois de escrever 'As barricadas', apareci numa grande festa num apartamento da Washington Square Sul. Não tinha sido convidado, mas conhecia os anfitriões — um casal — e fazia anos que freqüentava as festas deles sem receber convite. Quando toquei a campainha, a mulher abriu a porta e não me pareceu tão amistosa como no passado, mas me mandou entrar. Assim fiz e fui me sentar num canto e, depois de tomar uns tragos, achei que devia proporcionar um pouco de diversão para retribuir a hospitalidade; resolvi cantar e me levantei e anunciei que tinha um poema proletário que queria recitar. Todo mundo ficou quieto de repente, e eu corri os olhos pela sala. Era uma sala grande, e muita gente estava lá, e todas as pessoas que eu via me fitavam com ódio. Isso não me abalou. Já estou acostumado. Então olhei com mais atenção e aqui e ali, entre rostos

completamente estranhos e rostos que eu conhecia mas que não significavam nada para mim, vi o rosto de vários homens e mulheres que sempre estavam dispostos a me dar um dinheirinho ou a me pagar um prato de comida ou a me ajudar de várias outras formas, e esses rostos estavam tão frios e hostis quanto os outros. E isso me abalou. Isso me deixou imediatamente sóbrio. De repente, me dei conta de que, sem entender muito bem o que estava fazendo, eu havia conquistado só Deus sabe quantos inimigos. Desde então venho tentando reparar o prejuízo, mas não tem adiantado nada. Parei de recitar ‘As barricadas’ em público — ou melhor, ainda recito, porém só quando estou seguro em relação à platéia —, e já se passou muito tempo, mas os radicais do Village não me perdoaram. Cruzam comigo na rua e fingem que não me vêem. Se estão numa lanchonete e me sento por perto, mudam de lugar. Se fico perto deles num bar, mudam de lugar. Alguns me recebiam bem, quando eu aparecia em suas festas, mas agora batem a porta na minha cara. E descobri que falam mal de mim, me desmerecem e me caluniam sempre que meu nome surge na conversa. E o pior de tudo é que contagiam os outros com esses sentimentos. Mais cedo ou mais tarde vão acabar fazendo o Village inteiro se voltar contra mim. Os balconistas e as garçonetes do restaurante, por exemplo — tenho certeza de que viraram a cara para mim só porque ouviram radicais do Village fazendo comentários a meu respeito e me desancando. Tudo bem, o que está feito, está feito. Segure”, pediu, entregando-me a pasta. “Vou recitar ‘As barricadas’ para você.”

Gould endireitou a gravata e abotoou seu imundo paletó de anarruga. Então se empertigou exageradamente, como um escolar prestando juramento à bandeira, ergueu o punho direito e declamou o seguinte poema:

*Esta sebe alambicada, diante do Brevoort,
É apenas um símbolo da revolução iminente.
Estas são as barricadas,
As barricadas,
As barricadas.
E, por trás destas barricadas,*

*Por trás destas barricadas,
Por trás destas barricadas,
Os camaradas morrem!
Os camaradas morrem!
Os camaradas morrem!
E, por trás destas barricadas,
Os camaradas morrem —
De tanto comer.*

Gould pegou a pasta novamente. “Por outro lado, no que tange ao pessoal do restaurante, talvez não seja nada disso”, ponderou. “Ando muito cansado e nervoso neste verão e, quando fico assim, me coço um bocado. É só um hábito nervoso — que eu tenho desde menino. O pessoal do restaurante sem dúvida viu que eu estava me coçando e deve ter pensado que sou piolhento, e pode ter sido *por isso* que viraram a cara para mim.” Ele vinha falando calmamente, mas então mudou de atitude. Seu rosto se contorceu abruptamente, numa expressão de dor e de fúria, e ele cuspiu na rua. “A verdade, a maldita, hedionda, nojenta, indizível verdade, é que eu *sou* piolhento”, disse. “Descobri isso hoje de manhã, quando estava sentado na São José, agüentando todas aquelas missas. É a segunda vez num mês. Hoje à noite tenho de ir ao albergue municipal e tomar um banho e pedir que desinfetem minhas roupas.” Ele balançou a cabeça e suspirou, descorçoado: “Isso não é vida, mas é só assim que eu *posso* viver e trabalhar na História Oral”.

Tentei dizer algo otimista, mas percebi que corria o risco de ser presunçoso; um homem que não tem piolhos não está numa posição muito boa para minimizar o desconforto desses insetos diante de um piolhento, de modo que mudei de assunto e propus que resolvêssemos onde nos encontrar no sábado à noite. Optamos pelo Goody’s, um bar da Sexta Avenida, no Village. E nos despedimos. Gould começou a atravessar a rua, caminhou alguns passos e de repente deu meia-volta e correu em minha direção.

“Acabei de me lembrar de outra coisa que quero lhe contar”, disse. “É sobre a *Dial*. Para uma revista desse tipo, a *Dial* teve uma vida longa. Durou

nove anos e meio. Como lhe falei, a edição que traz minha colaboração — a que lhe dei, ainda há pouco — é a de abril de 1929. Depois dela houve só mais três edições. A de julho foi a última, e o fim da publicação representou um grande choque para todo mundo que tinha algum interesse pela vida cultural deste país. No Village, praticamente o único assunto que se discutiu durante semanas foi *quem* matou a *Dial* ou *o que* matou a *Dial*. Escrevi um poema sobre isso.”

Gould se empertigou, como antes, e declamou:

*"Quem matou a Dial?
Quem matou a Dial?
'Eu', disse Joe Gould,
'Com meu estilo inimitável,
Eu matei a Dial'."*

Enquanto declamava o poema, observava minha expressão. Quando terminou, ri mais do que ele esperava, acho, e fiquei perplexo com a satisfação que isso lhe causou. Seus olhinhos vermelhos reluziram de prazer. Depois, soltando uma risadinha, ele se afastou apressadamente.

O dia estava nublado e parecia que ia chover a qualquer momento, mas, ignorando as condições meteorológicas, fui até a Washington Square, sentei-me num banco, debaixo do grande olmo antigo que fica no canto noroeste da praça, e abri um dos cadernos de Gould. Na primeira página estava escrito com uma letra caprichada: “MORTE DO DR. CLARKE STORER GOULD. UM CAPÍTULO DA HISTÓRIA ORAL DE JOE GOULD”. O capítulo se compunha de uma apresentação e quatro partes, intituladas “DOENÇA FINAL”, “MORTE”, “FUNERAL” e “CREMAÇÃO”. “A primeira coisa que devo abordar neste relato da morte de meu pai é o fato de que, para mim, ele morreu duas vezes”, Gould escreveu na apresentação. “No verão de 1918 deixei Nova York, onde começava a trabalhar para valer na História Oral, e fui para Norwood passar um mês com minha mãe. Naquela época, a Primeira Guerra Mundial ainda não tinha terminado, e meu pai estava em Camp Sherman, Chillicothe,

Ohio, servindo o Exército americano como capitão do corpo médico. Ele era oficial-adjunto no hospital de base. No segundo dia de minha estada, à tarde, minha mãe foi visitar uma amiga na cidade vizinha de Dedham, e resolvi caminhar até o centro comercial de Norwood. Em nossa ausência, um amigo de meu pai ligou para minha mãe, e quem atendeu foi nossa cozinheira, uma velha alemã que não falava bem inglês e não era lá muito inteligente. O médico de Boston disse que estava ligando para pedir a minha mãe que, quando escrevesse para meu pai, lhe informasse que um outro médico de Boston, que também era amigo de meu pai e havia servido com ele em Camp Sherman, acabara de morrer de septicemia em outro bivaque do Meio-Oeste, mas a velha cozinheira embaralhou tudo e entendeu que meu pai tinha morrido de septicemia em Camp Sherman. Quando voltei para casa, no meio da tarde, ela estava sentada na cozinha, chorando, e me disse que meu pai morrera. Subi para meu quarto, fechei as cortinas e fiquei sentado, chorando por meu pai. Eu estava arrasado pela dor. Mais para o fim da tarde, minha mãe chegou, imediatamente pegou o telefone e ligou para o médico de Boston para se inteirar do que ele realmente tinha dito para a cozinheira. E então aconteceu uma coisa estranha — embora, intelectualmente, eu soubesse que meu pai não havia morrido, não conseguia parar de chorar por ele. Para mim, o golpe fora desferido. Mergulhei numa tristeza profunda e não conseguia sair desse estado. Passei o resto de minha estada em Norwood chorando por meu pai e, depois que retornei a Nova York, ainda chorei por várias semanas. Em 28 de dezembro de 1918, meu pai passou à reserva com louvores, voltou imediatamente para Norwood e retomou suas atividades. Menos de três meses depois, adoeceu e foi levado para o Hospital Peter Bent Brigham de Boston, onde morreu nas primeiras horas de sexta-feira, 28 de março de 1919, com 54 anos. E agora devo registrar que sua doença era septicemia, o que era e ainda é para mim uma espantosa coincidência. Quando recebi a notícia de sua morte, não derramei uma lágrima. Para mim, ele já estava morto. Quando escrever minha autobiografia, vou declarar categoricamente que meu pai morreu de septicemia num bivaque em Ohio durante a Primeira Guerra Mundial e,

enquanto eu viver e tiver algum controle sobre essas coisas, vou insistir para que tal informação conste de toda biografia minha que se escreva, pois para mim a falsa morte de meu pai foi sua morte verdadeira. Não tenho dúvida sobre isso. Descobri que em autobiografias e biografias, assim como em história, há ocasiões em que os fatos não dizem a verdade. Neste relato, porém, vou abordar apenas o que foi, devo admitir, a morte real e a morte factual de meu pai.”

Seu jeito de escrever se parecia muito com seu jeito de falar: meio rígido e empolado e, em geral, um tanto insípido, porém avivado, aqui e ali, por uma observação surpreendente, uma informação, um sarcasmo, uma maldade, um disparate. O texto estava cheio de digressões; havia digressões que levavam a outras digressões e havia digressões dentro de digressões. O pai de Gould pertencera à Igreja Universalista e à maçonaria, e seu funeral fora conduzido conjuntamente pelo pastor da igreja universalista de Norwood, pelo capelão e pelo Venerável Mestre da loja maçônica local. Depois de descrever a parte universalista da cerimônia, Gould passava a discutir as diferenças sutis entre os membros das igrejas Universalista, Unitarista e Congregacional das cidades da Nova Inglaterra, e passava daí para uma discussão sobre as diferenças entre a missa de Páscoa a que assistira certa vez numa igreja católica ortodoxa albanesa em Boston com um amigo, um albanês que estudava em Harvard, e a missa de Páscoa a que assistira nas igrejas católicas romanas, e passava daí para a descrição de um estranho mas excelente ensopado de carne que comera num restaurante num porão de Boston, freqüentado por operários albaneses de uma fábrica de calçados, ao qual o estudante albanês o levara (“Disseram que era cordeiro e bem podia ser carneiro”, escreveu ele, “mas provavelmente era bode, ou cavalo, não que eu faça qualquer objeção à carne de bode ou à de cavalo, tendo vivido a experiência de comer cachorro cozido com os índios Chippewa, carne que, aliás, tem gosto de carneiro, só que é mais adocicada, embora deva assinalar aqui que comer cachorro tem um significado ritual para os Chippewa e pode comparar-se a nossa comunhão e, por conseguinte, o gosto em si não possui grande importância”), e passava daí

para a descrição de uma panela para preparar feijão à moda de Boston que tinha visto na vitrine de uma loja de antigüidades da Madison Avenue e que era idêntica à panela para preparar feijão à moda de Boston que se usava na cozinha de sua casa, em Norwood, quando ele era criança. “Olhando para aquela panela de feijão rotulada de ANTIGÜIDADE, senti, pela primeira vez, que eu entendia alguma coisa de Tempo”, filosofou. Começava então a descrever a parte maçônica da cerimônia fúnebre de seu pai, mas quase de imediato embarcava numa digressão sobre a importância dos maçons e dos Elks e dos Woodmen of the World e de outras confrarias semelhantes na vida noturna das cidades pequenas, e a certa altura se interrompia novamente para tecer considerações sobre seguros de vida. “Eu me pergunto o que Lewis e Clark achariam do seguro de vida”, observou nessa última digressão, “sem falar em Daniel Boone.” (Havia riscado “sem falar em” e substituído por “sem levar em conta”; depois riscara “sem levar em conta” e trocara por “para não falar de”; depois riscara “para não falar de”; e por fim, na margem, ao lado de “sem falar em”, anotara “vale”.) O caderno estava cheio de frases esparsas, totalmente irrelevantes; pareciam idéias que lhe ocorreram enquanto escrevia e que ele se apressara a registrar para não esquecer-las. Na descrição da missa de Páscoa na igreja albanesa, por exemplo, havia esta frase, que não tinha relação nenhuma com o que vinha antes ou depois: “O sr. Osgood, o professor índio de Armstrong, Dakota do Norte, disse que o uísque tornava os Sioux sanguinários e os Chippewa bondosos”.

Na capa do outro caderno estava escrito: “O TERRÍVEL HÁBITO DO TOMATE, UM CAPÍTULO DA HISTÓRIA ORAL DE JOE GOULD”. Só entendi esse capítulo quando passei a ler saltando trechos e constatei que era uma paródia de artigo sério e buscava zombar das estatísticas. Gould afirmava que uma doença misteriosa estava dizimando a população. “É tão misteriosa que os médicos desconhecem sua existência”, escreveu. “Ademais, não querem reconhecer sua existência, porque ela é responsável por uma alta porcentagem dos infortúnios humanos — da acne aos acidentes de

automóvel, e dos resfriados às ondas de crime — que atribuem, direta ou indiretamente, a micróbios, vírus, alergias, neuroses ou psicoses e com isso enriquecem.” Após dedicar várias páginas a uma exposição da natureza da doença, Gould declarava que conhecia a causa desse mal e era o único a conhecê-la. “É causada pelo crescente consumo de tomates crus e cozidos e na forma de sopa, molho, suco e ketchup”, escreveu, “e, portanto, chamei-a de solanacomania. Criei esse nome a partir de *Solanaceae*, o termo botânico que designa a terrível família de plantas à qual o tomate pertence.” A partir daí passou a encher páginas e páginas com estatísticas disparatadas que obviamente copiara das seções de finanças e negócios dos jornais. “Se isto é verdade”, comentava depois de cada estatística, “isto também deve ser”, e acrescentava mais uma estatística. “E agora”, concluiu, “espero ter provado, e certamente provei, para minha satisfação pessoal, que a ingestão de tomates por engenheiros ferroviários foi responsável por 53% dos acidentes com trens que ocorreram nos Estados Unidos nos últimos sete anos.”

Eu estava perplexo. Esses capítulos da História Oral não tinham relação nenhuma, que eu percebesse, com a História Oral que Gould me descrevera. Não continham fala nem conversa nenhuma e, a menos que fossem considerados monólogos do próprio Gould, nada tinham de oral. Voltei-me para as revistas que Gould me emprestara e constatei que sua colaboração consistia em textos curtos mas desconexos, cada um dos quais tinha um título de uma ou duas palavras e um subtítulo informando que se tratava de “um capítulo da” ou “um excerto da” História Oral. Na *Exile* o assunto era “Arte”. Na *Broom*, “Posição social”. A *Dial* publicara dois textos: “Casamento” e “Civilização”. A *Pagany* também: “Insanidade” e “Liberdade”. A essa altura eu havia lido o suficiente para saber o que eram tais ensaios. Eram digressões que os editores das revistas ou o próprio Gould extraíram de capítulos da História Oral e às quais deram títulos independentes. Em outras palavras, eram mais do mesmo. Eu os li sem muito interesse até que, no texto sobre “Insanidade”, deparei com três frases que se destacavam nitidamente do restante. Estava claro que Gould as concebera como uma

espécie de impassível exibição de orgulho, porém me pareceu que falara mais do que pretendia. Nos anos seguintes, conhecendo-o melhor, elas me voltariam à lembrança muitas e muitas vezes. Figuravam no final de um parágrafo em que ele expunha suas dúvidas sobre a possibilidade de dividir as pessoas em sãs e insanas. “Eu consideraria o mais são dos homens aquele que melhor compreende o trágico isolamento da humanidade e prossegue calmamente na busca de seus propósitos essenciais”, escreveu. “Acho que penso dessa forma porque sofro de delírio de grandeza. Acho que sou Joe Gould.”

No sábado à noite, 13 de junho de 1942, fui até o Goody's encontrar-me com Gould. O Goody's (o proprietário se chamava Goodman) ficava na Sexta Avenida, entre as ruas Nove e Dez, em frente ao tribunal de Jefferson Market. Eu havia passado por lá muitas vezes, mas nunca tinha entrado. Como a maioria dos bares da Sexta Avenida no Village, era um lugar comprido, estreito e sombrio, um túnel sem saída, uma toca, uma caverna de morcego, uma cova de urso. Mais tarde eu soube que muitos dos homens e mulheres que o freqüentavam foram boêmios famosos por suas farras, nos primórdios do Village, e agora estavam na meia-idade ou velhos e em estágios avançados de alcoolismo. Cheguei às nove, a hora que havíamos combinado. Não vendo Gould em parte alguma, entrei e me postei junto ao balcão. “Estou só esperando uma pessoa”, disse ao barman, que deu de ombros. Logo me cansei de ficar em pé e me sentei num banquinho. Fazia mais ou menos meia hora que estava ali, contemplando a penumbra, quando me lembrei de uma coisa que ouvi de uma das primeiras pessoas com quem conversei a respeito de Gould, um homem que estudara com ele em Harvard. “Se vai se envolver de algum modo com Joe Gould, você deve ter sempre em mente que estará lidando com um sujeito totalmente indigno de confiança”, ele me avisou. “Quando marca um compromisso, ele pode chegar uma hora ou duas mais cedo ou mais tarde, pode chegar pontualmente e pode nem aparecer. E na cabeça dele terça-feira pode facilmente virar

quinta-feira.” Por volta das quinze para as dez, o telefone de uma cabine próxima da entrada tocou. Um dos fregueses entrou na cabine, saiu momentos depois e gritou meu nome. Quando me levantei, perplexo, ele informou: “Joe Gould quer falar com você”.

“Desculpe, mas hoje não vai dar para me encontrar com você”, disse Gould, a voz indicando que estava meio bêbado. “Esqueci completamente que tinha uma reunião no Círculo de Poesia Raven. Na verdade, a reunião está acontecendo agora mesmo, e eu dei uma saidinha para vir até o telefone da farmácia ligar para você e tenho de voltar correndo. Eu não sou membro do Raven; eles não me aceitam — vetam meu nome sempre que aparece —, mas me deixam participar das reuniões e de vez em quando me incluem no programa. O Raven é a maior organização poética do Village e não tem um único poeta de verdade. Os melhores deles somados não chegam a um poeta de terceira classe. São todos candidatos a poeta. Pseudopoetas. Imitadores de imitadores. São imitadores de maus poetas que, por sua vez, eram imitadores de maus poetas. Não os suportam, e eles não me suportam, mas a questão é que me divirto com eles e me divirto com suas reuniões. Eles são tão ruins que são bons. E depois do programa servem vinho. E entre eles há uma porcentagem grande de poetisas descasadas, e mais cedo ou mais tarde vou passar uma conversa numa delas para levá-la ao amor livre ou ao casamento, nem que seja uma alta, magra, de pernas tortas, aguada, em que estou de olho há algum tempo e que, dizem, vive de renda e escreve poemas sobre o mar eterno e corta o cabelo à moda pajem e é nariguda e tem pomo-de-adão e está sempre com cinza de cigarro no colo e pêlo de gato pelo corpo inteiro. ‘Rola, rola, mar eterno’, ela diz, e o pomo-de-adão sobe e desce. Mas o principal motivo pelo qual eu não quis perder a reunião de hoje é que vejo uma chance de caçar do Raven. Hoje é a Noite de Poesia Religiosa, e os convenci a me pôr no programa. Pedi para ficar no final. Dá para imaginar o tipo de poesia religiosa que esse pessoal faz. Mística! Emocionada! Extática! ‘Afigura-se-me’ e ‘não obstante’ a cada dois versos, e profunda — meu Deus, eles são mais profundos do que John Donne um dia

esperou ser. Depois que recitarem as poesias deles, vou me levantar e recitar a minha. Escute, vou recitar para você. ‘Minha religião’, de Joe Gould:

*‘No inverno sou budista,
E no verão sou nudista.’*”

Gould soltou uma risadinha. Perguntou se eu tinha lido os capítulos da História Oral que deixara comigo. Respondi que sim e que os achara muito diferentes do que esperava e que gostaria de ler outros.

“A maior parte da História Oral está guardada num lugar bem inacessível”, disse ele, assumindo de repente um tom sério, “mas eu tenho uns capítulos espalhados pela cidade, é fácil apanhá-los. Já lhe digo o que fazer. Um velho amigo meu, chamado Aaron Siskind, que é uma espécie de fotógrafo e documentarista de vanguarda, tem laboratório no apartamento onde mora, em cima de um sebo na Quarta Avenida, 102, e acho que guardou para mim seis, sete, oito, nove, dez ou doze cadernos. Ele deve estar em casa agora — trabalha no laboratório à noite —, e do Goody’s até lá é um pulo. Por que você não vai lá e lê esses capítulos? Ele não vai se importar em pegá-los para você. E a gente se encontra no Goody’s amanhã à noite. Desta vez não vou faltar, prometido.”

O apartamento de Siskind ficava em cima da Livraria Corner, na Quarta Avenida com a rua Onze, bem no centro da zona dos sebos. Um homem baixinho, jovial, com uma expressão de ceticismo no olhar, abriu a porta e riu, quando eu lhe disse o que queria. “Santo Deus! Você não tem nada melhor para fazer?”, ele perguntou. Mas imediatamente foi até o armário do corredor, agachou-se, remexeu entre os sapatos e os cabides derrubados e pegou cinco cadernos. “Joe errou um pouco nos cálculos”, falou. “No momento só tem cinco aqui.” Siskind limpou os cadernos empoeirados e os entregou a mim, e eu me sentei e abri um deles. Na primeira página estava escrito com uma letra caprichada: “MORTE DO DR. CLARKE STORER GOULD. UM CAPÍTULO DA HISTÓRIA ORAL DE JOE GOULD”. Tratava-se de outra versão do capítulo em que Gould abordava a doença final, a morte, o funeral e a cremação de seu pai. Os fatos relacionados com

esses temas eram os mesmos da versão que eu já havia lido, embora organizados de outra forma; as digressões eram totalmente diferentes. Abri o segundo caderno e deparei com o mesmo título: “MORTE DO DR. CLARKE STORER GOULD. UM CAPÍTULO DA HISTÓRIA ORAL DE JOE GOULD”. Tratava-se de mais uma versão. O terceiro caderno trazia o seguinte título: “BÊBADO COMO UM GAMBÁ, OU COMO MEDI A CABEÇA DE 1500 ÍNDIOS A ZERO GRAU. UM CAPÍTULO DA HISTÓRIA ORAL DE JOE GOULD”. Parecia ser o relato da viagem que Gould fizera às reservas indígenas de Dakota do Norte. O título do quarto caderno dizia: “O TERRÍVEL HÁBITO DO TOMATE, OU CUIDADO! CUIDADO! ABAIXO O DR. GALLUP! UM CAPÍTULO DA HISTÓRIA ORAL DE JOE GOULD”. Tratava-se de outra versão do capítulo sobre estatísticas. O quinto caderno intitulava-se “A MORTE DE MINHA MÃE. UM CAPÍTULO DA HISTÓRIA ORAL DE JOE GOULD”. Era o capítulo mais curto. Ocupava apenas onze páginas e meia e em sua maior parte consistia numa digressão sobre câncer.

“Joe vem aqui com frequência e me pede uns trocados, ou o que chama de contribuição para o Fundo Joe Gould, e, se traz algum capítulo pronto, joga-o no armário”, Siskind me contou, enquanto eu folheava os cadernos. “Vem fazendo isso há muito tempo. Deixa os cadernos no armário até juntar meia dúzia, uma dúzia, e então, um dia, recolhe tudo, guarda na pasta e leva embora. De quando em quando começa a formar uma nova pilha. Ele me pedia para ler, e eu lia, mas agora não leio mais. Ele repete os mesmos assuntos, e acho que perdi o interesse pela morte de seu pai, pela morte de sua mãe, pelo terrível hábito do tomate, pelos índios de Dakota do Norte e por tudo isso. Ele deve ser perfeccionista; parece que está decidido a escrever novas versões de cada assunto até chegar a uma que seja absolutamente correta. Um dia, no inverno passado, chegou aqui, sentou-se junto ao aquecedor e se pôs a corrigir e a revisar um caderno. Fez isso uma vez, mudando uma palavra aqui, outra ali, riscando frases inteiras e escrevendo frases novas. E então começou tudo de novo e mudou mais algumas palavras e riscou mais algumas frases. E então começou tudo de

novo. Por fim rasgou o caderno e jogou-o no lixo. ‘Caramba, Joe!’, disse eu. ‘Esse você com certeza melhorou. Melhorou tanto que o destruiu.’”

“Para onde ele leva os cadernos, quando os recolhe e os guarda na pasta?”, perguntei.

“Foi sempre muito vago quanto a isso”, Siskind respondeu. “Na verdade, eu nunca entendi realmente por que ele os leva. Já lhe disse muitas vezes que pode deixar os cadernos aqui por quanto tempo lhe convier e pode ficar com o armário todo, se quiser. Ele é tão perfeccionista que eu não me surpreenderia se soubesse que rasga os cadernos e os joga na primeira lata de lixo que encontra. E depois começa tudo de novo. Começa a partir do zero. Bem, imagino que deve esconder os cadernos em algum lugar secreto.”

* * *

Na noite seguinte voltei ao Goody’s. Gould estava em uma mesa, diante do balcão. Tinha à sua frente um copo de cerveja vazio. Usava o mesmo terno sujo de anarruga que vestira em nosso primeiro encontro e que agora estava muito mais sujo e, além disso, rasgado no ombro. Parecia que alguém lhe dera um puxão raivoso na manga esquerda e quase a arrancara. Sentei-me e lhe devolvi os cadernos e as revistas que me emprestara e lhe agradei por me deixar lê-los.

“Você ficou desapontado”, disse ele, num tom acusador.

“Não, não”, disse eu.

“Ficou, sim”, ele insistiu. “Estou vendo.”

“Para falar a verdade, fiquei mesmo”, confessei. “Pelo que você me falou, pensei que a História Oral consistisse basicamente em conversações, mas não havia conversa nenhuma nos capítulos que você me emprestou e tampouco nos que li no apartamento de Siskind.”

Gould ergueu as mãos. “Naturalmente que não havia”, disse ele. “A História Oral tem dois tipos de capítulo: capítulos de ensaios e capítulos orais. Acontece que todos os que você leu eram capítulos de ensaios.”

Essa informação dissipou de imediato minha perplexidade com relação à História Oral; parecia explicar tudo. Levei o copo vazio até o balcão e pedi uma cerveja para Gould. Depois me sentei novamente e disse a ele que gostaria muito de ler alguns capítulos orais.

“Meu Deus”, ele suspirou. “Já que chegamos a este ponto, preciso lhe contar uma coisa — uma coisa sobre o atual paradeiro da História Oral. Eu esperava manter segredo sobre isso, mas agora entendo que mais cedo ou mais tarde teria mesmo de contar para as pessoas.” Gould franziu a testa, olhou para o teto e coçou a barba, como se procurasse com ansiedade a maneira mais simples de me explicar algo extraordinariamente complicado. “Pois bem, voltando atrás um pouco”, falou por fim, “uma conhecida minha que trabalhava na Biblioteca Pública se aposentou há alguns anos, comprou uma granja em Long Island e me convidou para ir lá no Dia de Ação de Graças. Não vou lhe informar o nome dela nem o endereço da granja; portanto, não me pergunte. É um lugar afastado, numa estrada de terra. Huntington é a estação de trem mais próxima e fica a uma distância considerável. Nesse lugar há duas casas. Uma é de madeira, e nela moram um lavrador polonês e sua mulher, que cuidam dos patos e das galinhas. A outra é uma velha casa de pedra, e nela moram minha amiga e uma sobrinha dela. Minha amiga me mostrou a casa toda, inclusive o porão. O porão era confortável, seco, caiado de branco, e se compunha de um cômodo grande e três pequenos. Os cômodos pequenos foram construídos para servir como depósitos e tinham portas boas e sólidas. E as portas tinham fechadura — fechadura mesmo, com chave, e não cadeado. Ora, no começo de janeiro deste ano, mais ou menos um mês e meio depois que estive lá, um pintor amigo meu me disse que um marchand lhe contou que o Metropolitan Museum estava transferindo grande parte de seus quadros mais preciosos para um lugar à prova de bombas, fora da cidade, para deixá-los lá durante a guerra, e resolvi arregañar as mangas e fazer alguma coisa com relação à História Oral. Imediatamente pensei naqueles cômodos que havia no porão de minha amiga e achei que um deles seria ideal para a História Oral. Assim, escrevi para a minha amiga e a consultei sobre essa

possibilidade. De início, ela não gostou muito da idéia — não queria assumir a responsabilidade —, mas escrevi-lhe de novo e argumentei que uma boa bibliotecária como ela devia ser capaz de entender como era importante para a posteridade o que eu estava lhe pedindo e garanti que gerações que ainda estavam por nascer haveriam de lhe agradecer e de se levantar e de abençoá-la, e por fim ela me escreveu, dizendo que reunisse a História Oral, embrulhasse em dois pedaços de encerado e amarrasse com cordas — em outras palavras, que a enfardasse. Assim fiz, e no domingo seguinte ela e a sobrinha vieram de carro, pegaram tudo e levaram para guardar no porão. E é lá que está. E, se você me pagar a passagem de ida e volta de trem até Huntington e o táxi da estação até a granja e de volta para a estação e me der dinheiro suficiente para comprar uma caixa de bombons para presenteá-la, semana que vem dou um pulo lá e abro o embrulho e escolho umas duas dúzias de capítulos representativos — orais, claro — e os trago.”

Calculamos quanto seria necessário para a viagem, e lhe entreguei o dinheiro.

Gould demorou para viajar. Só voltei a vê-lo na quinta-feira seguinte, quando ele apareceu na redação e disse que tinha ido até a granja no dia anterior, mas não conseguira pegar a História Oral. “Minha amiga não estava em casa”, explicou. “A sobrinha me falou que ela se ausentou há uns dois meses. Está na Flórida. Ela tem um irmão solteiro, um professor de inglês aposentado, e ele estava passando o inverno em St. Augustine e em meados de abril sofreu um derrame. Minha amiga é muito apegada ao irmão e foi cuidar dele. E antes de partir trancou a metade da casa, inclusive os três cômodos do porão, e levou as chaves. Fiquei chateado com isso e implorei à sobrinha que lhe escrevesse imediatamente e lhe pedisse que mandasse a chave do cômodo onde está a História Oral. ‘Escreva o senhor’, a sobrinha respondeu. ‘Não tenho nada a ver com isso.’ Então achei que seria muito mais sensato telefonar, e a sobrinha me deu o número do lugar onde minha amiga está, e eu apreciaria muito se me desse o dinheiro para fazer a ligação.”

Eu lhe disse que podia arranjar para que ele fizesse a ligação naquele instante, com a telefonista da redação.

“Seria ótimo”, disse ele, “mas não posso ligar de dia. A sobrinha me avisou para ligar à noite, porque ela passa o dia no hospital. Se me der o dinheiro, telefone hoje à noite, lá na cabine do Goody’s.”

Na manhã seguinte, pouco depois que cheguei à redação, Gould me ligou e contou que, após várias tentativas, finalmente falara com a amiga por volta da meia-noite. “Ela deve estar muito cansada e nervosa, porque me repreendeu severamente”, acrescentou. “Lembrou-me que, quando concordou em guardar a História Oral, tinha deixado claro que era para eu não ficar num leva-e-traz, mas para deixá-la lá durante toda a guerra. ‘Você queria um lugar seguro e conseguiu um lugar seguro’, ela disse. ‘Portanto, relaxe.’ Perguntei-lhe quando pretendia voltar, mas ela não me deu maiores satisfações. ‘Pode ser daqui a algumas semanas’, respondeu, ‘e pode ser daqui a alguns meses e pode ser daqui a alguns anos. E, enquanto isso, pare de me amolar.’ Tentei argumentar, mas ela bateu o telefone.”

“Será que adiantaria eu ligar para ela?”, perguntei.

“Assim que soubesse por que você ligou, ela bateria o telefone na sua cara”, disse Gould.

Isso me colocou numa situação difícil. Desde meu primeiro encontro com Gould, eu andava procurando seus amigos e inimigos e conversando com eles a seu respeito. A maioria dessa gente o conhecia havia muito tempo e contribuía assiduamente para o Fundo Joe Gould ou havia contribuído no passado. Fazia mais de vinte anos que algumas dessas pessoas — e. e. cummings, o poeta; Slater Brown, o romancista; M. R. Werner, o biógrafo; Orrick Johns, o poeta; Kenneth Fearing, o poeta e romancista; Malcolm Cowley, o crítico; Barney Gallant, o dono do Barney Gallant’s, um nightclub do Village; e Max Gordon, o proprietário do Village Vanguard, outro nightclub do mesmo bairro — vinham lhe dando dez centavos, 25 centavos, cinquenta centavos, um dólar, dois dólares uma ou duas vezes por semana. Cada pessoa que procurei me indicara outras, e eu havia me avistado com umas quinze e contatado por telefone outras tantas. Todas se mostraram

dispostas, ou mais que dispostas, a contar o que sabiam sobre Gould e me forneceram um bom número de histórias e de dados biográficos. Eu tinha lido os recortes referentes a ele no arquivo de três jornais. (O recorte mais antigo que encontrei datava de 2 de março de 1934 e fora extraído do *Herald Tribune*. Nele Gould informava ao repórter que a História Oral tinha 7,3 milhões de palavras. Em outro recorte do *Herald Tribune*, datado de 10 de abril de 1937, ele afirmava que a História Oral já estava com 8,8 milhões de palavras. Um recorte do *PM* de 24 de agosto de 1941 descrevia-o como “o autor de um livro mais alto do que ele”. “A pilha de manuscritos da História Oral tem mais de 2,10 metros, e Gould mede 1,60”, o *PM* explicava.) Por sugestão de um colega de Gould, fui à biblioteca do Harvard Club e consultei os arquivos de sua classe — a de 1911 —, em busca de referências sobre ele. Passei um dia na sala de genealogia da Biblioteca Pública, pesquisando genealogias da Nova Inglaterra e histórias de cidades e condados, à cata de informações sobre seus antepassados e suas relações familiares, e consegui confirmar a maioria das coisas que ele me dissera a esse respeito. Agora só me faltava dar uma espiada na parte oral da História Oral, e isso me parecia essencial. Pelo que percebi, a História Oral era a razão de ser de Gould, e, se não pudesse citá-la ou pelo menos descrevê-la em primeira mão, eu não via como escrever seu perfil. Eu poderia adiar o trabalho até a amiga dele voltar da Flórida e abrir o porão, mas sabia, por experiência própria, que adiar um projeto dessa natureza geralmente equivalia a abandoná-lo; sabia que meu interesse desapareceria assim que me envolvesse com outra matéria e que logo estaria detestando o perfil pelo simples fato de deixá-lo pendente. Além disso, eu estava cada vez mais desconfiado de Gould; começara a pensar que, qualquer que fosse o motivo, ele não queria realmente que eu lesse a parte oral da História Oral e que, quando a tal amiga voltasse, uma nova dificuldade haveria de surgir. Por impulso, concluí que a melhor coisa a fazer era abandonar o projeto naquele exato momento e partir para outro assunto o mais rápido possível.

“Desculpe, senhor Gould, mas acho melhor desistir de tudo”, falei.

“Ah, não!”, ele retrucou, parecendo alarmado. “Sabe, eu tenho uma memória excepcional. Já me disseram muitas vezes que provavelmente eu tenho o que os psicólogos chamam de memória total. Já perdi capítulos inteiros da História Oral e os reconstituí completamente de memória. Uma vez perdi um e o reconstituí e depois o achei e constatei que havia reescrito muitas páginas praticamente palavra por palavra. Se você me encontrar no Goody’s hoje à noite, vou recitar alguns capítulos para você. Vou recitar dezenas de capítulos. Se tiver paciência de ouvir, recitarei centenas. Assim você terá uma idéia da parte oral da História Oral tão boa quanto se a lesse. Considerando minha caligrafia, você pode até ter uma idéia melhor.”

Naquela noite, por volta das oito, Gould e eu nos sentamos a uma mesa dos fundos, num cantinho sossegado do Goody’s. Primeiro ele tomou dois *dry martinis* duplos, alegando que tinha um motivo especial para isso. “Descobri que o gim abastece a bomba da memória”, explicou. E se pôs a desfiar a história de um homem que encontrava com frequência nos albergues e que era uma espécie de fanático religioso e tinha o apelido de Diácono; contou a história na primeira pessoa, da mesma forma como a escutara. Diácono era um beberrão eventual e macambúzio. Pertencera a uma seita luterana cismática, porém se afastara e ficara com a impressão de que havia perdido a alma; acreditava que encontrara na Bíblia referências à data precisa do fim do mundo — ano, mês, dia e hora — e tinha constantes visões noturnas. Numa noite de verão, por exemplo, estava sentado na soleira de uma porta da rua Great Jones, perto da Bowery, e sentiu cheiro de enxofre; ergueu os olhos, viu o diabo passar e sentiu o calor do inferno emanando dele. Mais tarde, na mesma noite, viu duas sereias no East River. Elas estavam perto do píer 26, no fim da rua Catharine, brincando ao luar. “Não eram exatamente meio mulher, meio peixe”, o homem esclarecera. “Eram mais meio mulher, meio cobra. Quando me viram sentado no píer, olhando para elas, estenderam os braços e se requebraram e fizeram outros movimentos para me atrair e, se eu tivesse caído na tentação, teriam se enrolado em mim e me arrastado para o fundo.”

Gould dedicou cerca de uma hora às visões e aos tormentos do Diácono. E então, depois de tomar mais um *dry martini* duplo, citou alguns comentários que, afirmou, ouvira de uma húngara lamentosa, conhecida como Velha Budapeste, ou Velha Buda, a Peste, que freqüentava os bares da Terceira Avenida, em torno da Cooper Square, e falava sem parar com quem a escutasse. Gould me disse que enchera muitos cadernos com a falação da húngara. A Velha Buda se casara três vezes e três vezes enviudara; por intermédio de um dos maridos, tivera alguma conexão com o tráfico de drogas; havia sido cafetina, ou, como ela mesma se definiu, “administradora de uma casa de quartos mobiliados para mulheres, lá na zona do estaleiro da Marinha, no Brooklyn”; e acabara trabalhando na cozinha de um hospital municipal. O discurso da Velha Buda consistia basicamente em descrições e reflexões sobre as coisas horríveis que ela vivera ou presenciara. Gould recitou alguns de seus solilóquios literalmente, parafraseou outros e resumiu mais alguns. Encerrado esse assunto, tomou um quarto *dry martini* — desta vez, simples. Depois pediu mais um, porém não esvaziou o copo. Pediu então uma cerveja grande, bebeu e em seguida pediu uma cerveja pequena e bebeu. A essa altura passou a descrever um restaurante que freqüentara assiduamente no início da década de 1930. Chamava-se Frenchy’s Coffee Pot e estava localizado na Primeira Avenida, perto da rua 29, bem em frente ao prédio da patologia do Hospital Bellevue, que abrigava também o serviço funerário municipal; ficava aberto até as duas da madrugada e reabria às seis da manhã; era freqüentado por enfermeiras, internos, atendentes, motoristas de ambulância, funcionários do necrotério, alunos da escola de embalsamamento e outras pessoas que trabalhavam no hospital e no serviço funerário. Gould contou que puxava conversa com elas sempre que possível e se pôs a citar algumas coisas que lhe disseram. “Esta parte da História Oral é bastante tétrica”, advertiu. “Intitula-se ‘Ecos da escada de serviço do Bellevue’ e divide-se em seções, denominadas ‘Operações e amputações espetaculares’, ‘Mortes horríveis’, ‘Médicos sádicos’, ‘Médicos alcoólatras’,

‘Médicos drogados’, ‘Médicos mulherengos’, ‘Tumores imensos etc.’ e ‘Coisas esquisitas encontradas em autópsias.’”

Depois de citar longos trechos de cada uma das seções relativas ao Bellevue, ele pediu mais uma cerveja pequena, tomou-a e anunciou que agora ia citar passagens da parte mais extensa e mais importante da História Oral. Explicou que essa parte, intitulada “Uma infinidade de disparates”, referia-se ao Village e preenchia cerca de 75 cadernos. “Contém um número enorme de monólogos, conversas e discussões a respeito de uma ampla variedade de assuntos — arte, literatura, política, teologia, sexo — que escutei no Village”, acrescentou, “e será muito valiosa para os historiadores sociais dos séculos vindouros, porém o que tem de mais valioso são os mexericos — o que falavam uns dos outros, pelas costas, nos anos 20 e 30. Como esclareço em algum ponto da apresentação dessa parte, que ocupa, sozinha, nove cadernos, são ‘Mexericos maldosos, perversos e maldosos. Despeito e inveja e luxúria da meia-idade e azedume da meia-idade’. Mencione qualquer pessoa que andou pelo Village no último quarto de século, e provavelmente terei alguma coisa sobre ela nessa parte da História — alguma coisa desagradável. Contudo, sem embargo, não obstante e seja como for”, disse, levantando-se de repente, “por favor, desculpe-me por um minuto.”

Eu me concentrara de tal modo em minhas anotações que não erguera a cabeça durante algum tempo, e agora, ao fazê-lo, constatei que Gould estava bêbado, ou quase. Tinha os olhos vazios e fixos; fitava-me como se nunca tivesse me visto. Isso me surpreendeu, pois sua voz se mantinha firme e seu discurso era coerente. “Volto já”, ele avisou. E, ao afastar-se da mesa, cambaleou no corredor, porém se recompôs e dirigiu-se ao banheiro dos homens, arrastando os pés e estendendo os braços para equilibrar-se, como um velho fraco.

Quando retornou, eu lhe disse que temia que ele estivesse cansado de falar e sugeri que parássemos por ali e nos encontrássemos novamente na noite seguinte. Gould balançou a cabeça vigorosamente. “Não estou nem um pouco cansado”, disse. Fechei meu caderno de anotações e fiz menção de

guardá-lo no bolso. “Você é que está cansado”, ele comentou, agarrando-me pela manga. “Não vá embora, não”, pediu. “Quero lhe contar uma coisa sobre minha mãe. Não falei muito sobre ela, outro dia, lá no restaurante, e acho que devo falar. Não se preocupe em tomar notas. Apenas escute.”

Sua mãe fora uma boa mãe, ele começou, exceto por uma coisa: nunca o tratara como adulto. Quando estava em Harvard, e mesmo depois, quando vivia em Nova York havia anos e se tornara bem conhecido como boêmio e deixara a barba crescer, ela continuava a mandar-lhe de vez em quando pacotes de uma bala barata, chamada “caroço de pêssego”, de que gostava na infância. Isso era típico dela, acrescentou. “Quando eu era menino, minha mãe me fez uma coisa que eu nunca consegui perdoar nem esquecer”, revelou. “Pode parecer um incidente bobo, em que não vale a pena pensar duas vezes, mas devo ter pensado nele mil vezes. Uma noite, depois do jantar, estávamos sentados na sala de visitas de nossa casa, em Norwood. Eu estava estudando; de repente levantei a cabeça e vi que ela olhava para mim e aparentemente estava olhando já havia algum tempo e lágrimas lhe corriam pelas faces. ‘Meu pobre filho’, ela disse.” Os olhos de Gould faiscavam. Ele ficou em silêncio por alguns instantes. E depois esqueceu tudo sobre a mãe e passou a falar sobre o pai. E se empolgou de tal modo que parecia incapaz de parar. O pai tinha paixão por ferrovias e colecionava tabelas de horários de trens e retratos de locomotivas. Norwood situa-se num ramal da antiga Estrada de Ferro da Nova Inglaterra, atual New York, New Haven & Hartford, e seu pai era médico da companhia ferroviária e membro da Associação Internacional de Médicos Ferroviários. “Uma noite”, Gould contou, “meu pai largou o jornal, que era o *Evening Transcript* de Boston, não tenha dúvida, e anunciou que de manhã iria para Boston ver uma locomotiva nova que a companhia estava preparando para pôr em circulação, e depois anunciou que ia me levar junto. Isso aconteceu quando eu tinha nove ou dez anos e ele ainda não havia desistido de mim, por assim dizer, e esse foi um dos dias mais felizes de minha vida. Acordamos antes do nascer do sol, tomamos café juntos, pegamos um dos primeiros trens,

paramos no restaurante da estação de Boston e tomamos mais um café-da-manhã. Ele pediu café e pão de mel com canela e passas; eu pedi chocolate quente e pão de mel com canela e passas. Depois fomos para o pátio de manobras. Uma multidão de ferroviários rodeava a locomotiva, examinando-a com toda a atenção, e meu pai conhecia um deles. ‘Como vai, senhor Delehanty?’, disse meu pai. ‘Este é meu filho Joseph.’”

Essa lembrança o emocionou tanto que sua voz falhou, seus olhos se encheram de lágrimas e ele não pôde prosseguir. Momentos depois, enquanto enxugava os olhos com um guardanapo de papel e tentava se recompor, um velho boêmio que estava no balcão se aproximou e lhe disse: “Sei como você está se sentindo, Joe. Foi um tremendo choque, realmente”. Gould fitou o velho boêmio. “Que choque?”, perguntou. O velho boêmio também o fitou. “Ao saber daquilo”, respondeu. “Aquilo o quê?”, Gould perguntou. “Bob”, disse o velho boêmio. E então, observando Gould com atenção e vendo-o aturdido, explicou que um certo Bob Não-sei-das-quantas (não entendi o sobrenome), que evidentemente era outro velho boêmio e amigo de ambos, havia caído no Goody’s, à tarde, quando estava sentado ao balcão, e fora levado para o Hospital St. Vincent, onde, segundo um telefonema que o barman acabara de receber, falecera pouco depois de dar entrada. Gould ficou visivelmente encantado com a notícia. “Ora, devo dizer que acho isso muito louvável da parte de Bob”, declarou. “Na verdade, isso é provavelmente a coisa mais louvável que ele fez na vida”, completou. O velho boêmio se mostrou perplexo, porém logo mudou de expressão e riu com gosto. “Coitado do Bob”, disse Gould, mais comedido. A seguir, ele e o velho boêmio absorveram-se numa discussão muito séria sobre a idade de Bob — se ele havia chegado aos setenta ou ainda estava na casa dos sessenta —, e eu aproveitei a oportunidade para me despedir e ir embora.

Na noite seguinte Gould e eu mais uma vez nos vimos no Goody’s. Encontramo-nos às seis, e o escutei até a meia-noite, mais ou menos. Saltamos a noite seguinte, que era domingo. Na segunda-feira encontramos novamente às seis e novamente o escutei até a meia-noite, mais ou menos. Pensei que havíamos combinado nos encontrar na terça-feira às oito,

mas, quando cheguei, às oito, constatei que isso não ficara claro para Gould; ele me esperava desde as seis e estava agitado, tamanha era sua ansiedade para começar a falar. A fim de me redimir, escutei-o até o Goody's fechar, às quatro da manhã. Tornei a encontrar Gould na quarta-feira à noite, na quinta-feira à noite, na sexta-feira à noite. Esses encontros seguiam um padrão. Gould citava passagens da História Oral enquanto o gim e a cerveja iam surtindo efeito, pouco a pouco; depois perdia o interesse pela História Oral e se punha a falar cada vez mais sobre si mesmo, até se tornar seu único assunto. Aparentemente achava que nenhum detalhe de sua vida era trivial demais para não ser relatado. Falava sobre a primeira vez que pescou um peixe e sobre a extração de suas amígdalas, contava historinhas bobas da família, rindo o tempo todo, e rememorava minúcias de conversas que tivera com amigos de sua meninice sobre os mistérios do mundo adulto. Uma ocasião me mostrou várias cicatrizes que tinha nas faces e na testa e me contou como adquiriu cada uma delas; lembro que duas cicatrizes da testa resultaram da explosão de um pote de conserva de tomate feita por sua mãe. Uma noite, a altas horas, ele se calou por um instante e me perguntou se eu estava cansado de ouvi-lo; decidi ser gentil e abri a boca para dizer “de jeito nenhum”, mas o cansaço me obrigou a ser franco e admiti que sim, estava; diante disso ele riu e declarou que compreendia, porém acrescentou que esperara anos para conversar detalhadamente com alguém sobre si mesmo e agora que se deparava com uma oportunidade de fazê-lo pretendia aproveitá-la ao máximo. “E, já que vai escrever a meu respeito, você não tem saída”, concluiu. “É seu dever me escutar: faz parte de seu trabalho.”

Após o encontro da sexta-feira, que se estendeu por dez horas — das seis da tarde às quatro da manhã —, achei que já estava bastante familiarizado com uma amostra representativa de capítulos da História Oral e não precisava mais ouvi-lo, embora fosse evidente que Gould mal havia começado e podia continuar falando por semanas; eu simplesmente não tinha tanta resistência. Tentei lhe explicar isso, mas hesitei e disfarcei, e ele me interrompeu, meio zangado: “Se está tentando me dizer que não quer

mais me ouvir, não precisa se desculpar. Tenho plena consciência de que falo demais”.

Na segunda-feira seguinte, 29 de junho, comecei a escrever o perfil de Gould. Na terça, por volta do meio-dia, ele telefonou e disse que estava preocupado com as informações referentes a seu ambiente familiar e queria interpretá-las pessoalmente. Havia sutilezas que talvez me passassem despercebidas, argumentou, já que, ao contrário dele, eu não era da Nova Inglaterra. E foi à redação e ali ficou a tarde inteira, porém não interpretou informação nenhuma; apenas discorreu mais sobre si mesmo. Na quarta-feira de manhã, bem cedo, telefonou para me comunicar que dedicara a maior parte da noite a recapitular mentalmente nossas conversas e levava um choque ao constatar que se esquecera de me contar muitas coisas de enorme importância. Disse que queria voltar à redação e me fornecer esses dados. Respondi que estava mergulhado, sufocado, afogado em informações e lhe supliquei que não me contasse mais nada até eu terminar de escrever o primeiro rascunho do perfil e ele o ler. Então poderia apontar as lacunas, acrescentei. Na quinta-feira, no meio da manhã, a recepcionista entrou em minha sala e anunciou que Gould estava lá fora e desejava me ver. “Falou que é muito importante”, alertou. Pedi a ela que lhe dissesse que eu tinha ido a um enterro. Ele permaneceu sentado na recepção durante uma hora, mais ou menos, e então deixou um bilhete para mim e foi embora. “Lembro-me de ter lhe dito que a parte da História Oral relativa ao Greenwich Village se intitula ‘Uma infinidade de disparates’”, dizia o bilhete. “Depois de muito pensar, decidi mudar esse título e achei que devia lhe comunicar tal decisão imediatamente. O novo título é ‘O hospício sem grades, ou Descidas diurnas e descidas noturnas ao submundo intelectual de nossa época’. Se por acaso se referir a essa parte da H. O., por favor, tenha isso em mente.” Na sexta-feira ele telefonou, e lancei mão de uma mentira. Falei que estava saindo de férias e só retornaria dali a duas semanas. Durante essas duas semanas cheguei cedo à redação e saí tarde, não fui interrompido e terminei de escrever o perfil. Então realmente tirei férias.

Logo depois que voltei, no início de agosto, Gould ligou. A essa altura eu já estava com as provas do perfil e lhe pedi que aparecesse para lê-las. Ele as leu com vagar e atenção e se declarou satisfeito. “Quer que eu mude alguma coisa?”, perguntei. “Nem uma palavra”, foi a resposta. No dia seguinte ele apareceu de novo e disse que achava que um parágrafo relativo a seu conhecimento das gavotas devia ser muito mais extenso. “Os leitores não de querer saber muito mais sobre esse assunto”, argumentou. Dois dias depois me veio com uma sugestão semelhante a respeito de outro parágrafo. Três dias depois voltou com mais uma sugestão semelhante a respeito de mais um parágrafo. Adquiriu o hábito de ir à redação pelo menos uma vez por semana e tentar me fazer acrescentar algumas frases aqui, um parágrafo ali. Nunca tentou me convencer a mudar nada; só queria que eu acrescentasse. Na maior parte dos dias em que não aparecia pessoalmente, telefonava. Comecei a estremecer ao ouvir sua voz.

O perfil de Gould foi publicado na edição da *New Yorker* de 12 de dezembro de 1942 com o título “O Professor Gavota”. Na véspera do lançamento desse número, precisei viajar para o Sul por causa da doença de um parente. Tive azar por lá — caí do cavalo ao saltar uma vala e desloquei um ombro e, enquanto estava de cama, peguei pneumonia — e só retornei a Nova York mais de três semanas depois; na verdade, após o ano-novo. Quando voltei à redação, encontrei em minha mesa um monte de cartas enviadas por leitores do perfil — 45 para mim e dezessete para Gould, a meus cuidados. Entre as cartas endereçadas a mim havia uma do próprio Gould.

“Sempre tive a sensação de estar à frente de meu tempo”, ele escreveu. “Conseqüentemente, sempre tive a certeza de que a importância da História Oral só seria reconhecida no futuro distante, muito depois de minha morte, porém agora, graças a seu pequeno artigo, começo a ver indícios de que isso poderá acontecer ainda em minha vida. Estranhos que passavam por mim na rua geralmente me olhavam com expressões que iam da perplexidade à

franca hostilidade, mas agora um número crescente deles parece que sabe quem eu sou e me olha com respeito e de vez em quando um deles pára e me faz perguntas sobre a História Oral. Perguntas sérias e sensatas. E pessoas que realmente me conhecem há muito tempo começam a me ver sob um novo prisma. Deixei de ser apenas aquele maluco do Joe Gould e me tornei aquele maluco do Joe Gould que pode acabar sendo considerado um dos grandes historiadores de todos os tempos. Tão grande quanto Froissart. Tão grande quanto John Aubrey. Tão grande quanto Gibbon. Percebi uma mudança até mesmo nos radicais do Village. Um deles, que durante muito tempo andou fingindo que não me via, falou comigo outro dia. Em tom condescendente, mas falou. ‘Sei que não é sua intenção, mas a História Oral pode muito bem vir a ser uma espécie de raio X da alma da burguesia’, disse ele. ‘O que o leva a crer que não é essa minha intenção?’, perguntei. Talvez lhe interesse saber também que os balconistas e as garçonetes do Jefferson Diner voltaram a brincar comigo. Agora, quando apareço por lá, me chamam de Professor, ou de Gaivota, ou de Professor Gaivota, ou de Mangusto, ou de Professor Mangusto, ou de Garoto do Bellevue, como antes, e, não sei por quê, gosto disso. Às vezes, quando brincam comigo, pessoas ignorantes como essas têm uma espécie de audácia inspirada que é muito alegre e contagiante. Anima a gente. Ignorantes em livros, quero dizer. Em alguns assuntos, eu queria saber um décimo do que sabem. Ainda faço minha ronda pela Sexta Avenida, mas agora meu lugar favorito é o Minetta Tavern, na esquina da Macdougall Street com a Minetta Lane, no setor italiano do Village. O Minetta é um bar e restaurante de bairro, antiquado, que de vez em quando atrai alguns turistas. O dono quer incentivar esse tipo de clientela, e ele e eu chegamos ao que se pode chamar de acordo tácito. Sento-me a uma mesa e fico lá desde o fim da tarde até às nove, dez, onze da noite, trabalho na História Oral e dou ao ambiente um certo toque do Village. Sou o boêmio residente, o boêmio da casa. Em troca ele me fornece jantar grátis, desde que eu peça espaguete com almôndegas ou alguma coisa do gênero como prato principal, e, se preciso, posso me agüentar com uma refeição por dia. Além disso, sempre há alguém disposto a me pagar uma

cerveja, um copo de vinho ou, se minha necessidade é grande, um *dry martini*. Além disso, conversando com os turistas e explicando-lhes a História Oral, consigo um bocado de contribuições para o Fundo Joe Gould. [...]”.

Naquela noite, depois do expediente, pus no bolso as cartas endereçadas a Gould e fui até o Minetta Tavern. Gould estava sentado à mesa mais exposta — em frente ao bar e visível desde a Minetta Lane —, escrevendo num caderno. Entreguei-lhe as cartas e ele as olhou com desconfiança. No entanto, depois de ler algumas, empolgou-se e passou a abri-las e a correr os olhos por elas e a murmurar consigo mesmo, deliciado. Todas as cartas eram lisonjeiras de um modo ou de outro. Uma fora enviada por uma mulher de Norwood que havia sido sua colega de classe no colegial. Estava escrita a lápis, em papel pautado, estendia-se por seis ou sete páginas, continha notícias de várias pessoas das quais Gould não ouvia falar desde que deixara sua cidade natal e era muito amistosa. Gould se iluminou ao lê-la. “Sua velha casa ainda é uma das mais bonitas de Norwood”, a mulher escreveu. “Gente de minha idade e mais velha que eu a chama de “a velha casa do dr. Gould”. Agora é um pensionato para professoras, enfermeiras, viúvas e mulheres sozinhas de fino trato. Você se lembra da sra. Annie Faulkner? Ela é a proprietária. Pode hospedar dezoito mulheres. Por dentro continua praticamente igual ao que era quando vocês moravam lá. Algumas peças são as mesmas, como o espelho grande com cupidos dourados, no hall de entrada. Se não me falha a memória, você tinha parentes em Boston e em outras cidades de Massachusetts que estavam muito bem de vida, e mais cedo ou mais tarde um deles pode lhe deixar alguma coisa, e, se isso acontecer (e você sabe, tão bem quanto eu, que essas coisas realmente acontecem em famílias grandes como a sua, cheia de velhas tias e primas solteironas que podem deixar o que têm tanto para você quanto para seus queridos gatos ou cachorros ou para a Igreja da Ciência Cristã, como estão sempre fazendo), por que você não volta e compra a velha casa e passa a morar em Norwood uma parte do ano? Fiquei muito orgulhosa quando li

sobre o livro de história que você está escrevendo e ouvi outras pessoas dizerem a mesma coisa e prevejo que um dia haverá uma estátua sua em Norwood. [...]” Vários remetentes incluíram dinheiro no envelope e escreveram “tome uma cerveja por minha conta”, ou algo semelhante. Um colega de Harvard mandou uma nota de cinco dólares. Um oficial da Marinha reformado enviou um cheque de 25 dólares. E informou que passava grande parte do tempo sentado no píer de uma fábrica de conserva de caranguejos, em Annapolis, Maryland, observando e ouvindo as gaivotas. “Adoro as gaivotas, como você”, escreveu, “e às vezes acho que também entendo a língua delas.”

Eu disse a Gould que esperava que ele escrevesse para aquelas pessoas e lhes agradecesse.

“Escrever!”, ele exclamou. “Hoje à noite vou dar o melhor de mim para começar a me corresponder com cada uma delas. Talvez eu consiga convencer algumas a se tornarem contribuintes assíduas do Fundo Joe Gould.”

Ele foi mostrar uma das cartas a um conhecido seu que estava de pé junto ao balcão. Seu caderno ficara aberto sobre a mesa, e dei uma espiada. Na primeira página, em maiúsculas grandes e caprichadas, estava escrito: “MORTE DO DR. CLARKE STORER GOULD. UM CAPÍTULO DA HISTÓRIA ORAL DE JOE GOULD”. Calculei que essa era a quarta versão do mesmo capítulo. Quando ele voltou, comentei: “Vejo que você ainda está trabalhando no capítulo sobre a morte de seu pai”. Gould se irritou. “Qual é o problema?”, rebateu. “Ontem à noite, no Goody’s, discuti sobre a mesmíssima coisa com Maxwell Bodenheim e outros velhos boêmios. Max vive espiando por cima de meu ombro e sabe que há anos tenho trabalhado na morte de meu pai. Ele sabe que estou sempre deixando de lado e retomando esse capítulo. E ontem caçoou de mim, porque gasto tanto tempo com isso. ‘Não me diga que ainda está tentando enterrar seu pai’, ele falou. Max escreveu uma prateleira inteira de livros — uma prateleira inteira de romances, melhor dizendo; uma prateleira inteira de romances que não valem nada; uma

prateleira inteira de romances *compridos* que não valem nada — e acha que isso lhe dá o direito de ensinar todo mundo. Eu expliquei que só estou tentando escrever um relato que seja uma pequena obra-prima e perdue para sempre. Só isso. ‘Qualidade, e não quantidade’, frisei. Eu disse a ele que aquele meu poeminha de cinco versos sobre a morte da *Dial* valia mais que todos os seus romances ociosos juntos. ‘Um poema de cinco versos que é perfeito em seu gênero vale mais que qualquer número de livros enormes, informes e disformes’, concluí.”

Ocorreu-me o pensamento de que para o autor de um livro tão enorme e informe e disforme como a História Oral esse era um jeito esquisito de falar.

Eu tinha levado a correspondência para Gould numa segunda-feira à noite. Na quarta-feira seguinte, de manhã, chegou mais uma carta para ele. Enviei-a para o Minetta Tavern. Na sexta-feira de manhã, chegaram mais quatro cartas, e decidi passar no Minetta à noite, quando fosse para casa, e entregá-las pessoalmente. No entanto, pouco depois do almoço a recepcionista me comunicou que Gould estava na recepção e queria saber se havia correspondência para ele. Gelei. Meu Deus, lembro de ter pensado, entrei numa fria. Agora ele vai aparecer praticamente todos os dias atrás de cartas. E toda vez que vier, vai falar, falar, falar. E vai ser assim, entra ano, sai ano, até eu morrer ou ele morrer. “Mande-o entrar, por favor”, pedi. Ele entrou, pegou a correspondência e examinou cada um dos envelopes, frente e verso. “Escrevi para todos que escreveram para mim, conforme prometi, e estas são as primeiras respostas”, disse.

“Se vai continuar escrevendo para eles, não seria melhor dar o endereço do Minetta Tavern?”, perguntei.

“Se você não se importar”, ele respondeu, sua voz assumindo de repente um tom de indignação, “continuarei usando o endereço da *New Yorker*. O pessoal do Minetta me trata bem agora, mas pode se cansar de mim a qualquer momento e me enxotar, e, se fizer isso, eu não vou gostar de ir lá perguntar se chegou carta para mim.” E então disse uma coisa que me

deixou sem palavras: “Escute aqui, foi você que começou tudo isto. Eu não procurei você. Você é que me procurou. Você queria escrever um artigo sobre mim e escreveu e agora tem de arcar com as conseqüências”.

“Desculpe-me, por favor”, disse eu. “Você tem razão.”

No momento seguinte Gould adotou uma atitude conciliatória. “Em outras palavras”, disse com uma risadinha, “quem dorme com cães acorda com pulgas.”

A partir de então, exatamente como eu temia, ele passou a freqüentar a redação. Aparecia duas ou três vezes por semana, geralmente à tarde. Quando estava sóbrio, era tímido — tímido, porém desesperado. Mais ou menos como aqueles homens que são tímidos demais para falar com um desconhecido, mas não para assaltar um banco. Se chegava nesse estado, passava direto pela recepcionista, invadia minha sala sem bater na porta, pegava sua correspondência, se havia alguma, recolhia uma contribuição para o Fundo Joe Gould, tirava o *Herald Tribune* daquela manhã do cesto de lixo e ia embora em questão de minutos. Se havia bebido, sentava-se e falava, e eu tinha de deixar tudo de lado para escutá-lo. Na verdade eu não me importava tanto — nesse estado ele normalmente desfiava cada mexerico que andava circulando pelos bares e botecos do Village, e eu adquirira um interesse mórbido por esse tipo de coisa. Ademais, em geral eu podia contar que me livraria dele ao cabo de uma meia hora. Mas se estivesse de ressaca, minha tarde estava perdida. Nessas condições Gould tinha compulsão para falar, estava decidido a falar, não aceitava recusa, e eu teria sorte, se conseguisse me livrar dele ao cabo de uma hora e meia, duas horas ou até mesmo três. Gould se sentava na beira de uma velha cadeira giratória, num canto da sala, o portfólio no colo, a roupa cheirando às fumigações e aos desinfetantes usados nos albergues, os olhos remelentos, e se contorcia, e se coçava, quase histérico, e matraqueava sem parar. O assunto era sempre o mesmo: ele próprio. E eu ficava sentado, ouvindo e me esforçando para demonstrar algum interesse, e pouco a pouco meus olhos se embaçavam, meu sangue virava água e uma espécie de paralisia se apoderava de mim. Eu

era jovem então, e muito mais gentil com os mais velhos — e com todo mundo, pensando bem — do que deveria. E ainda não sabia nada sobre o tempo; ainda tinha a ilusão de que dispunha de muito tempo — tempo para isto, tempo para aquilo, tempo para tudo, tempo para perder.

Eu continuava com a esperança de que Gould discorresse sobre si mesmo até esgotar o assunto, mas passaram-se meses sem sinais disso. Continuou a aparecer na redação com a mesma freqüência de sempre. Uma tarde, em agosto, durante uma de suas visitas, percebi de repente, para meu desânimo, que falar comigo estava se tornando cada vez mais — e não menos — importante para ele. Depois de refletir um pouco, achei que havia descoberto o motivo. Não tinha muito a ver comigo como pessoa. Na verdade, não creio que Gould gostasse muito de mim. Uma vez ele disse que não suportava sulistas e que eu não constituía exceção, e embora estivesse bêbado naquela ocasião e depois tenha se desculpado, provavelmente falou sério. O fato é que, como o escutara durante longos encontros, enquanto trabalhava no perfil, e continuava a escutá-lo sempre que ele aparecia e se punha a tagarelar, eu provavelmente acabara sabendo mais sobre seu passado do que qualquer outra criatura na cidade e talvez no mundo, e me tornara uma espécie de parente substituto ou de velho conterrâneo. Apesar de nossa diferença de idade, ele falava comigo como se eu o conhecesse desde pequeno. Quando se referia a seu tio Oscar, por exemplo, sabia que eu sabia que se tratava do irmão de sua mãe, Oscar Vroom, que sua mãe praticamente idolatrava, e sabia que eu sabia o que seu pai achava de Oscar Vroom e o que Oscar Vroom achava de seu pai. Quando citava diversas pessoas que conhecera em sua meninice, como a senhora Betty Allsopp, sabia que eu sabia que papéis elas desempenharam em sua vida. (Ele acreditava que a senhora Allsopp era responsável por seus problemas dentários e por sua necessidade de usar dentadura antes de completar trinta anos. A senhora Allsopp era amiga da família e morava do outro lado da rua. Tinha a idade da mãe de Gould e era viúva, baixinha, delicada e bonita. Num dia quente de verão, quando ele estava com catorze anos, mais ou menos, a senhora Allsopp o convidou para tomar um copo de limonada em

sua cozinha; Joe tentou levantar-lhe a saia e levou um safanão tão violento que, segundo ele, lhe enfraqueceu os nervos de oito dentes — quatro superiores e quatro inferiores — e lhe arruinou a mastigação.) Quando mencionava o Bigelow Block, o Folan Block e o Sanborn Block, ele sabia que eu sabia que estava se referindo a prédios de lojas e escritórios que eram marcos de Norwood e sabia que eu estava ciente de algumas das conotações emocionais que esses nomes tinham para ele. Quando falava de Ed Goodbird, do Chefe Água, de Ash-kob-dip, sabia que eu sabia que estava se referindo a velhos índios que conhecera em Dakota do Norte e sabia que eu sabia quanto admirava cada um deles e por quê. Em seus anos no Village ele assediara uma sucessão de mulheres boêmias, na maioria candidatas a poeta ou a pintora, muitas alcoólatras ou excêntricas ou ambas as coisas, e várias que acabaram em hospitais para doentes mentais; quando seus nomes surgiam na conversa, Gould sabia que eu sabia quais foram receptivas e quais não foram e quais, além de não ser receptivas, ainda apresentaram queixa contra ele na polícia. Gould pusera apelido em muita gente do Village, e quando se referia ao Cuspidor, ao Cata-Níquel ou à Velha Tia Prima Irmãzinha Susy Belle Susy Sue, sabia que eu sabia de quem se tratava. Percebi que, por saber tanto de seu passado, eu acabara me tornando parte de seu passado. Conversar comigo lhe permitia recuperar seu passado, permitia-lhe mantê-lo vivo. Percebi também que não havia como negar o fato de que, quanto mais ele falasse comigo, mais eu saberia de seu passado, e quanto mais eu soubesse de seu passado, mais importante se tornaria, para ele, falar comigo. Isso me assustou e decidi me livrar dele, se necessário transferindo o fardo para outra pessoa o mais depressa possível.

A melhor maneira, decidi, seria arrumar um editor que se interessasse pela História Oral. Uma vez Gould me disse que levava braçadas da História Oral a catorze editoras e acabara desistindo de tentar publicá-la. “A metade falou que era uma obra obscena e ofensiva e me mandou tirá-la dali o mais depressa possível”, contou. “A outra metade reclamou que não conseguia ler minha letra.” Pensei que Maxwell Perkins, editor da Scribner’s, que trabalhara com Thomas Wolfe, talvez se interessasse por Gould, e foi para

ele que liguei em primeiro lugar. A secretária me informou que Perkins viajara. Falei um pouco sobre Gould e perguntei-lhe se achava que o senhor Perkins poderia recebê-lo e conversar com ele. “Acho que não”, a secretária respondeu. “Por quê?”, perguntei. “O senhor Gould já esteve aqui”, ela explicou. “Apareceu de repente, não faz muito tempo, e insistiu para falar com o senhor Perkins. Teve de falar comigo e me deixou dois cadernos perfeitamente imundos para que eu os entregasse ao senhor Perkins, cada qual contendo um capítulo manuscrito de sua História. Parece que esperava obter um bom adiantamento em função do volume. Passei a maior parte do dia seguinte decifrando sua letra e copiando os capítulos para o senhor Perkins ler. Um capítulo era sobre a morte do pai, mas divagava por todo o hemisfério ocidental, e o outro era algo sobre índios. O senhor Perkins leu e não ficou nem um pouco impressionado. Dias depois o senhor Gould voltou, e o senhor Perkins o recebeu e lhe disse que sentia muito, mas não podia lhe dar nenhum adiantamento, e o senhor Gould se tornou bastante intratável. Não creio que o senhor Perkins esteja muito interessado em vê-lo novamente.”

Um amigo meu, chamado John Woodburn, era editor da Harcourt, Brace, e foi para ele que liguei em segundo lugar. Woodburn me falou que várias vezes lhe ocorrera que uma seleção representativa de capítulos da História Oral poderia dar um livro e que gostaria muito de conversar com Gould, mas estava ocupadíssimo. Disse que estava trabalhando dia e noite num manuscrito com um romancista que estava prestes a embarcar para a Europa, e que ele próprio deveria viajar a negócios dentro de alguns dias. Depois, impulsivamente, disse que receberia Gould. “Peça-lhe para vir amanhã ao meio-dia. Tenho um almoço importante, mas vou desmarcá-lo e mandar trazer um sanduíche, e poderemos conversar pelo menos meia hora. Gostaria de fazer uma porção de perguntas sobre a História Oral e, nunca se sabe — talvez saia alguma coisa disso.” À noite, liguei para Gould, no Minetta, e lhe falei sobre a entrevista. Ele perguntou se eu tinha noção da política de adiantamento da Harcourt, Brace, e, em caso afirmativo, qual o montante do adiantamento que deveria pedir; perguntou também se eu já

tinha visto algum contrato da Harcourt, Brace, e, em caso afirmativo, se estipulava que o total do adiantamento seria pago na assinatura do contrato entre autor e editora ou se estipulava que determinada porcentagem seria paga na assinatura do contrato e o restante na entrega do manuscrito. Supliquei-lhe que não tocasse nesses assuntos com Woodburn — seria prematuro — e aproveitasse o tempo para descrever a História Oral e responder às perguntas do editor. No dia seguinte, à tarde, Woodburn telefonou. Estava furioso. Gould não aparecera. À noite, fui ao Minetta, encontrei Gould e lhe perguntei o que acontecera. Ele contou que entrou numa livraria, pegou alguns livros da Harcourt, Brace, examinou-os e chegou à conclusão de que a Harcourt, Brace não era a editora adequada para publicar a História Oral e decidiu faltar ao compromisso. A maneira como disse “adequada” indicava que não considerava a Harcourt, Brace suficientemente boa para publicar a História Oral. “Ora, pelo amor de Deus, senhor Gould”, protestei, “a Harcourt, Brace é uma das melhores editoras do país, e você sabe disso.”

Eu tinha mais um amigo no ramo editorial — Charles A. Pearce, da Duell, Sloan & Pearce — e dias depois liguei para ele e lhe expus o assunto. Constatei que ele também havia cogitado na possibilidade de lançar um livro com trechos selecionados da História Oral. “Eu gostaria de conversar com Gould sobre isso”, disse Pearce, “mas não quero marcar uma entrevista com ele. Se ele faltou a um compromisso com Woodburn, provavelmente vai fazer a mesma coisa comigo. Prefiro uma conversa informal, para que ele não comece a pensar imediatamente em adiantamentos e direitos autorais e direitos de adaptação para o cinema e direitos de adaptação para a televisão e direitos de tradução no mundo inteiro e por aí fora. Quem ele pensa que é? Mary Roberts Rinehart? Tive uma idéia. A editora fica a alguns minutos da redação. Da próxima vez que ele for aí e se sentar e der mostras de que pretende se demorar, ligue para mim e eu tomo um táxi imediatamente. Vai parecer que eu estava passando e resolvi entrar.” Naquela época, a Duell, Sloan & Pearce ficava na avenida Madison, 270, que é a esquina noroeste da

Madison com a rua 39, e a distância até a *New Yorker* era de apenas cinco quarteirões e meio. Na sexta-feira, 3 de setembro de 1943, por volta das três da tarde, Gould apareceu em minha sala. Disse que tinha perdido a caneta-tinteiro e queria uma contribuição para o Fundo Joe Gould a fim de poder comprar uma caneta nova. Precisava também de uns cadernos. E então se sentou na cadeira giratória e começou a falar. Estava de ressaca, mas não parecia uma ressaca das bravas; isto é, estava excessivamente tagarela, mas não excessivamente incoerente. Pedi licença, fui para a sala vizinha e liguei para Pearce. Vinte minutos depois Pearce enfiou a cabeça na porta e alegou que estava nas redondezas e resolvera subir para me cumprimentar. “Entre, por favor”, pedi-lhe, e o apresentei a Gould.

Os dois conversaram durante alguns minutos sobre um poeta do Village que conheciam, e depois Pearce comentou que ouvia falar da História Oral havia anos e gostaria de ler alguma coisa.

“Alguma coisa!”, exclamou Gould. “Todo mundo quer ler ‘alguma coisa’. Ninguém quer simplesmente ler a História Oral. De agora em diante não vou deixar ninguém ler alguma coisa. Ou lêem tudo, ou não lêem nada.”

“Bem”, disse Pearce, “então vou ler tudo. Pode demorar muito, mas, se você a levar até a editora, ou se me disser onde devo buscá-la, começarei hoje mesmo ou amanhã.”

“É enorme demais”, disse Gould.

“Leve um pouco de cada vez”, Pearce propôs. “Quando eu terminar de ler um lote, mando-lhe um bilhete e você me leva outro. Estou acostumado a trabalhar dessa forma com autores de livros longos.”

“Está guardada em Long Island, num local de difícil acesso”, disse Gould.

“Podemos alugar uma limusine da Carey’s, na Grand Central, e ir buscá-la”, Pearce sugeriu. “Se não estiver muito ocupado, podemos ir agora mesmo.”

“Não quero trazê-la para Nova York”, disse Gould. “Acho que não estaria segura aqui. Acho que nada está seguro aqui. Acho que um dia desses

a cidade inteira vai explodir e virar fumaça.”

“Temos arquivos à prova de fogo, onde guardamos manuscritos, e você pode guardá-la num deles”, disse Pearce. “Também temos um cofre grande, à prova de fogo, onde guardamos contratos e outros documentos importantes e onde você pode deixá-la.”

“Para quê?”, disse Gould. “Você provavelmente não vai entender minha letra.”

“Isso não é problema”, disse Pearce. “Temos uma secretária que é perita em ler garranchos e se orgulha disso. Você poderia passar um dia ou dois com ela e ajudá-la até ela pegar o jeito da sua letra, e depois ela poderia datilografar alguns capítulos de várias seções, e no fim talvez possamos publicar um livro com trechos selecionados da História Oral.”

“Isso não!”, Gould protestou. “De jeito nenhum! Tem de ser publicada na íntegra. Ou tudo ou nada.”

“Bom, se você não me deixa ler — e parece que você realmente não quer que eu a leia —, como posso decidir se é viável publicá-la na íntegra?”, disse Pearce.

Gould respirou fundo. “No fundo, sempre achei que a História Oral seria uma obra póstuma e vou continuar achando”, declarou. E, após hesitar por um instante, acrescentou: “Contém revelações que só devem ser divulgadas depois que eu morrer”.

Pearce desistiu. Ainda conversou com Gould por alguns minutos sobre coisas que não tinham nenhuma relação com a História Oral e depois disse que precisava ir embora.

“Se mudar de idéia”, disse a Gould, “ligue para mim.”

Gould lançou-lhe um olhar sombrio e manteve-se em silêncio.

Eu estava furioso. Assim que Pearce saiu, voltei-me para Gould. “Você me disse que levou braçadas da História Oral a catorze editoras”, falei. “Por que diabos teve todo esse trabalho se havia decidido no fundo de você mesmo que a História Oral seria uma obra póstuma? Estou começando a crer que a História Oral não existe.” Essa frase saiu de meu inconsciente, e eu não tinha muita noção do que estava dizendo — só estava desabafando

minha raiva —, mas no momento seguinte, ao olhar para Gould, tive certeza de que havia descoberto a verdade sobre a História Oral.

“Meu Deus!”, exclamei. “Ela não existe.” Eu estava estarecido. “A História Oral não existe. Não existe.”

Encarei Gould, e ele me encarou. Seu rosto não tinha expressão nenhuma.

“A dona da granja de criação de galinhas e patos não existe”, prossegui. “E o irmão dela, que sofreu um derrame, não existe. E a sobrinha dela não existe. E o lavrador polonês e a mulher dele, que cuidam dos patos e das galinhas, não existem. E os patos e as galinhas não existem. E o porão onde está guardada a História Oral não existe. E a História Oral não existe.”

Gould se levantou, foi até a janela e ficou parado, olhando para fora, de costas para mim.

“Existe na sua cabeça, imagino”, disse eu, recuperando-me um pouco da surpresa, “mas você sempre foi preguiçoso demais para escrevê-la. Tudo que existe realmente são os tais capítulos de ensaios. É só o que você tem feito esses anos todos — escrever novas versões dos capítulos sobre a morte de seu pai e a morte de sua mãe e o terrível hábito do tomate e os índios de Dakota do Norte e talvez uma ou duas dúzias de outros capítulos e corrigi-los e revisá-los e rasgá-los e começar tudo de novo.”

Gould se virou, me fitou e disse alguma coisa, mas em voz baixa e indistinta. Se o ouvi bem — e muitas vezes me pergunto se de fato ouvi bem —, ele disse: “Não é uma questão de preguiça”. Então, evidentemente decidido a não dizer mais nada, deu-me as costas outra vez.

Nesse momento, um dos editores bateu na porta e entrou com as provas de um artigo meu. Explicou que uma matéria programada para sair na edição seguinte demandava algumas alterações de última hora e, como talvez não desse tempo de concluí-las, resolveram preparar meu artigo para uma eventual substituição, e ele queria revisar as provas comigo.

“Tem de ser agora?”, perguntei.

“Bem, como você pode imaginar, há uma certa urgência”, ele respondeu secamente.

Compreendi que não poderia adiar a tarefa e perguntei a Gould se se incomodaria de esperar na recepção. Ele pegou sua pasta, encaminhou-se para a porta e parou. “Não, acho que não vou esperar”, falou. “Acho que vou voltar para o centro. Só vim até aqui hoje para pedir uma contribuição.” Eu disse que lhe daria a contribuição, mas antes queria lhe fazer algumas perguntas sobre a História Oral e gostaria que ele esperasse. Gould resmungou alguma coisa e tomou o rumo da recepção.

A revisão demorou cerca de meia hora. Assim que terminei, fui até a recepção. Gould não estava lá. A recepcionista me informou que ele ficara sentado uns cinco minutos e depois saíra sem dizer uma palavra. Bem, seja como for, pensei, me livrei dele. Deus sabe que eu não queria que fosse assim, mas provavelmente me livrara dele para sempre.

Voltei para minha sala, sentei-me e apoiei os cotovelos na escrivaninha e a cabeça nas mãos. Sempre tive horror de ver alguém desmascarado, flagrado numa mentira ou pego com a boca na botija, e agora, com tempo para refletir, senti vergonha de mim mesmo por ter perdido a calma e me enfurecido com Gould. A raiva começou a se dissipar, e eu fui ficando deprimido. Gould me enganara — não havia muita dúvida em relação a isso —, assim como enganara inúmeras pessoas ao longo dos anos. Havia me engabelado, assim como havia engabelado inúmeras pessoas. No entanto não precisei refletir muito sobre o assunto para chegar à conclusão de que ele não andara discorrendo sobre a História Oral todos aqueles anos e fazendo grandes declarações sobre sua extensão, seu volume, sua importância para a posteridade e comparando-a com obras como *A história do declínio e queda do Império Romano* só para enganar gente como eu, mas também para enganar a si próprio. Com certeza descobrira, muito tempo atrás, que não tinha o gênio, o talento ou, talvez, a segurança, o empenho, a determinação para produzir uma obra tão imensa e grandiosa como imaginara e se contentara com escrever os tais capítulos de ensaios. Escrever e reescrever. E, ou por ser preguiçoso demais, ou por ser perfeccionista demais, nem esses capítulos conseguira terminar. Contudo, em boa parte do

tempo provavelmente acreditava, de modo nebuloso, iludindo-se e protegendo a si mesmo, que a História Oral de fato existia — os capítulos orais e os capítulos de ensaios. A parte oral podia não estar no papel, mas ele a tinha inteira na cabeça e um dia qualquer começaria a escrevê-la.

Foi fácil para mim entender isso, pois me lembrava de um romance que certa vez pretendia escrever. Eu tinha 24 anos na época e estava deslumbrado com o *Ulisses* de Joyce. Meu romance seria “sobre” a cidade de Nova York. Seria também sobre um dia e uma noite na vida de um jovem repórter em Nova York. Ele é sulista e boa parte do tempo sente muita saudade do Sul. Considera-se exilado do Sul. Havia sido um batista devoto e agora é descrente. Ainda assim, tende a ver as coisas por um prisma religioso e com frequência vê a cidade como uma espécie de inferno, uma geena. Está apaixonado por uma escandinava que conheceu em Nova York, e ela é tão diferente das moças que conhecera no Sul que lhe parece misteriosa, da mesma forma que a cidade lhe parece misteriosa; a moça e a cidade se misturam em sua cabeça. É seu dia de folga. Ele toma o café-da-manhã num restaurante do Fulton Fish Market e perambula pelos lugares que conhece melhor. Em sua andança encontra e reencontra homens e mulheres que, em seu entender, representam vários aspectos da cidade. Sobe a rua Fulton e caminha entre as lápides do cemitério de St. Paul e percorre certas ruas do Lower East Side e certas ruas do Village e o setor dos teatros e o Harlem. Tarde da noite, na avenida Lenox, depara com um pequeno grupo de homens e mulheres, brancos e negros, que acabaram de sair de um nightclub e formam um círculo ao redor de um velho negro, um pregador ambulante. Já tinha visto esse homem pregando numa esquina do setor dos teatros, porém não o escutara. Agora escuta. O velho conhece o mundo e usa gíria e frases feitas que estão em voga na cidade, mas também se vale de muitas expressões antiquadas do Sul, do tipo empregado basicamente pelo pessoal do interior, e o jovem repórter percebe que o pregador também é sulista e, como ele, do interior. Seu sermão é apocalíptico. Contém advertências e profecias terríveis, frases extraídas de vetustos e lúgubres

hinos batistas, muitas referências a animais e frutos e flores da Bíblia — às cabras-selvagens das rochas e às romãs do Cântico dos Cânticos e aos lírios do campo que não trabalham nem fiam. Menciona a antiga serpente, a Grande Meretriz da Babilônia e a sarça ardente. Como os pregadores batistas que o jovem repórter escutara em sua infância e se esforçara para compreender, o velho vê significados atrás de significados, ou pensa que vê, e faz o possível para explicá-los. “A romã tem mais ou menos o tamanho e a forma de uma laranja grande ou de um grapefruit pequeno, só que a casca é vermelha”, ensina, unindo as mãos em concha e falando com uma precisão que demonstra um conhecimento das romãs adquirido em primeira mão, há muito tempo, no Sul. “Elas estão cheias de sementinhas gordas, e essas sementinhas gordas estão cheias de um suco vermelho como sangue. Quando amadurecem, ficam tão inchadas com essas sementes vermelhas e sumarentas que se abrem, e algumas sementes saltam fora. E agora vou lhes explicar o que a romã significa. Ela significa a ressurreição. A ressurreição de Nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, e a ressurreição de vocês, e a minha ressurreição. A ressurreição em particular e a ressurreição em geral. Todas as sementes significam ressurreição, e todos os ovos significam ressurreição. O ovo de Páscoa significa ressurreição. Assim como os ovos que estão no ninho do pardal, lá no beiral da estação da ferrovia elevada. Assim como o ovo que vocês comem no café-da-manhã. Assim como o caviar que os ricos comem. Assim como as ovas de sável.” O jovem repórter pretendia se demorar ali alguns minutos apenas, mas está cativado pela retórica do velho. Está fascinado, apesar da sensação de ter ouvido esse discurso uma centena de vezes. O velho lembra-lhe os evangelizadores fundamentalistas que eram poderosos no Sul de sua infância e que viajavam de cidade em cidade, reunindo os fiéis em grandes tendas para promover o reavivamento da fé. Ele odiara e temera esses evangelizadores — cuja reputação se devia ao horror de suas descrições do inferno: quanto mais horrenda a descrição e mais arrebatado o sermão, mais admirado o evangelizador —, mas eles lhe incutiram para sempre o gosto pelo enigmático, pelo ambíguo, pelo encantatório, pelo desconexo, pelo extravagante, pelo oracular, pelo

apocalíptico. O jovem se vê tirando conclusões oblíquas dos ensinamentos do velho para relacioná-las com sua situação espiritual. “Tudo que vocês precisam fazer”, diz o velho, “é abrir os olhos e enxergar a luz, a luz bendita do Evangelho, e então podem entrar num novo tempo. Podem entrar nele e nele viver e morar e residir e ser. Podem viver nos três tempos de uma só vez. De uma só e única vez, acreditando Nele, vocês podem viver no passado, podem viver no futuro e podem viver no presente, no aqui e agora.” Enquanto o escuta, o repórter se dá conta de que tem saudade não do Sul, e sim do passado, do passado do Sul e de seu próprio passado, nenhum dos quais existiu realmente na forma como sua saudade o levava a imaginá-los, e que chegou a hora de deixar o passado para trás e entrar no aqui e agora — chegou a hora de crescer. Terminado o sermão, o jovem volta para o centro da cidade, sentindo que o velho o libertou e que agora ele é um cidadão da cidade e um cidadão do mundo.

Passei mais de um ano pensando nesse romance. Sempre que tinha uma folga, punha-me a escrevê-lo mentalmente. Às vezes, numa viagem de metrô, escrevia três ou quatro capítulos. Quase todo dia descartava e criava personagens. Mas a verdade é que nunca escrevi de fato uma só palavra. O tempo passou, outros assuntos me ocuparam. E, mesmo assim, durante alguns anos eu freqüentemente devaneava, e nesses devaneios terminava de escrever meu romance e o via publicado. Via o frontispício. Via a capa — verde com letras douradas. Essas lembranças me causaram um constrangimento quase insuportável, e passei a me sentir cada vez mais solidário com Gould.

Se ele *tivesse* escrito a História Oral, pensei, provavelmente não haveria de ser o grande livro que andara apregoando para cima e para baixo — os grandes livros, e mesmo os meio grandes, mesmo os bons, mesmo os meio bons, são raríssimos. Na melhor das hipóteses a História não passaria de uma curiosidade. Alguns anos depois do lançamento estaria abarrotando as prateleiras de “Curiosidades” de todos os sebos do país. De qualquer modo, concluí, se existe uma coisa que a raça humana possui em abundância — em

abundância e em excesso —, é livro. Quando pensei nas cataratas de livros, nos Niágaras de livros, nos caudais de livros, nos oceanos de livros, nas toneladas e nos caminhões e nos trens de livros que naquele momento estavam jorrando das gráficas do mundo inteiro — e pouquíssimos dos quais valeria a pena pegar e folhear, que dirá ler —, comecei a achar admirável que ele *não* tivesse escrito a História Oral. Um livro a menos para atravancar o mundo, um livro a menos para ocupar espaço e juntar poeira e transitar, sem ser lido, da livraria para a casa, da casa para o sebo, do sebo para o brechó e de novo para outra casa e outro sebo e outro brechó e de novo para outra casa *ad infinitum*.

De repente, senti uma onda de autêntico respeito por Gould. Ele se recusara a ficar em Norwood e a viver a vida como Tico, o bobo da corte. Se esse era o papel que lhe cabia, iria representá-lo num palco maior, para uma platéia mais simpática. Instalara-se no Greenwich Village, encontrara uma máscara, adotara-a e a mantivera. O Excêntrico Autor de um Grande Livro Misterioso e Inédito — essa era sua máscara. Escondido atrás dela, criara um personagem muito mais complexo, a meu ver, do que a maioria dos personagens criados pelos romancistas e dramaturgos de sua época. Pensei na variedade de modos como ele se vira ao longo dos anos e na variedade de modos como os outros o viram. Havia o modo como o diretor da escola de Norwood o vira — um bastardinho intragável. Havia o modo como Ezra Pound o vira — uma noqueira nativa. Havia o modo como o radical sabichão do Village o vira — um parasita reacionário. Havia muitos outros modos, e comecei a repassá-los mentalmente. Ele era a criança catarrenta; era o filho que sabe que desapontou o pai; era o tampinha, o nanico, o metro-e-meio, o meio-quilo; era Joe Gould, o poeta; era Joe Gould, o historiador; era Joe Gould, o selvagem dançarino Chippewa; era Joe Gould, a maior autoridade mundial na língua das gaivotas; era o proscrito; era o exemplo perfeito do notívago solitário; era o ratinho; era o único membro do Partido Joe Gould; era o boêmio residente do Minetta Tavern; era o

Professor, o Gaivota, o Professor Gaivota, o Mangusto, o Professor Mangusto, o Garoto do Bellevue.

Eu ainda estava fazendo essa lista quando a recepcionista abriu uma fresta na porta e enfiou a cabeça por ela. “O senhor Gould acabou de voltar”, disse ela. “Ficou esse tempo todo na lanchonete do saguão, tomando café.”

“Mande-o entrar”, pedi. Mas em seguida, não sei por quê — talvez por causa de meu recente respeito por Gould —, mudei de idéia. “Não, não”, falei. “Eu mesmo vou buscá-lo.”

Levantei-me, e nesse instante me ocorreu um pensamento que me fez sentar de novo. Percebi de repente que, se perguntasse a Gould o que pretendia perguntar, e se ele admitisse que a História Oral não existia — que era de fato um embuste —, eu poderia me ver obrigado a tomar uma atitude. Poderia ter de desmascará-lo. Achei essa possibilidade dolorosa. A História Oral era seu salva-vidas, seu único meio de se manter à tona, e eu não queria vê-lo se afogar. Eu não queria denunciá-lo. Não queria rasgar seu vale-refeição, digamos assim, nem quebrar sua cuia de arroz. Não queria ser forçado a me posicionar de forma nenhuma a respeito dessa questão. Ele não estava prejudicando ninguém. Vivia à custa dos amigos, sim, mas ficava apenas com as migalhas que caíam da mesa deles. Se tivesse vida longa, talvez ainda escrevesse a História Oral. Era melhor para mim deixar as coisas como estavam — no ar. Era provavelmente covardia de minha parte, mas que fosse. Agora eu estava contente por ele não ter admitido nada, quando o ataquei — ele não havia dito nem sim, nem não, mas apenas que não se tratava de preguiça. E não havia lei que me obrigasse a interrogá-lo, a tentar pegá-lo em contradição, a forçá-lo a confessar, a arrancar-lhe a verdade. E se ele negasse tudo? Se se voltasse contra mim e me denunciasse, deixando o passo seguinte por minha conta? Eu podia ter quase certeza disso, daquilo e daquilo outro, mas talvez pensasse um bocado para provar. Enquanto eu tentava me decidir, Gould entrou sem bater.

“Vai me dar a contribuição?”, perguntou.

“Claro”, respondi.

Dei-lhe o dinheiro que ele queria. Ele não me agradeceu, mas disse o que costumava dizer quando alguém dava uma contribuição para o Fundo Joe Gould: “Vem bem a calhar”. Depois sentou-se na cadeira giratória e depositou o portfólio no chão, a seus pés. “Você falou que tinha umas perguntas para me fazer”, disse.

“Tinha, mas não tenho mais”, respondi. “Pensei que quisesse saber umas coisas, mas acho que na verdade não quero. Vamos esquecer isso.”

A princípio ele se mostrou aliviado. Depois, para minha surpresa, como se percebesse que eu não pretendia me aprofundar no assunto, pareceu desapontado. Sua expressão indicava que desejava muito confiar em mim — era aquela expressão meio nobre, meio boba que as pessoas assumem quando resolvem desnudar a alma —, e mais uma vez minha atitude em relação a ele mudou. Fiquei revoltado. Eu estava me esforçando ao máximo para não desmascará-lo, e ele estava se esforçando ao máximo para se desmascarar. “Pelo amor de Deus”, tive ganas de gritar. “Não vá afrouxar agora e se desmanchar em confissões e confidências. Se fingiu durante tanto tempo, a única coisa decente que lhe resta é continuar fingindo até morrer, não importa o que aconteça.” Em vez disso, falei: “Desculpe-me, por favor, mas agora você precisa realmente me dar licença. Está ficando tarde, e tenho umas coisas para fazer”.

Isso lhe deu o direito de ficar amuado. “Já estou de saída”, disse ele. “Estou de saída há horas, mas você me segurou. Afinal, também tenho umas coisas para fazer.”

Pegou seu portfólio e se retirou sem se despedir.

Depois disso Gould passou muito tempo sem confiar em mim. Continuou me procurando, mas não com a mesma frequência e nunca só para conversar. Aparecia quando queria uma contribuição para o Fundo Joe Gould e apenas, suponho, quando estava sem um centavo no bolso e não conseguia encontrar nenhum de seus velhos contribuintes. Entrava, pedia o que queria com o mínimo de palavras possível, pegava o dinheiro ou parte

do dinheiro, ficava de pé, desajeitado, por alguns minutos, e ia embora, apressado. Embora continuasse usando a *New Yorker* como seu endereço postal, parou de perguntar se havia cartas assim que chegava e, para preservar a dignidade, aguardava até eu lhe entregar a correspondência. Na esperança de tornar as coisas mais fáceis para ele, passei a remeter as cartas para o Minetta. No entanto, a pretexto de ver como estaria, eu eventualmente deixava a correspondência se acumular um pouco e ia até o Minetta entregá-la em mãos. Nas primeiras vezes em que fiz isso, comportei-me como se nada tivesse acontecido e sentava-me a sua mesa, como sempre fizera, estivesse ele sozinho ou acompanhado, mas logo percebi que, se tinha companhia, minha presença o constrangia. Se alguém lhe perguntava qualquer coisa sobre a História Oral ou se tocava no assunto, Gould olhava para mim, apreensivo, e tentava mudar o rumo da conversa. Acho que tinha medo de que a qualquer momento eu me levantasse e anunciasse que a História Oral não existia, que não passava de imaginação e de um monte de mentiras. Eu o deixava sem jeito, estorvava-o, cortava-lhe as asas. A partir de então, só me sentava com ele quando o via sozinho. Se apareciam outras pessoas, consultava o relógio, fingia-me surpreso com o adiantado da hora e me retirava. Então, uma noite, Gould recuperou de repente seu velho eu. Eu estava sentado a sua mesa quando um casal de turistas se aproximou e lhe perguntou algo sobre a História Oral. Sem olhar para mim e sem demonstrar a menor hesitação, ele se pôs a descrever a História Oral e logo estava se comparando a Gibbon — discursando sobre o que chamava de sua “afortunada proximidade” em relação a Nova York e o que chamava de “a desafortunada distância” de Gibbon em relação ao Império Romano. Fiquei profundamente aliviado ao ouvi-lo falar dessa maneira, pois constatei não só que superara a desconfiança que sentia de mim, mas também que recolocara firmemente a máscara. Ademais, não conseguia deixar de admirar sua fibra. Ele parecia um velho trapaceiro que se mantém animado, apesar da maré de azar. Punha o coração no que fazia. Bem diante de meu nariz, aquele caco de homenzinho de olhos vermelhos,

com toda a aparência de um vagabundo condenado a viver pelos bares, transformou-se num ilustre historiador. E o máximo que podia esperar dos turistas eram alguns drinques e um ou dois dólares.

Na primavera do ano seguinte — 1944 — o encontro casual de Gould com uma velha conhecida resultou numa série de coisas que lhe facilitaram a vida durante algum tempo. Por volta das oito da manhã, no começo de maio, ele deixou o Hotel Defender, na Bowery, 300, onde passara a noite, e deu início a sua ronda diurna para arrecadar contribuições para o Fundo Joe Gould. Estava de ressaca, com fome, com uma conjuntivite das bravas e um tremendo resfriado. Pretendia ir primeiro à estação do metrô da Sheridan Square e se postar perto da entrada por mais ou menos uma hora, a fim de interpelar amigos e conhecidos que se dirigiam ao trabalho. Para tentar se recompor, a caminho da estação sentou-se na escada de um prédio da rua Bleecker, num dos quarteirões onde havia feira. Jogou a cabeça para trás e estava pingando remédio nos olhos quando uma mulher chamada Sarah Ostrowsky Berman, que morava num apartamento da Union Square e saía para comprar *cipollini*, cebolinhas italianas doces, o viu e impulsivamente se aproximou e sentou-se a seu lado. A sra. Berman era pintora, casada com Levi Berman, o poeta ídiche. Viera da Rússia ainda menina e aprendera a pintar sozinha enquanto ganhava a vida mourejando na costura. Apesar de canhestros, seus quadros denotavam imaginação e tinham algo de alucinante, e muita gente ligada ao mundo da arte os admirara e elogiara. A sra. Berman era uma mulher amável, humilde, meio etérea e maternal, embora não tivesse filhos. Muitas vezes cruzara com Gould nas festas do Village, no final dos anos 20 e princípios dos 30, e tivera longas conversas com ele, porém não o via fazia um bom tempo e levou um choque ao encontrá-lo tão mudado. Perguntou-lhe como estava indo a História Oral, e ele grunhiu, abanou a cabeça e indicou que no momento não tinha condições de falar sobre o assunto. Então a sra. Berman quis saber de sua saúde, e Gould arregaçou as calças e mostrou-lhe umas feridas que haviam

aparecido recentemente em suas pernas. Ela parou um táxi e o levou até seu apartamento. Serviu-lhe um café-da-manhã. Lavou-lhe os pés e as pernas e passou remédio em suas feridas. Deu-lhe meias limpas, uns sapatos velhos do marido e algum dinheiro. Assim que Gould foi embora, sentou-se, fez uma lista de todas as pessoas que sabia que o haviam conhecido na mesma época que ela, incluindo algumas que já tinham se mudado para outras cidades do país ou para a Europa, e dedicou o resto da tarde a escrever-lhes cartas emocionadas.

“Joe Gould vai mal”, escreveu em uma das cartas. “Está desperdiçando tempo e energia que deveria dedicar à História Oral para perambular pela cidade inteira a fim de angariar uns trocados para suas necessidades básicas, e isso está acabando com ele. Sempre achei que o inconsciente da cidade talvez esteja tentando se comunicar conosco através de Joe Gould. E que os párias da cidade talvez estejam tentando se comunicar conosco através dele. E que os mortos-vivos da cidade talvez estejam tentando se comunicar conosco através dele. Pessoas que nunca pertenceram a lugar nenhum. Pessoas que ficam sentadas naqueles terríveis bares escuros. Pobres velhos sentados nos bancos dos jardins, magoados, amargos, loucos — gente que nunca recebeu seu quinhão, gente que sempre ficou de fora, gente que nunca foi convidada. Sentada ali e sonhando em matar todos os transeuntes, até mesmo as criancinhas. Mas há um grande risco de que Joe Gould nunca termine a História Oral e essas vozes anônimas nunca se comuniquem conosco. Precisamos fazer alguma coisa imediatamente. Do contrário, qualquer dia desses ele e uma parte de nós mesmos serão encontrados mortos na Bowery. [...]”

Entre as pessoas para as quais a sra. Berman escreveu figuravam dois velhos amigos seus, que já haviam sido marido e mulher e se divorciaram — Erika Feist e John Rothschild. A srta. Feist era alemã; viera para Nova York no início da década de 1920 e se tornara pintora. Rothschild era da Nova Inglaterra; convivera com Malcolm Cowley durante algum tempo em Harvard e conhecera Gould numa festa do Village pouco depois que resolvera ganhar a vida em Nova York, e desde então contribuía com o

Fundo Joe Gould. Dirigia uma agência de viagens chamada The Open Road, Inc. Uma noite, cerca de uma semana depois, a sra. Berman recebeu um interurbano da srta. Feist, que, após o divórcio, se mudara de seu apartamento no Village para uma fazenda em Bucks County, Pensilvânia. A srta. Feist contou que, quando estava casada com Rothschild, conhecera uma velha amiga dele, uma senhora muito retraída e muito ocupada, que pertencia a uma família rica do Meio-Oeste e herdara uma fortuna, e às vezes ajudava anonimamente artistas e intelectuais necessitados; disse que tinha grande respeito por essa mulher e que lhe falara sobre Gould. Acrescentou que, por seu turno, Rothschild também falara com a velha amiga sobre Gould. E informou que ela concordara em ajudá-lo com sessenta dólares mensais. Mas impusera duas condições. A primeira: Gould nunca poderia saber de sua identidade nem de qualquer coisa que o levasse a descobri-la. A segunda: uma pessoa discreta e responsável, que morasse em Nova York e conhecesse Gould, deveria receber e descontar os cheques — enviados mensalmente —, entregar-lhe o dinheiro em parcelas semanais e cuidar para que ele o gastasse com casa e comida, e não com bebida. Essa pessoa teria de ser alguém que Gould respeitasse e escutasse. Ao ouvir isso, a sra. Berman disse: “Alguém como Vivian Marquié”. E a srta. Feist concordou: “Exatamente”. A sra. Vivian Marquié era uma velha amiga de Gould e proprietária da Marquié Gallery, uma galeria de arte na rua 57. Na juventude trabalhara como assistente social e morara no Village. Conhecera Gould numa festa, em 1925 ou 1926, e desde então o ajudava. Nos últimos anos se encarregara de providenciar a maior parte das roupas que ele usava; conhecia vários homens que eram mais ou menos do mesmo tamanho, e os procurava com freqüência e de quando em quando ganhava alguns ternos e camisas velhas. Gould ia a sua galeria duas vezes por semana buscar contribuições para o Fundo Joe Gould.

No dia seguinte, a srta. Feist ligou para a sra. Marquié e lhe expôs a situação. A sra. Marquié disse que também estava preocupada com Gould e que administraria o dinheiro com prazer e o faria durar o máximo possível. A sra. Marquié nascera em Lawrence, Long Island, e seu nome de solteira

era Ward. Casara-se com um francês, Elie-Paul Marquié, que, além de se dedicar à gravura, era gourmet e cozinheiro amador. Por intermédio do marido, conhecera muitos franceses ligados ao ramo dos restaurantes. Um deles se chamava Henri Gerard e era proprietário de três pensões situadas na rua 33 Oeste, entre a Oitava e a Nona Avenida, bem em frente ao correio central, e conhecidas coletivamente como Maison Gerard. Eram prédios velhos, de tijolos marrom, e tinham os números 311, 313 e 317. No porão do número 311 funcionava um restaurante baratíssimo, que também era conhecido como Maison Gerard. A sra. Marquié conversou com Gerard sobre Gould. Gerard estava acostumado com os problemas de pessoas que tinham de viver com bem pouco; a maioria de seus clientes se encaixava nessa categoria. Ele disse que por sessenta dólares mensais podia fornecer casa e comida a Gould e ainda sobraria algum dinheiro para coisas como cigarro e condução. O quarto custava três dólares por semana, o café-da-manhã saía por 25 centavos e as demais refeições por cinquenta centavos cada uma. A sra. Marquié se comprometeu a enviar um cheque todo fim de semana, para cobrir as despesas de Gould, e Gerard se comprometeu a embolsar o que lhe fosse devido e entregar o troco a Gould. Se Gould não tomasse uma refeição, Gerard não a cobraria. Se não tomasse um número grande de refeições, avisaria a sra. Marquié, pois ele poderia estar deixando de comer para gastar com bebida. Antes de terminar a semana, Gould se instalou num quarto do quinto andar, que era o sótão, do prédio número 313. Na época em que essas construções de tijolo marrom eram casas particulares, todos os quartos do sótão se destinavam às empregadas, e o de Gould evidentemente era o que a empregada mais nova e inexperiente costumava ocupar. Situava-se atrás do balaústre da escada, tinha clarabóia em vez de janela e espaço suficiente apenas para uma cama, uma cadeira, uma mesa e uma penteadeira.

A princípio Gould não conseguia usufruir plenamente a Maison Gerard, nem qualquer coisa relacionada com seu novo estilo de vida, pois o mistério da identidade de seu benfeitor o atormentava. Não conseguia pensar em mais nada. Durante algum tempo, ia à galeria da sra. Marquié ao

menos uma vez por dia — em alguns dias chegava a ir até três ou quatro vezes — e, num esforço para arrancar-lhe alguma pista, fazia-lhe perguntas aparentemente inocentes. Ela lhe implorava que parasse com isso, porém de nada adiantava. A hipótese que lhe parecia mais provável era que se tratava de algum ex-colega de Harvard, e a sra. Marquié o incentivava a seguir nessa direção. Então, um dia, em vez de usar o termo “seu benfeitor”, a sra. Marquié inadvertidamente usou o pronome “ela”, inflamando-lhe a imaginação. Durante duas semanas Gould dedicou todas as suas tardes a consultar os jornais da Biblioteca Pública em busca de informações sobre mulheres ricas em geral e mulheres ricas patronas das artes em particular, mas não encontrou nenhuma pista. Passou vários dias obcecado pela idéia de que sua benfeitora poderia ser uma de duas irmãs solteironas e ricas que eram suas primas e moravam em Boston. Sempre as temera e fazia muito tempo que não as via nem tinha notícias delas; seu último contato com as primas ocorrera alguns anos depois que saíra de Harvard, quando lhes pedira — sem sucesso — dinheiro emprestado para visitar novamente as reservas indígenas de Dakota do Norte. Por fim, criou coragem e ligou para elas, a cobrar. Uma das solteironas aceitou a chamada e por cerca de um minuto escutou seus rodeios; então o interrompeu, disse que não imaginava aonde ele pretendia chegar, mas tampouco queria ouvi-lo, e ameaçou chamar a polícia se Gould voltasse a telefonar para sua casa. Dois ou três dias depois, numa noite de insônia, ele se lembrou de uma velha com fama de milionária que conhecera numa festa da Washington Square e com quem tivera uma conversa agradável sobre Edgar Allan Poe, e pensou que a benfeitora poderia ser ela. De manhã, após uma série de telefonemas, descobriu que a velha estava morta. A seguir encasquetou que a benfeitora poderia ser alguém que se interessara por ele ao ler o perfil, e que eu sabia quem era e me procurou e me perguntou o nome dessa leitora. Exigiu o nome dela. Anos mais tarde, por acaso, descobri a identidade da leitora em questão, fui visitá-la e conversamos; mas na época eu não sabia de quem se tratava e foi o que disse a Gould. Ele não se convenceu, e dias depois voltou

com uma longa carta que queria que eu lesse e enviasse. A carta começava com um preâmbulo, todo em maiúsculas e sem pontuação nenhuma:

RESPEITOSO COMUNICADO DE JOE GOULD A SUA BENFEITORA DESCONHECIDA (QUE PELA GENEROSIDADE PARA COM O AUTOR DA HISTÓRIA ORAL RECEBERÁ O CARINHO DA POSTERIDADE AINDA QUE PREFIRA PERMANECER ANÔNIMA) PROPONDO QUE EM LUGAR DE 60 DÓLARES POR MÊS LHE ENVIE DE UMA SÓ VEZ 720 DÓLARES POR ANO O PRINCIPAL ARGUMENTO SENDO QUE A QUANTIA TOTAL LHE PERMITIRIA VIAJAR PARA O EXTERIOR E MORAR NA FRANÇA OU NA ITÁLIA ONDE COM UM POUCO DE PRUDÊNCIA DO QUE ELE É INTEIRAMENTE CAPAZ O DINHEIRO DURARIA O DOBRO.

Achei que Gould escrevera a carta para instigar a mulher a comunicar-se com ele e fiquei alarmado. Insisti para que rasgasse a carta e esquecesse essa história de quantia total e viagem ao exterior e tudo o mais, pois a mulher poderia interpretar sua proposta como uma queixa e se aborrecer e lhe cortar o subsídio. Se ele concluísse a História Oral, sugeri, ou se pelo menos trabalhasse um pouco em sua obra, talvez a benfeitora se apresentasse. Ele me mandou parar de lhe dar conselhos: sabia cuidar de seus próprios assuntos. Então, um momento depois, uma expressão angustiada apareceu em seu rosto e ele exclamou: “Quase preferiria saber quem ela é a receber o dinheiro!”. Ficou calado até conseguir se controlar. “Como você se sentiria”, prosseguiu, se soubesse que em algum lugar do mundo há uma mulher que se importa com você o bastante para querer que você não morra de fome, mas ao mesmo tempo, por algum motivo pessoal, não quer ter nada com você, não quer nem que você saiba quem ela é?” Gould me encarou com um ar matreiro. “Uma mulher que na juventude teve um filho ilegítimo e odiava o pai da criança e entregou o bebê para adoção poderia agir dessa forma”, prosseguiu, “se fosse velha e rica e respeitável e de repente descobrisse, ao ler um perfil na *New Yorker*, que o filho dela é hoje um homem de meia-idade que vive na Bowery na mais completa miséria.” E concluiu, após uma breve pausa: “Sei que parece loucura, mas quando

menino eu devaneava que tinha sido adotado e ultimamente tenho tido esses devaneios de novo”. Então largou a carta em minha mesa e foi embora; dias depois retornou, pegou a carta, levou-a para a sra. Marquié e pediu-lhe que a lesse e a enviasse para a mulher. A sra. Marquié sempre fora gentil com ele, porém nesse momento o tratou com rispidez e algo que lhe disse o fez recuperar o juízo, pois a partir de então passou a guardar para si próprio a curiosidade sobre sua benfeitora.

Pouco depois Gould parou de ir à redação (eu passara a remeter sua correspondência para a Maison Gerard), e durante algum tempo perdi o contato com ele. Em meados de junho tornei a encontrá-lo. Nos seis meses seguintes, por uma coisa e outra, estive mais tempo fora do que em Nova York e só voltei a vê-lo numa tarde de dezembro. Eu ia passando em frente ao Jefferson Diner, quando ouvi o ruído de um metal que se chocava com um vidro; ergui os olhos e deparei com Gould. Ele estava numa mesa e dava pancadinhas na janela com uma moeda para chamar minha atenção. Entrei e sentei-me com ele. “Agüente firme e não desmaie que vou lhe pagar um café”, disse Gould.

A mesa era a mesma que ocupamos por ocasião de nossa primeira conversa. Seu rosto e suas mãos estavam sujos como sempre, mas ele tinha uma cor boa, estava com os olhos límpidos e uns quilos a mais. Como sempre, usava um terno um ou dois tamanhos maior que ele. Era um refugo — a ruína de um terno —, mas bem cortado e feito de um tecido caro, que parecia escocês; devia ter sido um bom terno, quando novo. Gould usava inclusive o colete. E portava um chapéu de copa amassada e aba virada para cima num lado e para baixo no outro. Era um chapéu jovial, que praticamente todo veterano do Village identificaria num relance; era um dos velhos chapéus de e. e. cummings. Eu disse a Gould que nunca o tinha visto com tão boa aparência e me surpreendi com a afetação de sua resposta.

“Estou bem”, disse ele, com um sorriso condescendente. “Estou ótimo. No começo não gostei muito da Maison Gerard, ou Maison G., como dizem os hóspedes — é muito fora de mão, a comida tem carboidrato demais e a escada é uma desgraça —, mas acabei me acostumando. Na verdade, estou

muito contente lá. Venho para o Village e faço minhas rondas como de costume e arrecado contribuições para o Fundo Joe Gould, mas já não é uma questão de vida ou morte. Até larguei mão de determinadas pessoas — as que me dão dez centavos e as que prometem, talvez, alguma coisa para amanhã. Só peço para as que eu tenho certeza de que vão contribuir e não as procuro com a frequência de antes. Aconteceu uma coisa engraçada. Eu pensava que estaria arruinado no Village se corresse a notícia de que tenho uma benfeitora que me paga casa e comida, e tentei guardar segredo, mas não consegui; contei a alguns amigos, que contaram para outros, e todo mundo ficou sabendo da história. E quer saber de uma coisa? Em vez de reduzir a quantia das contribuições ou de cortá-las pura e simplesmente, o pessoal tem sido muito mais generoso comigo. Gente que me dava vinte e cinco centavos, sempre de má vontade, agora me dá cinqüenta centavos, às vezes até um dólar, sempre de boa vontade. Sabe como é, é aquela velha regra fundamental: ‘Dinheiro chama dinheiro’. Agora, às vezes, tenho no bolso três, quatro, cinco, seis, sete dólares. Não ando mais filando cigarro, muito menos catando guimbas para fumar; agora eu compro meus próprios cigarros. Às vezes até entro num lugar e peço uma bebida e pago. E estou me cuidando melhor. Em geral, quando eu não estou de ressaca, me levanto lá pelas onze e tomo um farto café-da-manhã; depois caminho até a Biblioteca Pública e leio os jornais ou pesquiso qualquer coisa; ou então vou a uma ou outra exposição nas galerias da rua 57 e vejo se há bons nus; ou dou um giro pelo Metropolitan, pelo Frick, pelo Museu de História Natural, pelo Museu do Índio Americano; ou apenas perambulo pelas ruas. Então volto para a Maison G. e me deito e descanso uma hora, mais ou menos, e então janto cedo e tomo o metrô e venho para o Village. Fico zanzando por aqui até os bares fecharem às quatro da madrugada, e todo mundo ir para casa, e volto para a Maison G. Em comparação com o que era, estou levando uma vida de milionário.” Ele cantarolou a melodia de uma antiga e amarga canção de Bessie Smith e depois cantou algumas palavras, com sua voz esganiçada de velho ianque: “Já levei uma vida de milionário, gastando dinheiro, sem me importar...”

“Naturalmente há uma coisa que *não* conto para ninguém”, prosseguiu, “e é o fato de que não sei quem é minha benfeitora. Agora não estou nem um pouco interessado em saber, mas tenho meu orgulho. O pessoal ainda me pergunta, e eu respondo que não posso revelar. Digo que é um nome famoso e que o reconheceriam se eu o mencionasse — uma das mulheres mais ricas do mundo. Eu a chamo de Madame X e insinuo que sou íntimo dela. Você sabe como são os boêmios. Vivem dizendo que desprezam o dinheiro, mas se descontrolam totalmente e ficam loucos ao menor indício da mais remota pista do menor vestígio do cheiro do dinheiro. Desde que correu a notícia de que tenho uma benfeitora, uma mulher que me sustenta, uma ricaça, os poetas e os pintores passaram a me chamar de lado e a me pagar bebida e a me pedir para falar com Madame X sobre o trabalho deles. Procuro ajudar na medida do possível. ‘Traga-me alguns de seus melhores poemas’, digo, no caso de um poeta, ou ‘Traga-me alguns de seus melhores esboços’, digo, no caso de um pintor, ‘é da próxima vez que eu for ao casarão de Madame X, numa travessa da Park Avenue, mostro-os para ela.’ Levo os poemas ou os esboços para meu quarto na Maison G., guardo na gaveta, deixo lá uma semana ou duas e depois os devolvo ao gênio que os produziu. ‘Madame X deu uma espiada e me pediu para lhe agradecer muito por deixá-la ver seu trabalho’, digo. ‘Mas o que ela falou?’, pergunta o gênio. ‘Ela me proibiu terminantemente de lhe contar’, respondo, ‘mas, como somos amigos de longa data e respeito você demais para lhe mentir, vou repetir o que ela falou. Ela falou que não vislumbrou o menor sinal de qualquer talento em seu trabalho e que acha que seria muito errado incentivar você a continuar nesse caminho.’”

Os olhos de Gould faiscaram, e ele deu uma risadinha. “Desse jeito coloquei muita gente em seu devido lugar”, comentou. “Desse jeito acertei muita conta antiga.”

Fiquei aborrecido, não por ele se gabar do acerto de contas antigas — não vejo nada de mau nisso, acredito em vingança —, mas por seu ar de

auto-satisfação, e lhe fiz uma pergunta maldosa: “Como vai a História Oral?”

“Vai bem!”, ele respondeu, sem pestanejar. “Tem progredido muito.” E acariciou o portfólio, que estava a seu lado. “Ultimamente ganhou um número imenso de palavras”, acrescentou. “Avança a todo o vapor.”

Com o tempo Gould se acostumou a ter uma benfeitora que lhe pagava casa e comida. Acabou tomando o benefício como ponto pacífico e considerando-o um arranjo definitivo. Numa manhã de novembro de 1947, quando já fazia quase três anos e meio que morava na Maison Gerard, ele me telefonou, e, assim que ouvi sua voz, percebi que havia algo errado. “A senhora Marquié me ligou ontem à tarde e me pediu que fosse até a galeria imediatamente”, contou. “Fui, e ela me informou que, semanas atrás, Madame X lhe comunicou que está pensando em suspender meu subsídio, mas que um homem e uma mulher que ela conhece e que são velhos amigos de Madame X estão tentando dissuadi-la. A senhora Marquié falou que não queria me dizer nada enquanto não soubesse ao certo o que Madame X pretendia fazer. E ontem ela soube ao certo. Madame X lhe comunicou que estava pondo no correio o cheque de dezembro e que esse seria o último.” Gould se calou por um momento e respirou fundo. “Pedi-lhe que me explicasse por que Madame X se virou contra mim”, prosseguiu. “Implorei que me dissesse. A senhora Marquié disse que não sabia.” Fez novamente uma pausa. “Já era ruim não saber quem é ela”, continuou, “mas não saber por que se virou contra mim é de acabar com meus nervos.” Voltou a calar-se por um momento e então disse: “É a pior notícia de minha vida. Desde que a recebi, não consigo segurar nada no estômago”.

Parecia magoado, confuso e terrivelmente desamparado; também parecia humilhado. Havia em sua voz alguma coisa, um tom de pânico, que não me saiu da cabeça e me deixou apreensivo. No meio da tarde tomei um táxi e fui até a Maison Gerard. Um porteiro que estava passando o aspirador no carpete do vestibulo me informou que Gould havia saído, mas talvez já

tivesse voltado. “Suba para ver”, sugeriu. “A porta deve estar aberta. Ele nunca a tranca.” Não encontrei Gould. Postado na porta, corri os olhos pelo quarto e vi uns cadernos sobre a penteadeira; então entrei e os contei. Eram cinco. Tomei a liberdade de abrir o primeiro. Na primeira página deparei com o velho título: “MORTE DO DR. CLARKE STORER GOULD. UM CAPÍTULO DA HISTÓRIA ORAL DE JOE GOULD”. Abri o segundo. Intitulava-se: “O TERRÍVEL HÁBITO DO TOMATE, UM CAPÍTULO DA HISTÓRIA ORAL DE JOE GOULD”. Abri o terceiro: “MORTE DO DR. CLARKE STORER GOULD. UM CAPÍTULO DA HISTÓRIA ORAL DE JOE GOULD”. Abri o quarto: “MORTE DO DR. CLARKE STORER GOULD. UM CAPÍTULO DA HISTÓRIA ORAL DE JOE GOULD”. Abri o quinto: “MORTE DO DR. CLARKE STORER GOULD. UM CAPÍTULO DA HISTÓRIA ORAL DE JOE GOULD”. Arrumei os cadernos do jeito que estavam e saí do quarto. “Deus tenha piedade dele”, disse eu, “e de todos nós.”

Quando o subsídio terminou, no final de dezembro, Gould disse a Gerard que queria continuar morando na Maison G. Abriria mão das refeições, ao menos por algum tempo, e se concentraria em pagar o quarto. Era óbvio que esperava consegui-lo redobrando os esforços para angariar contribuições para o Fundo Joe Gould. Esqueceu-se, porém, da velha regra fundamental que mencionara um dia — “Dinheiro chama dinheiro” — e cometeu o erro de contar aos amigos que perdera a benfeitora. Conseqüentemente, temendo que passasse a requisitá-los demais, muitos deles começaram a diminuir as contribuições. E logo se tornou difícil para Gould obter três dólares para pagar o aluguel semanal, e Gerard se recusou a receber por pernoite. “Você está me penalizando porque não vivo como a maioria das pessoas”, Gould reclamou. “A maioria das pessoas vive numa base semanal ou mensal. Eu vivo na base do dia-a-dia e há dias em que vivo na base da hora-a-hora.” “Eu sei de tudo isso e gostaria de ajudá-lo”, Gerard respondeu, “mas a Maison Gerard não é um albergue.” No final de fevereiro, Gould estava em dívida com Gerard. Várias vezes queimara o colchão porque adormecera com o cigarro aceso. Em março tornou a queimá-lo, e Gerard usou isso como pretexto para lhe pedir que fosse embora. Na época

havia muitos hotéis baratos na área da Décima Avenida e da rua 42. Num deles, o Hotel Watson, na Décima Avenida, 583, era possível conseguir um quarto — quer dizer, um cubículo estreito, com um catre de metal — por 35 centavos, e Gould passou a dormir lá. Uma noite, ao sair de um bar na parte baixa do Village e sentindo-se cansado demais para pegar o metrô e ir até o Watson, caminhou até a Bowery e arrumou uma cama num albergue e se viu de volta ao lugar onde havia começado em maio de 1944. No dia seguinte, resolveu que podia muito bem pernoitar nesses albergues, já que a Bowery ficava tão perto do Village, e a partir desse ponto praticamente todos os seus passos o conduziram para baixo.

Quem o conhecia havia muito tempo logo percebeu que Gould havia mudado. “Qual é o problema?”, ouvi um dos velhos boêmios do Goody’s lhe perguntar uma noite. “Você não parece o mesmo.” “Eu *não sou* o mesmo”, Gould respondeu. “Nunca fui o mesmo.” Ele percorria o Village como sempre, à tarde e à noite, visitando pelo menos uma dúzia de bares e botecos, lanchonetes e tabernas, mas agia como se não fizesse parte desse mundo. Geralmente estava distraído, triste, arredio ou com um olhar ausente. Uma noite fui jantar num lugar do Village chamado Chumley’s. Ao me sentar no salão, olhei através de um arco que havia na sala vizinha, onde ficava o bar, e vi uma animada multidão de homens e mulheres falando alto, rindo, brincando, sentados ou postados junto ao balcão, e no fundo vi o rosto sombrio e barbudo de Gould. Ele estava de pé, sozinho, segurando uma caneca de cerveja, observando os outros; usava um terno esfarrapado e um capote que bem podia ser a cama de um cachorro velho; estava todo curvado e nitidamente isolado dos demais. Parecia o fantasma de Joe Gould que voltara para assombrar o bar do Chumley’s. Parecia um zumbi.

Ele ainda ia ao Minetta toda noite e ocupava sua mesa de costume por algumas horas e rabiscava num caderno para ser visto pelos turistas que por acaso estivessem presentes, mas quando eles se aproximavam e lhe perguntavam o que tanto escrevia, raramente pronunciava grandes discursos para se gabar. Suas respostas tendiam mais a ser sarcásticas, chulas ou

bruscas. Não que os turistas se incomodassem; provavelmente pensavam que era assim mesmo que um boêmio devia se comportar, e demonstravam tanto interesse pela História Oral e contribuía para o Fundo Joe Gould quanto aqueles que ele se esfalfara para impressionar.

Agora Gould demorava cada vez mais para se recuperar dos efeitos do álcool e mudou seus hábitos com relação à bebida. Quando morava na Maison Gerard, refugiava-se em seu quarto e dormia o dia inteiro, até se curar da bebedeira, mas não podia fazer isso nos albergues e passou a ter pavor de ressaca. Em vez de tomar toda e qualquer coisa que lhe aparecesse pela frente — e quanto mais forte melhor, o amanhã que se dane —, como sempre fizera, resolveu ater-se à cerveja. Ainda que os turistas tentassem convencê-lo a pedir algo mais forte, ele insistia em tomar cerveja. Entretanto, mesmo espaçando as cervejas, conseguia se manter num estado relativamente constante de ligeira embriaguez. Em tal estado irritava-se com facilidade e soltava a língua o tempo todo. A velhos amigos fazia comentários maldosos ou embaraçosamente francos; a pessoas que sempre fingira estimar expressava sua verdadeira opinião sobre elas. Certa vez, numa lanchonete, encarou um homem que conhecia desde a juventude no Village e sentenciou: “Você está liquidado”. A Maxwell Bodenheim declarou: “Você está piorando. Você era melhor poeta vinte e cinco anos atrás e já não valia nada”. Em outra ocasião disse a Bodenheim que ele não era de fato um poeta. “Você não passa de candidato a poeta. Um poetinha afetado. Um poetazinho de meia-tigela. E você é tremendamente ignorante. Não sabe pontuar uma frase e tudo que leu na vida foi Floyd Dell e Ethel M. Dell e o *Rubáiyát*.”

Naquela época eu tomava o ônibus da Quinta Avenida, à noite, para ir ao centro. Geralmente descia na rua 10 por volta das sete e meia. Gould sabia disso e me esperava ali, mais ou menos uma vez por semana. Quando eu descia do ônibus, ele deixava as sombras da porta da igreja da Ascensão, na esquina, e corria a meu encontro. Caminhava comigo um trecho, recolhia minha contribuição e desaparecia na noite. Às vezes ficávamos parados na

rua, conversando por alguns minutos. Uma noite, no verão de 1952, ele me confessou, meio hesitante, que estava preocupado com sua saúde. Andava tendo tonturas. “Outro dia peguei o metrô na rua 14 para ir até a estação da rua 23”, falou, “e assim que me sentei tive uma espécie de desmaio, e quando dei por mim, estava na estação da rua 72.” Contei-lhe que um médico conhecido meu havia lido seu perfil com grande interesse e freqüentemente me pedia notícias dele e da História Oral. “Uma vez ele me disse que, se você precisasse de cuidados médicos, teria prazer em atendê-lo sem cobrar nada”, falei. E lhe pedi permissão para telefonar e marcar uma consulta. Gould balançou a cabeça. “Para quê?”, disse, olhando vagamente para a rua.

No mesmo ano, em meados de dezembro, percebi que fazia semanas que não via Gould no ponto de ônibus, porém não me preocupei com isso. Não era raro ele sumir do Village por uns dias, por algumas semanas ou até meses, e depois reaparecer de repente e apresentar uma explicação estapafúrdia para sua ausência. “Fui dar um giro pelo cais com uma velha condessa”, informou certa vez, ao retornar de uma dessas escapadas. “Eu e a condessa passamos três semanas estudando as gaivotas.” Em outra ocasião, tendo estado ausente durante a maior parte do verão, contou que fizera um cruzeiro num iate. “No iate de J. P. Morgan”, acrescentou.

Em janeiro de 1953 fui a uma festa na casa de um psiquiatra que conhecia desde quando era um jovem repórter e cobria o Hospital Bellevue e o gabinete do médico-legista. Entre os convidados figurava uma psiquiatra que integrava a equipe do Hospital Pilgrim State, situado num lugar chamado West Brentwood, em Suffolk County, Long Island. Eu a tinha visto várias vezes na casa desse amigo e sempre tive prazer em conversar com ela, não sobre psiquiatria — nunca tocamos nesse assunto —, mas sobre coisas como os hábitos alimentares da perca listrada; ela era apaixonada por pesca. Nessa noite, ela me disse que estava tirando licença do hospital porque ia ter um filho. Depois falou que precisava me contar uma coisa, e fomos conversar perto de uma janela. “Temos um velho amigo seu no Pilgrim State”, ela informou. “O homem sobre o qual você escreveu e que é o autor de ‘Uma história oral do mundo’, ou sei lá como a chama. Joe Gould.” Ela

explicou que Gould caíra na Bowery, em meados de novembro, e que uma ambulância do Hospital Columbus o socorrera. Constatou-se que sofria de “confusão e desnortamento”, e o Columbus, que não dispõe de atendimento psiquiátrico, transferira-o para o setor de psiquiatria do Bellevue. Lá ele ficou sob observação até perto do Dia de Ação de Graças, quando o enviaram para o Pilgrim State.

“O que é que ele tem?”, perguntei. “Como é que vocês chamam esse problema?”

“Não é nada estranho nem raro”, ela respondeu. “Arteriosclerose senil. A mesma coisa que muitos de nós teremos, se vivermos o bastante. No caso dele, a doença chegou meio cedo — Gould só tem sessenta e três anos. Além disso, está com problema nos rins. E, desde que chegou ao Pilgrim State, tem apresentado um número espantoso de pequenos distúrbios, um atrás do outro. É o que geralmente acontece com homens desse tipo, do tipo Bowery, quando enfim dão entrada num hospital. Entre outras coisas, teve a pior conjuntivite que já vi, bursite aguda, um tremendo furúnculo na nuca, calafrios, dor de ouvido e uma dor persistente no estômago. E desconfio que é só o começo.”

Perguntei-lhe se poderia ir visitá-lo.

“Eu não iria, se fosse você”, ela respondeu. “Neste momento, está tão desconfiado e confuso que sua visita pode lhe fazer mais mal que bem. Provavelmente ele não o reconhecerá. E, se reconhecesse, ficaria exausto só de tentar conversar com você. Aliás, se quiser lhe fazer um imenso favor, não conte para seus amigos do Village onde ele está. Não agora, pelo menos. Guarde segredo disso. Esqueça que lhe falei. Há um ano, por aí, tivemos no Pilgrim State outro boêmio famoso, e o pessoal do Village ia visitá-lo aos bandos; eram homens e mulheres, velhos e jovens, grandes e pequenos boêmios, e matraqueavam o tempo todo e com certeza não lhe faziam nenhum bem. Sempre que conseguíamos levá-lo para perto da margem, por assim dizer, apareciam uns boêmios e o empurravam para trás. Empurravam-no e lhe seguravam a cabeça embaixo da água. Eles iam lá não tanto para ver nosso paciente como para tentar chamar a atenção de algum

psiquiatra e impressioná-lo com seus vastos conhecimentos de psiquiatria — campo sobre o qual, aliás, eram extraordinariamente mal informados.”

Resolvi seguir suas recomendações e guardar segredo sobre o paradeiro de Gould.

Em pouco tempo espalhou-se pelo Village uma onda de boatos a respeito de Gould. O mais persistente dava conta de que ele herdara algum dinheiro e voltara para Massachusetts, e foi o que acabou sendo aceito como a explicação de sua ausência. Muita gente não acreditava nisso, tenho certeza, ou não acreditava inteiramente, mas optou por fingir que acreditava, e assim lavou as mãos em relação a Gould.

Pouco a pouco, contei a várias pessoas que Gould se encontrava no Pilgrim State. Contei-lhes confidencialmente. A primeira delas foi Edward Gottlieb, um velho amigo de Gould e editor-chefe do *Long Island Press*, jornal diário publicado em Jamaica, no Queens. Quando jovem, Gottlieb morara no Village, escrevera poesia para pequenas revistas e freqüentara redutos da boemia, num dos quais conhecera Gould. Depois de decidir que não era e nunca seria poeta, tornara-se jornalista. Trabalhava no *Press* fazia 25 anos, tendo passado de repórter a editor de notícias locais e por fim a editor-chefe. Durante esse tempo todo, Gould tomou o metrô até Jamaica pelo menos uma vez por mês e eventualmente várias vezes por mês e foi à redação buscar uma contribuição. Contei a Gottlieb por dois motivos. Primeiro, porque ele havia me ligado mais de uma vez para pedir notícias de Gould e demonstrara preocupação, e eu me sentia culpado por não lhe contar. Mas o motivo principal foi que eu sabia de seu vasto conhecimento de hospitais psiquiátricos estatais. Em 1943, ele e seu jornal realizaram no Hospital Creedmoor State, do Queens Village, uma investigação que acarretou melhoria de condições não só no Creedmoor, como em outros hospitais estatais, inclusive no Pilgrim State, e o governador Dewey o nomeara membro do Conselho de Inspetores do Creedmoor. Uma vez conversei com Gottlieb sobre essa investigação e descobri que ele tinha

muitos amigos trabalhando no setor médico e na administração do Pilgrim State, e achei que poderia ser bastante útil a Gould.

Gottlieb me prometeu que falaria com seus amigos do Pilgrim State e faria todo o possível para ajudar Gould. “Pelo jeito, não há muito a fazer”, lamentou. “Pelo jeito, o coitado do Joe está chegando ao fim da linha.”

Depois disso Gottlieb passou a me ligar de quando em quando para me dar notícias de Gould. “O pior sintoma de Joe é a apatia”, informou-me num desses telefonemas. “Ele fica sentado a maior parte do tempo, olhando o vazio. Porém, de vez em quando, dizem os médicos, parece que se lembra de alguma coisa; então sorri e se anima e se levanta e corre pela enfermaria, sacudindo os braços para cima e para baixo e soltando uns guinchos esquisitos, até se cansar. Parece que está tentando dizer alguma coisa com esses gritos. Os médicos, as enfermeiras e os outros pacientes não sabem do que se trata, é claro — eles ficam absolutamente perplexos —, mas eu sei o que ele está fazendo e tenho certeza de que você também sabe.”

No domingo, 18 de agosto de 1957, por volta das onze da noite, Gottlieb me ligou para comunicar que acabara de receber a notícia da morte de Gould. Conversamos durante alguns minutos sobre esse triste acontecimento e depois lhe perguntei se Gould havia deixado alguns papéis.

“Não”, ele respondeu. “Nada. Como disse o sujeito do hospital, ‘Nem um rabisco’. Eu esperava que deixasse. Esperava principalmente que deixasse instruções sobre o destino da História Oral. Ele dizia que dois terços deviam ir para a Biblioteca de Harvard e o terço restante para a Smithsonian Institution, mas não acho certo dividir a obra desse jeito. Quando os estudiosos começarem a usá-la como fonte, vai ser um transtorno, se tiverem de ir até Cambridge para consultar uma parte e depois até Washington para consultar a outra parte. Pode ser que uma dessas instituições concorde em ceder sua cota à outra e a História Oral se mantenha intacta. Por falar nisso, onde está a História Oral?”

Eu disse que não sabia.

A voz de Gottlieb ganhou imediatamente um tom preocupado. “Tinha a certeza de que você sabia”, disse ele. “Estava certo de que Joe havia lhe contado.”

Eu disse que não sabia onde estava a História Oral e não conhecia ninguém que soubesse.

“*Então*, temos de começar a procurá-la”, disse Gottlieb. “Temos de começar a contatar todo mundo que o conhecia bem, e organizar uma reunião e formar um comitê; temos de nos mexer e procurar. Provavelmente está espalhada por aí. Pode ser que uma parte ainda esteja no porão daquela granja, perto de Huntington, onde ele a guardou na época da guerra — o tal porão de pedra que Gould vivia mencionando, o porão da granja de patos —, e outra parte esteja em casas de amigos, no Village, e outra parte esteja nos depósitos dos hotéis e dos albergues onde ele dormia. Será que os albergues têm depósito? Devem ter. Com certeza os hóspedes deixam coisas para os recepcionistas guardarem durante a noite, do mesmo jeito que nos outros hotéis, e depois vão embora e se esquecem, do mesmo jeito que nos outros hotéis, e os albergues devem estar preparados para isso. Confesso que não sei por onde começar. A primeira coisa que temos de providenciar é uma lista dos lugares onde ele morou. Você poderia começar a fazer essa lista agora mesmo. Você vai ajudar com isso, não vai? Você vai participar do comitê?”

Eu não sabia o que dizer. Gottlieb era um homem enérgico, o tipo de homem que consegue tudo que quer, e pela maneira como falava não tive dúvida de que entraria em ação logo de manhã para formar um comitê, e que muito em breve os membros do comitê estariam vasculhando todas as granjas de Long Island e todos os apartamentos do Village e todos os albergues da Bowery. Eu poderia poupar-lhe muito trabalho, se naquele instante lhe contasse o que sabia sobre a História Oral — poderia poupar Gottlieb e seu comitê de uma procura inútil —, mas uma das poucas coisas que aprendi na vida é que há hora e lugar para tudo e achei que não era hora nem lugar de dizer a um dos amigos mais antigos de Joe Gould que eu não

acreditava na existência da História Oral. Joe Gould ainda não estava enterrado, seu corpo ainda não esfriara, e aquele não era o momento de revelar seu segredo. Eu poderia guardá-lo. Eles que fossem em frente e procurassem a História Oral. Afinal, eu poderia estar enganado. Que diabo, pensei — e esse pensamento me fez sorrir —, pode ser que a encontrem.

Gottlieb repetiu a pergunta, dessa vez com certa impaciência: “Você vai participar do comitê, não vai?”

“Vou”, respondi, continuando a representar o papel que assumi na tarde em que descobri a inexistência da História Oral — papel que só agora estou abandonando. “Claro que vou.”

(1964)

* King Philip’s War: guerra que ocorreu em 1675-6 entre os colonos da Nova Inglaterra e uma confederação de índios liderada pelo cacique King Philip. Pequot War: guerra travada em 1637 entre colonos de Connecticut, ajudados por soldados britânicos e por tribos amigas, e os índios Pequot, comandados pelo cacique Sassacus. (N. T.)

* Referência à passagem bíblica de Daniel, 5, em que o rei Baltasar, da Babilônia, profana os vasos do templo, e dedos escrevem na parede três palavras que só o profeta Daniel consegue ler e explicar: *Mane* (“Deus *mediu* o teu reino e deu-lhe fim”); *Tecel* (“tu foste *pesado* na balança e foste julgado deficiente”); e *Parsin* (“teu reino foi *dividido* e dado aos medos e aos *persas*”). (N. T.)

Posfácio

O homem que escutava

João Moreira Salles

Certa vez, no Sul dos Estados Unidos, Joseph Mitchell apontou um binóculo na direção de um pica-pau. O passarinho fazia o que fazem os pica-paus: martelava o tronco de uma árvore. Mitchell acomodou-se no chão e ficou observando. Laboriosamente o pica-pau avançou tronco adentro, rasgando a madeira de casca a casca. A façanha durou quase duas horas e terminou com a árvore vindo ao chão. Mitchell não arredou pé até o final. Mais tarde, disse: “Foi a coisa mais sensacional que já testemunhei”.

Joseph Mitchell era um escritor especialíssimo, tanto na escolha dos temas como no método de escrita. Um texto de apresentação da sua obra poderia começar por qualquer uma das características que o tornaram legendário: a lentidão com que escrevia, o seu peculiar senso de humor, sua tristeza inata, sua grande cortesia, o enigma que cerca os últimos trinta anos de sua vida. Escolhi o pica-pau porque acredito que a história seja uma destilação da alma de Mitchell, uma síntese da maneira particular como ele via o mundo — aquela maneira que o tornou um mestre do jornalismo literário e, possivelmente, um dos grandes escritores americanos do século passado.

Pouca gente destinaria tempo a um pica-pau empenhado em bicar uma árvore. Alguns tantos segundos, sim; alguns minutos, talvez; duas horas, não. Primeiro, porque isso exige disciplina e paciência: ficar ajoelhado no mato em completo silêncio é chato. Depois, porque um pica-pau bicando uma árvore não chega a ser um assunto danado de interessante. O segredo

da escrita de Joseph Mitchell reside precisamente em contradizer essas duas afirmações. Contradiz a primeira revelando uma capacidade incomum de ter paciência, dom que se traduzirá numa obra construída em torno da escuta atenta e constante. Contradiz a segunda demonstrando que, quando se tem paciência, o que parece banal — um pica-pau bicando um tronco — pode ser extraordinário — um pica-pau derrubando uma árvore. A cada texto publicado, Joseph Mitchell provava que um pica-pau estava prestes a fazer o impossível. Para nossa surpresa e, mais ainda, para nosso grande deleite, ao cabo de todo texto dele uma árvore vem abaixo, espantosamente.

É bom que se diga, nem sempre o espanto provém de algum prodígio da natureza ou da consumação de fatos extraordinários. Mitchell tinha de fato um carinho especial pelas bizarrices da vida — foi sobre uma mulher barbada que escreveu um de seus perfis mais comoventes —, porém na maioria das vezes seus textos tratam de assuntos prosaicos: um antigo bar, um hotel abandonado ou um velho cemitério. Se o espanto permanece, é porque subitamente nos damos conta de que vidas anônimas podem ser extraordinariamente belas. Cabum! A árvore vem abaixo.

Joseph Mitchell nasceu em 1908, no estado da Carolina do Norte, Sul dos Estados Unidos. O pai era plantador e negociante de algodão e durante um bom tempo a família supôs que Joseph iria substituí-lo, cuidando das terras de seus antepassados. Da infância e da adolescência, Mitchell guardou a memória das visitas que fazia com as tias aos velhos cemitérios da região, nos quais estavam enterrados não só a parentela, mas também os pequenos grandes personagens do folclore local. As visitas obedeciam a um ritual tão fantástico quanto rigoroso. Lentamente, de túmulo em túmulo, o pequeno Joseph era passado de mão de tia em mão de tia como um bastão. Numa espécie de revezamento narrativo, a cada nova lápide ele ouvia da tia que agora lhe segurava a mão episódios da vida do morto diante do qual se encontravam. O nome gravado na pedra era lido em voz alta e seu titular, homenageado com uma história. Estas misturavam fatos biográficos com fuxicos e fantasias e nunca eram mórbidas. Também não tinham o compromisso de ser edificantes. Se o morto tivesse sido uma peste, as tias

não economizavam adjetivos azedos, porém mesmo nesses casos a homenagem estava lá: entre gritinhos, muxoxos e risadas, o morto era lembrado. Mitchell nunca se esqueceria do que é capaz o relato oral.

Não desgostava do campo, mas a inabilidade com a aritmética o fez concluir que jamais seria um bom negociante. Preferiu deixar os negócios na mão dos irmãos, e no dia 25 de outubro de 1929, depois de uma longa viagem, descansou as malas na calçada em frente à estação de trem, olhou para cima, para o alto dos arranha-céus, e engoliu com os olhos a cidade em que ambientaria sua obra: Nova York. Chegou numa sexta-feira. Tivesse chegado um dia antes, a data teria nome: Quinta-Feira Negra. Na véspera o mundo viera abaixo, a reboque do desmanche da bolsa de valores. Numa resenha publicada no *New York Review of Books*, o escritor Russel Baker observou que Mitchell iria conferir à sua cidade de adoção uma doçura e uma gentileza de caráter capazes de mitigar a dureza das vidas sobre as quais escreveria.

A sua Nova York não é a cidade indiferente e anônima da literatura do século XIX, nem o inferno dos desvalidos do romance social da década de 30. Tampouco é a metrópole positiva da utopia modernista, berço único de todas as possibilidades e invenções. A sensibilidade de Mitchell, temperada pelo tempo largo, quase elegíaco, dos modos do campo, viria buscar na cidade grande um semiparadoxo: a permanência — aquilo que não muda, ou muda pouco. Mais ainda: aquilo que resiste à mudança, às vezes militantemente. A obra de Mitchell é uma celebração de pessoas e lugares que, apesar de todas as tendências e argumentos contrários, escolhem preservar seus anacronismos. Nada o satisfazia tanto como as pequenas insurreições contra a crueldade do tempo. Quanto mais idiossincráticas fossem, melhor.

Um de seus textos mais conhecidos — “The old house at home”, publicado originalmente em 1940 na revista *The New Yorker* — é um perfil do mais antigo *saloon* de Nova York. A abertura contém tudo o que é necessário saber a respeito das predileções afetivas do autor:

O McSorley's ocupa o andar térreo de um prédio de tijolos vermelhos, o número 15 da rua 7, vizinho à Cooper Square, onde a Bowery termina. Foi inaugurado em 1854 e é o bar mais antigo de Nova York. Em 88 anos, teve quatro proprietários — um imigrante irlandês e seu filho, um policial aposentado e sua filha —, todos avessos a mudanças. Embora disponha de energia elétrica, continua teimosamente iluminado por duas lâmpadas a gás — toda vez que alguém abre a porta, a luz oscila e projeta sombras no teto baixo, coberto de teias de aranha. Não há caixa registradora. As moedas são jogadas em tigelas — uma para as de cinco centavos, uma para as de dez, uma para as de 25 e uma para as de cinquenta — e as notas são guardadas num cofre de madeira. É um lugar modorrento; os barmen nunca fazem um gesto desnecessário, os fregueses esvaziam a caneca lentamente e os três relógios de parede não entram em acordo há muitos anos.

Depois de trabalhar em diversos jornais nova-iorquinos, em 1934 Joseph Mitchell foi contratado pela *New Yorker*. Um ano antes chegara à redação o jovem William Shawn, o também legendário editor a quem Mitchell iria submeter quase toda a sua produção ao longo dos trinta e tantos anos seguintes.

Shawn era o editor dos sonhos de todo escritor. Não há caso nas letras americanas de alguém que tenha ajudado a afinar tantos textos clássicos. Pela sua mão passaram, entre outros, Edmund Wilson (*Os manuscritos do mar Morto*), John Hersey (*Hiroshima*), Mary McCarthy (*Memórias de uma menina católica*, *Venice observed* e *The stones of Florence*), S. N. Behrman (*Duveen — O marchand das vaidades*), Lillian Ross (*Picture*), Hannah Arendt (*Eichmann em Jerusalém*) e Truman Capote (com quem Shawn trabalhou durante vários anos no manuscrito de *A sangue frio*). Pelos corredores da *New Yorker* circulava a história de que o Novo Testamento seria um livro muito melhor caso tivesse resultado da colaboração entre Mateus, Marcos, Lucas e Shawn. Dotado de lucidez e precisão extremas, Shawn substituíra palavras quase perfeitas pela palavra perfeita e conseguia imprimir estrutura e forma a textos amorfos. Lillian Ross conta que certa vez, ao corrigir as provas de uma introdução que ele escrevera para um livro dela, Shawn limitou-se a trocar a ordem das palavras. A frase dizia: “O livro

permanece tão vital e singular quanto na época em que foi escrito”. Ele olhou, refletiu um pouco e mudou para “O livro permanece singular e tão vital quanto na época em que foi escrito”. “Não existem graus de singularidade”, disse. Um outro autor, depois de ter seu texto editado ao longo de meses e vê-lo extraordinariamente melhorado, observou que agora o artigo pertencia tanto a ele como a Shawn, que retrucou: “Não, ele pertence a você. Eu apenas o tornei mais seu”. Se alguém quiser uma boa definição do trabalho de um editor, aí está.

Desde sua criação, em 1925, a *New Yorker* cultivava manias que desafiavam todo bom senso editorial. Por exemplo: tanto na gestão de Harold Ross, seu fundador e editor até 1951, como na de William Shawn, à frente da publicação de 1951 a 1987, a *New Yorker* manteve o princípio de jamais pautar seus escritores. Num livro-homenagem a Shawn, *Remembering mr. Shawn's "New Yorker"*, o escritor Ved Mehta cita o próprio Shawn a esse respeito: “Somos uma revista de escritores e de artistas gráficos, e é fundamental que nossos colaboradores possam escrever e desenhar o que bem entenderem. Um dos problemas com a encomenda de matérias é que elas transformam colaboradores em empregados”.

Shawn e Ross criaram uma estrutura de amparo aos seus autores sem paralelo na história editorial americana. O cuidado com o texto era tamanho que, além de contar com os editores propriamente ditos (e com um impecável departamento de checagem), a *New Yorker* tinha ainda a formidável sra. Eleanor Gould, editora responsável por gramática, sentido, clareza e consistência. Ter um texto aceito pela *New Yorker* equivalia a uma sutil mudança de status. Repórteres que começavam a publicar na revista viam-se subitamente chamados de escritor; a crítica se referia aos seus escritos como “sua obra”. Tal rigor, aliado à cultura própria da *New Yorker*, era perfeito para que talentos como o de Joseph Mitchell pudessem florescer.

Outra tradição mantida até o final da década de 80, quando a revista passa a obedecer às normas do conglomerado editorial Condé Nast, era não fazer pesquisas de opinião entre o público. Ross e Shawn acreditavam que a

força da *New Yorker* residia antes de tudo na capacidade de surpreender os leitores, oferecendo-lhes o que não esperavam encontrar. Consideravam que definir o conteúdo da revista em função de pesquisas seria o primeiro passo rumo à banalidade. O trânsito devia ser de mão única, brotando da imaginação sem constrangimentos do escritor e desaguando na surpresa dos leitores. Nunca vice-versa.

Tanta liberdade fez bem a Mitchell. Para melhor usar seu talento, ele dependia da boa vontade de editores dispostos a bancar um repórter com verdadeiro horror a notícias, em especial aquelas que aparecem com ponto de exclamação nas manchetes dos jornais. Mitchell inventou uma categoria toda nova para o jornalismo literário: o pequeno tema (não confundir com o pequeno personagem — Mitchell ficava tristíssimo quando alguém dizia que seus personagens eram pequenos). Em seus escritos não passeiam vedetes, nem políticos, nem assassinos, nem capitães da indústria. Ninguém vence, morre, fica rico ou se supera. O que não significa que não sejam todos personagens extraordinários. São, mas quietamente, à moda do pica-pau.

A primeira colaboração de Mitchell na revista é um perfil da pequena cidade de Elkton, no estado de Maryland, onde se celebravam mais casamentos do que em qualquer outra cidade americana. Depois de algumas matérias esporádicas, foi contratado como escritor fixo. Trabalharia ali até o final da vida, numa lealdade que lembra a dos velhos jogadores de futebol que vestiam uma camisa só. Com o apoio de Shawn, passaria o resto de seus anos escrevendo sobre ciganos, anarquistas, barmen, índios, surdos-mudos, bilheteiras de cinema, papais-noéis, exterminadores de rato, criadores de baratas (o bichinho com antenas) de corrida, mulheres barbadas, pregadores de rua, crianças-prodígio e “prodígios de toda natureza, aos quais dedicava o zelo e a proteção com que se cuida de uma criança”, na frase de seu colega da *New Yorker* William Maxwell. Joseph Mitchell jamais escreveu uma linha sobre alguém que não admirasse.

A característica mais notável de sua prosa talvez seja a precisão. O texto de Mitchell lembra “o som que fazem os carpinteiros quando estão construindo uma casa”, escreveu Maxwell. “*Bang. Bang. Bang.* Sem hesitações. Sem pregos tortos. Cada palavra sendo levada, por assim dizer, até o fundo da madeira.” Mitchell era absolutamente obsessivo em relação às palavras que empregava. Não desperdiçava nenhuma. O que disse dos garçons do McSorleys — “nunca fazem um gesto desnecessário” — cai feito uma luva ao seu texto.

Brendan Gill, também da *New Yorker*, conta que Mitchell corrigia as provas até o último momento, à cata de excessos: “Das dez a quinze mil palavras que um artigo pode ter [para efeito de comparação, este posfácio tem aproximadamente 5600], Mitchell, depois de uma agonia final provocada pela indecisão, pode querer alterar dois ou três adjetivos. Ele só nos permite [aos colegas de revista] ler e julgar a imaculada versão final do texto”.

Em geral a reescritura crônica acaba engessando a prosa, tirando-lhe o viço e a juventude. Burilar em excesso pesa. Mitchell é dos poucos escritores a escapar dessa regra. De tão leves, seus parágrafos parecem flutuar um pouquinho acima da página. Suas frases são claras como água mineral e dão a impressão de terem sido escritas há dois minutos. A idéia vira frase tomando sempre o caminho mais curto. Não há em toda a sua obra uma única frase vestida a rigor ou com cara de quem faz pose para capa de revista. Mitchell é autor de uma das prosas mais desafetadas das letras norte-americanas.

“Na opinião de muitos (o que é uma maneira pouco modesta de dizer ‘na minha opinião’), o melhor escritor da *New Yorker* é Joseph Mitchell.” A frase está nas memórias de Brendan Gill, mas é possível encontrar testemunhos semelhantes em várias outras fontes. Não é pouca coisa ser considerado o mais perfeito escritor de uma revista como a *New Yorker*, por onde passou gente como E. B. White, A. J. Liebling, James Thurber, S. N. Berhman, John PcPhee, Dwight Macdonald, Robert Benchley, Wolcott

Gibbs, Janet Flanner, Calvin Trillin, Edmund Wilson, Kenneth Tynan, Lillian Ross, John Hersey, Jane Kramer, Pauline Kael e Truman Capote, para ficar apenas nos praticantes de literatura de não-ficção. Mas convém ser prudente com essas comparações. Como escreveu o poeta e ensaísta Joseph Brodsky, outro colaborador da revista, entre os anjos não existe hierarquia. A partir de certo grau de excelência é bobagem comparar escritores para determinar quem é superior a quem. O melhor elogio que se pode fazer a Mitchell é dizer que até hoje ele representa o paradigma da grande tradição do jornalismo literário americano. É o exemplo a ser seguido. Mitchell é o escritor dos escritores. Quem entende do riscado gostaria de ser igual.

É bem verdade que se todo aspirante a escritor fosse igual a ele o mundo teria bem menos livros. Além da unanimidade quanto à qualidade da sua prosa, há outro aspecto sobre o qual os admiradores de Mitchell costumam concordar: ele era o escritor mais lento do mundo. Durante os primeiros anos de profissão, quando trabalhava em jornais, até que escrevia rápido, menos por gosto do que por necessidade. Entretanto, ao ser contratado pela *New Yorker* decidiu que nunca mais cumpriria prazos alheios. Numa entrevista dada em 1995, lembrou o que pensara ao tomar posse do cubículozinho a que todo escritor fixo da *New Yorker* tinha direito: “Eu disse a mim mesmo: a partir de agora estou pouco ligando, vou levar o tempo que precisar”. E levou. No começo suas matérias eram apuradas e escritas em meses, prazo não tão incomum para artigos como os dele. “O Professor Gaivota”, publicado em dezembro de 1942, foi apurado em dezesseis dias, escrito em dezoito, revisado (por ele) e editado (por Shawn) em cinco meses. Com o passar dos anos, Mitchell foi dilatando os prazos. Seus soberbos artigos da década de 50 levaram de dois a três anos para serem escritos.

Por que tanto tempo? Em primeiro lugar, porque Mitchell estava inventando uma nova maneira de escrever histórias de não-ficção. Além de inovar nos temas, incorporando ao repertório do jornalismo o perfil do homem anônimo, Mitchell decidiu experimentar com a forma. Sua idéia era

tão simples quanto revolucionária: tratar histórias da vida real com técnicas de ficção. A partir da década de 40, começou a escrever seus artigos como se fossem pequenos contos, desvelando a informação aos poucos e levando o leitor a imergir progressivamente no universo descrito, numa lenta aproximação. A princípio essas experiências foram recebidas com reservas na *New Yorker*. Anos mais tarde, citado por Ben Yagoda em *About town*, Mitchell recordaria:

Quando comecei a carreira de repórter, o modo convencional de tratar determinado assunto era escrever um *lead* e, a partir dele, fornecer os detalhes da história. Durante muito tempo essa idéia dominou as concepções de Harold Ross. Ele queria tudo no *lead*, exatamente como nos jornais. Era comum ele devolver meu texto com uma lista de perguntas a respeito de informações que julgava estarem faltando no início da história, e minha resposta era esta: “O que o senhor quer que eu faça? Que conte tudo no primeiro parágrafo?”. Com o tempo ele começou a perceber que a surpresa e o desenrolar [da narrativa] eram parte da graça.

Como mostra a leitura dos perfis de Joe Gould, no caso específico desses dois clássicos Mitchell esperou 22 anos para dar o desfecho da história, tempo que separa “O Professor Gaivota” de “O segredo de Joe Gould”.

Não deve ter sido fácil convencer Harold Ross, cuja folclórica mania de precisão também diz muito da *New Yorker*. James Thurber conta que certa vez, diante do cartum de dois elefantes olhando para um filhote com a legenda “Acho que é hora de contar pro Junior os fatos da vida”, Ross pegou a caneta e rabiscou na margem: “Qual elefante está falando?”. Outra de suas obsessões eram as vírgulas. Gostava muito delas por achar que deixavam as coisas mais claras. Um dia Thurber recebeu a carta de um leitor exasperado com a quantidade de vírgulas nos textos da *New Yorker*. Dava como exemplo a frase de um artigo recente do próprio Thurber: “‘Depois do jantar, os homens foram para a sala de estar’. Por que a vírgula?!”, perguntava aos gritos o leitor. Thurber não titubeou: “Eu sabia direitinho como explicar

aquela vírgula. Respondi dizendo que ela era uma maneira que Ross encontrara para dar tempo aos homens de afastar a cadeira e ficar de pé”.

Outra razão pela qual Joseph Mitchell necessitava de tempo era o fato de suas histórias nascerem do convívio íntimo com o mundo narrado. Ele era um homem de hábitos arraigados — o mesmo restaurante, as mesmas ruas, o mesmo tipo de ambiente. Suas melhores histórias são decorrência dos seus costumes: o gosto por bares anacrônicos, o fascínio pelo mercado de peixes, a obsessão por frutos do mar, o interesse por gente idiossincrática. Mitchell visitava, revisitava e visitava de novo seus lugares prediletos, às vezes ao longo de anos, observando e ouvindo tudo o que lhe passasse diante dos olhos e dos ouvidos. Tinha verdadeiro amor por coisas, pela constelação de objetos físicos que mobiliava seu universo de predileção. Muitas vezes interrompe o fluxo narrativo para listar minuciosamente o que vê diante de si: placas, cardápios, indumentária, reboco de parede, mecanismo de elevador, o jeitão de peixes e moluscos. Esse hábito correria o sério risco de ser chatíssimo na mão de um escritor menor, porém Mitchell compõe suas listas com tanto gosto e carinho (a sensação é a de que está lambendo os beiços enquanto escreve), que parece impossível não sairmos do texto com a impressão de que o mundo é mais rico do que supúnhamos. Nessas horas Joseph Mitchell lembra seu contemporâneo Walker Evans, o grande fotógrafo americano que nos deu imagens inesquecíveis de objetos até então insignificantes — cartazes de rua, postes, velhos armazéns. Evans e Mitchell são daquela estirpe de artistas capazes de provar que muito mais coisas na terra merecem nossa atenção do que poderíamos imaginar. Gente que se dedica à boa tarefa de nos aguçar a consciência do mundo.

Nas mãos de Mitchell, a observação minuciosa do mundo material é uma estratégia literária. Ele acreditava, acertadamente, que uma pessoa pode ser descrita por aquilo que a cerca. De fato, para saber de um hipocondríaco, basta olhar a caixa de remédios. Suas listas são um modo de vasculhar a alma dos personagens. Com grande sutileza, Mitchell conseguia falar de coisas intangíveis e, para todos os efeitos, internas (sensibilidades, humores, afetos) através de objetos palpáveis e externos, como retratos na parede e

relógios desalinhados. A descrição do que ia dentro das pessoas sempre foi o que mais lhe interessou. Como escritor, tinha preferência pelo mergulho vertical — seus artigos são magníficos perfis psicológicos —, em detrimento dos prazeres horizontais, digamos assim, do enredo. (Não por acaso, seu grande herói literário era James Joyce.) Acontecem muitas coisas nas histórias de Mitchell, mas poucas ocorrem na superfície ou se traduzem por movimento e agitação. O que lhe importa não pode ser detectado apenas com o olho. Ele é um escritor da alma.

Mitchell é um recenseador, um observador. Nesse sentido, seu jornalismo é o inverso da veneranda e heróica tradição do jornalismo investigativo, no qual o trabalho de apuração busca descobrir o que está guardado a sete chaves. Mitchell, ao contrário, escreve sobre o que está diante dos olhos de todos, mas sem que ninguém preste muita atenção. Só a *New Yorker* era capaz de abrigar um escritor tão idiossincrático. A revista de Harold Ross e William Shawn criara as condições institucionais para o tipo de jornalismo praticado por ele. Só ela combinava quatro predicados essenciais: tempo (para apurar e escrever), espaço (quando a matéria era grande demais, o editor simplesmente dividia o artigo em duas ou mais partes), apoio financeiro e liberdade editorial. Mitchell podia levar dois anos escrevendo a matéria que bem quisesse. O salário pingava todo mês.

Se Ross e Shawn eram pacientes com Mitchell, Mitchell era de uma paciência suprema com seus personagens. Numa das últimas entrevistas que concedeu, disse: “Para falar a verdade, depois de um tempo comecei a achar que, se tenho algum talento, ele nasce do fato de eu não me chatear com facilidade. Posso ficar ouvindo qualquer pessoa indefinidamente”. Todos os que já escreveram sobre Mitchell são unânimes em declarar que não havia melhor entrevistador. No entanto, nossa idéia de entrevista está irremediavelmente comprometida pela noção que temos da entrevista jornalística, o repórter aproximando-se do entrevistado munido de uma pauta específica de perguntas, cada qual feita com o propósito de elucidar determinado aspecto do assunto em questão. Nesse modelo, o entrevistador

está à procura de respostas exatas; a entrevista é um espelho de suas dúvidas. Mitchell não trabalhava assim. Não buscava nenhum fato específico, não queria nenhum tipo de precisão. Não era detetive. Era um curioso. Interessava-se por tudo, contanto que brotasse espontaneamente. Uma vez ele disse: “Acredito que, do ponto de vista da conversa, as pessoas mais interessantes são homens reunidos num bar, jogando conversa fora para combater a solidão. Também mulheres no sol em torno de seus bebês, falando sobre como foi a semana ou sobre o aumento do preço da carne. A melhor conversa é sem arte, sem cálculo”.

Mais do que um ótimo entrevistador, Joseph Mitchell era um soberbo praticante da arte de escutar. Todos os seus artigos, sem exceção, têm origem na escuta. Se existe a fala caudalosa, suponho que também exista a escuta caudalosa. Mitchell a possuía. Ele escutava, escutava, escutava. Um personagem seu, Louis, dono de restaurante, descreve assim uma velha freguesa: “Falava de pessoas e de épocas passadas e sabia um bocado de coisa. Tinha vivido com os olhos bem abertos”. O mesmo vale para Mitchell. Basta trocar olhos por ouvidos. Dizia não conseguir escrever sobre uma pessoa até que ela fizesse “a observação reveladora”, expressão cunhada por ele. Aqui está o ouro de toda a arte de Joseph Mitchell. A “observação reveladora” é aquela que surge absolutamente singular, dita provavelmente pela primeira vez, para surpresa e alegria do próprio falante. É uma palavra nova e inviolada, trazida à tona pela feliz empatia entre quem fala e quem escuta. Pouca gente consegue provocar isso. É preciso que, sem palavras, o entrevistador seja capaz de dizer ao entrevistado que tudo o que ele tiver a falar importa e merece ser ouvido. Esta é a dimensão moral da escuta: ouço porque você me interessa. Era assim que Mitchell escutava.

De todos os seus personagens, Joe Gould é aquele a quem mais escutou. Numa ocasião, ouviu-o falar durante dez horas seguidas. Começou a escutá-lo em 1938 e seguiu escutando-o, ainda que intermitentemente, até a morte de Gould, em 1957. Formado em Harvard (“*magna cum difficultate*”), classe de 1911, Joseph Ferdinand Gould era um literato maltrapilho que vivia pelas

ruas do bairro boêmio de Greenwich Village carregado de lápis, cadernos, guimbas de cigarro e piolhos. Vivia da boa vontade alheia e dizia saber falar a língua das gaivotas, tendo inclusive traduzido alguns poemas para o idioma. Longfellow, por exemplo, soava melhor em gaivotês, segundo Gould.

Depois de iniciar a vida embrenhando-se em expedições antropológicas dedicadas a medir a cabeça de índios, Joe Gould teve uma súbita revelação ao tropeçar na seguinte passagem de um livro de W. B. Yeats: “A história de uma nação não está nos parlamentos e nos campos de batalha, mas no que as pessoas dizem umas às outras em dias de feira e em dias de festa, e na maneira como trabalham a terra, como discutem, como fazem romaria”. Quando terminou de ler a frase, Gould soube o que iria fazer pelo resto da vida: escutar as pessoas — nas ruas, nos bares, nos banheiros, no metrô, à noite, de dia, de madrugada, frente a frente, atrás das portas, propositalmente, sem querer — e em seguida reunir todas as falas num livro monumental intitulado *Uma história oral de nossa época*, um compêndio de tudo o que fora dito por seus contemporâneos. No futuro, dizia Gould, sua *História* seria estudada por críticos e sábios, e todos o comparariam a Gibbon. Mitchell não poderia deixar de se interessar por alguém que, como ele, desejava escutar o mundo. Era o personagem perfeito.

Os dois perfis dedicados a Joseph Gould são as obras-primas de Mitchell. Com a atenção de sua escuta ele consegue resumir, às vezes numa única frase, tanto a comicidade como o drama dos personagens. Existe melhor definição para a sensação de não caber direito no mundo do que a frase de Joe Gould sobre si mesmo? “Encontrei uma palavra que resume meu modo de ser [...]: ‘ambissinistro’, canhoto das duas mãos.”

Quanto à outra autodefinição de Gould — “Sofro de delírio de grandeza. Acho que sou Joe Gould” —, ela revela mais um dom de Mitchell: o humor. Um humor melancólico, às vezes negro como o de seu colega de revista Charles Addams, criador da Família Addams, mas sempre filosófico,

desses que reduzem a quase nada as grandes pretensões da vida. O humor de Gogol e do Eclesiastes, segundo o próprio Mitchell. Muitos de seus perfis são cômicos, mas há sempre um elemento de melancolia correndo por baixo, brotando eventualmente como aluvião. Um dia, depois de ler um artigo de Mitchell, Harold Ross espetou a cabeça dentro da sala dele e disse: “Sabe, você é um sujeito bem tristonho”. Fez uma pausa, pensou um pouco e completou: “Se bem que eu também não sou nenhum raiozinho de sol...”. (Gozada, a *New Yorker*. A publicação que Ross fundara como semanário de humor, e que de fato revolucionaria o humorismo americano tanto escrito como gráfico, estava recheada de tristes.)

Em 1964 Mitchell publicou “O segredo de Joe Gould”, revelando o extraordinário mistério que decidira guardar por mais de vinte anos. Pelos trinta seguintes até sua morte, em 1996, continuou indo todos os dias ao escritório da *New Yorker*. Entrava no seu cubículozinho e do corredor podia-se ouvir o tlec-tlec da máquina de escrever. Mas jamais se soube o que estava escrevendo. Com exceção de uma pequena nota introdutória quando da reedição de “O segredo de Joe Gould”, no início dos anos 90, nunca mais publicou uma linha. A *New Yorker*, honrando velhos hábitos, seguiu pagando-lhe o salário de 20 mil dólares anuais.

Seu silêncio literário é um mistério. Muitas vezes é interpretado como decorrência do último perfil que escreveu (ao terminar de ler “O segredo de Joe Gould”, sabemos por quê); é a explicação psicanalítica. Talvez. De minha parte, acho que Joseph Mitchell parou por outras razões, ao mesmo tempo mais simples e mais dolorosas. Ele passara a vida escrevendo sobre pessoas e lugares que, apesar de estarem em vias de desaparecimento, continuavam firmes e fortes, resistindo. Seu tema era a permanência. Jamais se tratou de nostalgia, porque nada deixara de existir — o velho hotel, o velho *saloon*, a mulher barbada, o antigo cinema, pessoas e lugares anacrônicos, sim, mas ainda vivos, ainda de pé. Até que desapareceram. Russel Baker diz que quando Mitchell parou de escrever a cidade já era outra. O martíni havia sido substituído pelo LSD. Mitchell porém era incapaz de escrever uma única

frase melodramática; sua natureza o impedia de se entregar a lamentações em textos ensopados de saudade. É possível que tenha tentado encontrar uma saída, outros temas, outras histórias. Não conseguiu. O silêncio não parece ter sido fruto de deliberação.

Sua obra ajuda a elucidar parte do mistério. A respeito do hábito de um personagem seu de hospedar-se em hotéis velhos e semidecadentes, Mitchell escreveu o seguinte: “O sr. Flood está bem de vida e sem dúvida poderia ficar no Waldorf Astoria, mas as novidades o deprimem. Como a maioria das pessoas de idade, ele se sente bem melhor rodeado de coisas que já duraram um bom tempo”.

Ao escrever sobre os outros, Mitchell quase sempre falava de si mesmo. Era como o sr. Flood. Escreveu enquanto pôde reconhecer sua cidade. No fim da vida, disse: “Eu sou um fantasma. Hoje, tudo está mudado”.

Mitchell nunca fez alarde do fato de ter parado de publicar. Seu silêncio não foi espalhafatoso. Ele não se retirou para as montanhas, não fez declarações solenes, não pediu que o deixassem em paz. Continuou conversando com quem tinha curiosidade de estar com ele. Ao contrário de J. D. Salinger, o outro grande caso de mudez da *New Yorker*, Mitchell manteve todas as suas rotinas e seguiu vivendo como se nada tivesse mudado. Pelo menos era essa a impressão dos seus amigos de revista. Gostava de olhar os quadros do Metropolitan, almoçava quase todos os dias no restaurante de peixes da estação de trem Grand Central, visitava o cais do porto. Durante vários anos fez parte do comitê de preservação do patrimônio histórico de Nova York, órgão ligado à prefeitura cuja função era recomendar o tombamento de velhos prédios da cidade. A quem lhe perguntasse o que estava escrevendo, dizia estar terminando um artigo, faltavam apenas uns retoques. Toda manhã o pessoal da limpeza encontrava folhas de papel amassadas na lata de lixo da sua sala. Quando morreu, os amigos correram para seus arquivos em busca da produção clandestina de trinta anos. Não encontraram nada. Mitchell morreu sem deixar gavetas.

No final da década de 80 a *New Yorker* foi comprada por S. I. Newhouse, proprietário do grupo Condé Nast. Em 1987, numa tentativa de modernizar a publicação, William Shawn foi afastado. Em carta à redação, o editor que dedicara 57 anos a publicar uma das revistas mais extraordinárias do século passado escreveu: “Como disse um leitor, a *New Yorker* foi a mais gentil das revistas. Talvez tenha sido também a melhor, mas isso tem muito menos importância”. As palavras se aplicam a Mitchell. Talvez ele tenha sido o melhor de todos, porém o mais importante é que foi o mais gentil. Escreveu com imenso carinho e fez do afeto uma arma poderosíssima contra o esquecimento. Em última instância, a memória é a essência de sua obra. Pior do que a morte física, só o esquecimento, diziam os gregos, porque só nele a morte cumpre plenamente sua promessa. Mitchell assinaria embaixo. Escrevia para que as coisas não morressem.

Outro colaborador da *New Yorker*, Milan Kundera, escreveu em *Lentidão*: “Do manual de matemática existencial: a taxa de velocidade é diretamente proporcional à intensidade do esquecimento. Existe um elo secreto entre lentidão e memória, entre velocidade e esquecimento”. Essa talvez seja a derradeira razão pela qual Mitchell demorava tanto para escrever. Levava tempo porque queria lembrar-se de tudo. Quando o mundo se tornou vertiginoso demais para ele, forçou-o a parar. Mas àquela altura Mitchell já conseguira o mais importante: não nos deixar esquecer o mundo de que gostava tanto.

Acredito que, do ponto de vista de um escritor, dificilmente exista empreitada tão louvável.

* * *

Ah, sim: o McSorleys continua vivo. Cercado de todos os lados por lojas de franquia, permanece do jeito que Mitchell o descreveu há sessenta anos. Podemos entrar, limpar a lama do sapato batendo o pé no chão (é hábito da casa; nada de capachos, a serragem espalhada pelo piso dá conta da sujeira), esquentar as mãos no fogareiro de carvão, pagar dois dólares por

uma caneca de cerveja (escura ou clara, produção própria), ir até um canto, espantar o gato da cadeira e nos sentarmos para ver a vida passar. Horas mais tarde, ao pôr o pé na calçada, quem quiser pode prestar uma pequena homenagem a Joseph Mitchell. Basta ler em silêncio a frase petulante estampada no canto direito da vidraça, para serventia dos que passam na rua: “McSorleys: Nós estávamos aqui antes de você nascer”.

Copyright de “O Professor Gaivota” © 1942 by Joseph Mitchell
Copyright de “O segredo de Joe Gould” © 1964 by Joseph Mitchell
Copyright do posfácio © 2003 by João Moreira Salles

Indicação editorial

Matinas Suzuki Jr.
João Moreira Salles

Título original

Professor Sea Gull e Joe Gould's Secret

Capa

João Baptista da Costa Aguiar

Preparação

Beatriz de Freitas Moreira

Revisão

Isabel Jorge Cury
Carmen S. da Costa

Todos os direitos desta edição reservados à
editora schwarcz ltda.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — sp

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br